

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Eldon Mendes de Souza

**A DIMENSÃO RELIGIOSA E SUA INFLUÊNCIA NA
RECUPERAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS:
Estudo sobre a Dependência Química no Núcleo de Apoio a
Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima**

RECIFE, PE

2015

Eldon Mendes de Souza

**A DIMENSÃO RELIGIOSA E SUA INFLUÊNCIA NA
RECUPERAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS:
Estudo sobre a Dependência Química no Núcleo de Apoio a
Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Campo religioso brasileiro, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alencar Libório

RECIFE, PE

2015

S729d

Souza, Eldon Mendes de

A dimensão religiosa e sua influência na recuperação de dependentes químicos : estudo sobre a dependência química no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima / Eldon Mendes de Souza ; orientador Luiz Alencar Libório, 2015.

124 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2015.

1. Toxicomania - Boa Vista, (RR). 2. Religiosidade. 3. Ensino religioso. 4. Obras da igreja junto aos toxicômanos. 5. Religião e sociologia. I. Título.

CDU 2:301

ELDON MENDES DE SOUZA

**A DIMENSÃO RELIGIOSA E SUA INFLUÊNCIA NA RECUPERAÇÃO DE
DEPENDENTES QUÍMICOS: estudo sobre a dependência química no Núcleo de
Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista- RR.**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado
em Ciências da Religião, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador

Prof. Dr^a Rubenilda Maria Rosinha Barbosa.
Universidade Federal de Pernambuco
Titular externo

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas
Universidade Católica de Pernambuco
Titular interno

RECIFE-PE,

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este mestrado em especial a minha mãe Maria Mendes Duarte (*in memoriam*), por tudo que me ensinou e de bom me deixou educação, valores, incentivo e apoio em todas as minhas escolhas e decisões ao longo percurso da vida. Apesar de sua ausência continuo preservando e aplicando diariamente na vida todos os seus ensinamentos que me foram repassados com amor e ternura. Deus lhe levou para um outro plano da vida, mas o seu espírito guerreiro e vitorioso permanecem vivo dentro de mim. Respeitosamente, o meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me abençoou nessa longa caminhada.

Ao Governo do Estado de Roraima, por meio da Secretaria de Estado da Educação e Desporto, pelo investimento feito em nós, professores.

Aos meus pais, Maria Mendes Duarte (*in memoriam*) e Vicente Costa de Souza (*in memoriam*).

Ao meu irmão Carlos Alberto de Souza, suas lições e ensinamentos transmitidos me fizeram crescer, me fortaleceram e continuar lutando pelos meus objetivos.

Aos meus familiares que tanto me incentivaram e me apoiaram no decorrer dessa conquista, em especial, a minha tia Maria Célia Mendes Duarte e meu tio Carlos Alberto Bezerra de Souza (*in memoriam*).

A instituição NATA que abraçou a causa e deu todo suporte e apoio necessário para a realização da pesquisa de campo e aos participantes da pesquisa, que foram fundamentais para a realização e conclusão desse trabalho.

Ao orientador “amigo”, Prof. Dr. Padre Luiz Alencar Libório, pela orientação, paciência, tranquilidade, responsabilidade, humildade e serenidade na sua maneira motivadora e sábia compartilhando conhecimentos.

A examinadora externa Prof. Dr^a. Rubenilda Rosinha Barbosa e ao examinador interno Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas pela participação, dedicação, contribuição e apoio.

Aos meus amigos que tanto vibraram com a chegada desse momento.

Enfim, a todas as pessoas que acreditaram e confiaram em mim.

A religião é um fenômeno de intensa importância para a vida dos seres humanos e se manifesta através de diferentes formas. Por desempenhar função social indispensável, o homem sempre tem procurado algo sobrenatural que lhe transmita paz de espírito e segurança, ou mesmo respostas para o grande enigma da sua própria existência e da criação do Universo como um todo bem como do sentido da vida terrena e após a morte. Logo, a religião é um vínculo íntimo e necessário entre o mundo profano e o mundo sagrado, no qual a experiência religiosa, enquanto resultado da transcendência e do Transcendente, dá respostas para as diversas perguntas sobre o sentido da vida e da existência, oferece amparo e segurança para os momentos difíceis, preenche aquele vazio gerado pela finitude da vida e garante um destino positivo no final da caminhada do ser humano. Pela experiência religiosa a humanidade olha para o Transcendente como a causa da sua existência, o amparo para a sua contingência (limites) e para o seu abandono, a resposta segura para as suas interrogações e a meta para onde está caminhando.

(Oliveira, 2014)

RESUMO

As relações existentes entre a dimensão religiosa e sua influência sobre a saúde, mais precisamente sobre o processo de recuperação dos dependentes químicos, tem sido foco de ampla discussão nos últimos tempos por diversos teóricos no mundo inteiro, haja vista que vários são os estudos que apontam a importância da religiosidade neste contexto. Sendo assim, este trabalho tem como principal objetivo, identificar a importância da dimensão religiosa (fé e crença) na recuperação de dependentes químicos no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima. Para tanto, utiliza-se da pesquisa de campo e bibliográfica, com abordagem quali-quantitativa, do tipo exploratório, cuja fonte de coleta e análise de dados foi um questionário misto contendo perguntas abertas e fechadas destinado aos usuários do NATA, em Boa Vista/RR. A análise revelou que os sujeitos da pesquisa possuem idade entre 19 e 48 anos, do sexo masculino, solteiros, possuindo o Ensino Médio, de classe social média, com uma variação na ocupação que vai de empresário até aqueles que não trabalham, onde o tempo de dependência química é extenso, vai de 1 a 34 anos. No entanto, os resultados demonstraram que independentemente de qual seja a religião destes indivíduos, todos acreditam em Deus, e, portanto, creem que a religião, assim como a religiosidade, devoções (atos) e símbolos religiosos, ajuda na recuperação da dependência química de várias maneiras. Seja por meio da obtenção de refúgio, da aquisição de conhecimento espiritual, seja na crença de que um poder maior lhes mantém limpo e forte, principalmente para se manter longe das tentações das drogas. E, por isso, praticam devoções e utilizam símbolos religiosos, como, por exemplo, o crucifixo, o livro dos espíritos, a Bíblia, orações, hinos, além da crença e devoção a Deus para se recuperar, uma vez que isto lhes ajuda no alívio da dor infligida pelas drogas, mantendo-os vigilantes, trazendo paz de espírito, renovando e fortalecendo a sua espiritualidade. Pois, o que os motiva a praticar essas ações e utilizar esses símbolos, é a fé e a crença na doutrina e em Deus e as conquistas alcançadas, em virtude de se sentirem renovados espiritualmente e fortalecidos frente às ameaças da droga no dia a dia.

Palavras-chave: Dimensão religiosa. Dependência química. Religiosidade. Práticas sociorreligiosas. Ensino Religioso.

ABSTRACT

The relationship between the religious dimension and its influence on health, more precisely on the recovery process of drug addicts, has been the focus of extensive recently discussion by various theoretical worldwide, as there are several studies that point to the Importance of religiosity in this context. Thus, this work has the main objectives is to identify the importance of the religious dimension (faith and belief) in recovering chemical addiction in the Core support for drug addicts and alcoholics (NATA) in Boa Vista, Roraima. Therefore, we make use of field research and literature, with qualitative and quantitative approach, on the exploratory type, whose source of data collection and analysis was a mixed questionnaire with open and closed questions for users of NATA in Boa Vista-RR. The analysis revealed that the research subjects have aged between 19 and 48 years old, male, single, having secondary education, social middle class, with a variation in occupation ranging from entrepreneur to those who has no work, where the time chemical dependence is extensive, ranging from 1 to 34 years. However, the results showed that regardless of what the religion of these individuals, all believe in God, and therefore believe that religion, as well as religiosity, devotions (acts) and religious symbols, helps in recovery from addiction in various ways. Either by obtaining refuge, the acquiring spiritual knowledge, is the belief that a greater power keep them clean and strong, mainly to keep away from the temptations of drugs. And therefore, practice and devotions using religious symbols, for example, the crucifix, the book of the spirits, the Bible, prayers, hymns, beyond belief and devotion to God to recover, as it helps to relieving pain inflicted by drugs, keeping them vigilant, bringing peace of mind, renewing and strengthening its spirituality. So, that motivates them to practice these actions and use these symbols, it is the faith and belief in doctrine and in God and the achievements, due to feel spiritually renewed and strengthened in the face of drug threats on a daily basis.

Keywords: Religious Dimension. Chemical Dependency. Religiosity. Practices of Socio-religious. Religious Education.

LISTA DE GRÁFICOS/ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Faixa etária dos sujeitos da pesquisa.....	79
Gráfico 2 – Gênero dos sujeitos da pesquisa.....	81
Gráfico 3 – Estado civil dos sujeitos da pesquisa.....	82
Gráfico 4 – Nível de escolaridade dos sujeitos da pesquisa.....	83
Gráfico 5 – Classe social dos sujeitos da pesquisa.....	84
Gráfico 6 – Ocupação dos sujeitos da pesquisa.....	86
Gráfico 7 – Tempo de dependência química dos sujeitos da pesquisa.....	87
Gráfico 8 – Crença em Deus.....	89
Gráfico 9 – Se possui ou não religião.....	90
Gráfico 10 – Denominação religiosa.....	91
Gráfico 11 – Se frequentam a religião adotada.....	92
Gráfico 12 – Tempo de frequência na religião adotada.....	94
Gráfico 13 – Crença que a religião ajuda na recuperação da dependência química.....	95
Gráfico 14 – Tipo de ajuda da religião na recuperação da dependência química.....	96
Gráfico 15 – Crença de que as devoções (atos) e símbolos religiosos ajudam na recuperação.....	98
Gráfico 16 – Tipo de ajuda por parte das devoções (atos) e símbolos religiosos na recuperação.....	99
Gráfico 17 – Existência de prática de devoções (atos) e utilização de símbolos religiosos na recuperação.....	100
Gráfico 18 – Exemplos de símbolos e devoções utilizados no processo de recuperação.....	101
Gráfico 19 – Tipo de ajuda por parte das devoções (atos, atividades e rituais) e símbolos na recuperação.....	103
Gráfico 20 – Motivação que os leva a praticar ações e a utilizar símbolos.....	104
Gráfico 21 – Presença de sentimento de recuperação da dependência química após a prática de suas devoções.....	105
Gráfico 22 – Tipo de sentimento após a prática de ações e símbolos religiosos....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A DIMENSÃO RELIGIOSA NA EXISTÊNCIA HUMANA.....	13
1.1 O SER HUMANO E A ANÁLISE EXISTENCIAL.....	13
1.2 O SER HUMANO E A DIMENSÃO RELIGIOSA E ESPIRITUAL.....	14
1.3 A TRANSCEDÊNCIA RELIGIOSA DO SER HUMANO EM NÍVEL CEREBRAL – O INCONSCIENTE E A FÉ.....	21
1.4 AS FUNÇÕES DA RELIGIÃO NA CAMINHADA EXISTENCIAL.....	28
1.5 A RELIGIÃO COMO UM SISTEMA DE CURA INTEGRAL DO SER HUMANO.....	33
2 ATOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS E SUA INFLUÊNCIA NO TRATAMENTO DE DROGADITOS.....	39
2.1 DEVOÇÕES E SÍMBOLOS RELIGIOSOS DA RELIGIÃO (CATÓLICA E PROTÉSTANTE) DO DROGADITO.....	45
2.1.1 Devoções e símbolos no catolicismo.....	48
2.1.2 Devoções e símbolos no protestantismo e igrejas evangélicas....	50
2.2 RITUAIS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS DOS CULTOS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIROS.....	52
2.2.1 Rituais e símbolos dos indígenas.....	54
2.2.2 Rituais e símbolos afro-brasileiros.....	57
2.3 ATIVIDADES E SÍMBOLOS RELIGIOSOS DE OUTRAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS.....	60
3 MOTIVAÇÕES RELIGIOSAS NO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES.....	66
3.1 AS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES RELIGIOSAS PRESENTES NA BUSCA DA RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES.....	71
3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO MISTO.....	75
3.2.1 Caracterização do público alvo da pesquisa.....	79
3.3 A RELIGIOSIDADE E SUAS MOTIVAÇÕES NA BUSCA DE RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES QUÍMICOS.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	111
ANEXOS.....	117
APÊNDICES.....	121

INTRODUÇÃO

O tema escolhido envolve um estudo específico sobre “a dimensão religiosa e sua influência na recuperação de dependentes químicos”, sendo este um assunto relevante na atualidade por causa do grande número de dependentes químicos que buscam a recuperação em Núcleos de Apoio e demais instituições existentes. Faz-se importante pelo fato de contribuir com conhecimentos teóricos e práticos a respeito das perspectivas existentes para esses personagens, pois, a religiosidade somada ao trabalho realizado nestes locais são medidas cabíveis para sua recuperação atual.

No campo da saúde, em decorrência da expansão do modelo biopsicossocial, religião e espiritualidade têm sido reconhecidas por sua relevância, constituindo o foco de interesse de pesquisas internacionais e nacionais (HILLS e COLLS, 2000 *apud* GOBATTO e ARAUJO, 2010; PANZINI e BANDEIRA, 2007). A Organização Mundial da Saúde inclui a dimensão espiritual em sua definição de saúde e, tempos depois, o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-IV), Manual Estatístico da *American Psychiatric Association*, acrescentou problemas religiosos ou espirituais como categoria diagnóstica, porém sem caracterizá-los como transtorno mental (LIBERATO e MACIEIRA, 2008 *apud* GOBATTO e ARAUJO, 2010; ALMEIDA *et al.*, 2000; FARIA e SEIDL, 2005; PANZINI e BANDEIRA, 2007; PERES *et al* 2007).

É possível evidenciar que esse estudo possui grande contribuição para a realidade social, pois, ainda é pouco estudada a influência da religiosidade na recuperação de dependentes químicos, tornando o mesmo importante para os leitores de modo geral. Contudo, cientificamente, esse estudo irá seguir normatizações técnicas para uma contextualização científica.

Para os médicos, psicólogos e demais pesquisadores da saúde e dos transtornos mentais, a religião como fenômeno humano, recorrente constitutivo da subjetividade, não poderia nem ser negligenciada nem passar despercebida. Mas, deve-se assinalar que, quase sempre, passa como algo de menor importância. Ela é uma das dimensões da vida que, embora central, sintomaticamente míngua nos estudos sobre saúde e transtorno mentais (LARSON *et al.*, 1986 *apud* DALGALARRONDO, 2008).

Justifica-se que a dependência química é uma realidade vivenciada por muitas pessoas, dessa forma, os profissionais juntamente com a sociedade, precisam ter maiores conhecimentos quanto a esse paradigma a ser quebrado, que é a reabilitação desses dependentes. Baseado nas observações dessas vivências surgiu o interesse em desenvolver um estudo no tratamento da dependência química, uma vez que, conforme Moreira-Almeida *et al.* (2001), diversos são os estudos científicos que apontam a relevância da prática de uma religião e da fé para a manutenção, assim como para a melhora das condições de saúde.

Nesta pesquisa procuraremos responder a seguinte questão: Qual a importância da dimensão religiosa na recuperação de dependentes químicos? Pois, observa-se que o problema sobre a influência da espiritualidade humana para a recuperação dos dependentes químicos foi identificado, a partir da participação na recuperação dos mesmos, onde já foram diagnosticadas mudanças em seus comportamentos por meio da espiritualidade. Isso ocorre quando o dependente entra em contato consigo mesmo, ou seja, a partir do momento em que ele está desintoxicado e começa a perceber a vida que estava perdendo.

É possível utilizar a espiritualidade dos dependentes químicos como recursos que visam objetivos terapêuticos direcionados à saúde na reabilitação de dependentes químicos. Observa-se que não são apenas as palestras que demonstram as atitudes relacionadas com as drogas como desproporcionais à saúde física, é preciso outros modelos de tratamento como a espiritualidade na vida do dependente químico.

Estudos apontam, conforme Pullen *et al. apud* SANCHEZ e NAPPO (2007) que independente da religião professada, observa-se um forte impacto da religiosidade e da espiritualidade no tratamento da dependência química, sugerindo que o vínculo religioso facilita a recuperação e diminui os índices de recaídas dos pacientes submetidos aos diversos tipos de tratamento.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo geral identificar a importância da dimensão religiosa (fé e crença) na recuperação de dependentes químicos no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima.

Com relação aos objetivos específicos o intuito é 1) Identificar a interferência da dimensão religiosa na existência humana; 2) Verificar os principais indicadores de como a dimensão religiosa (fé e crença) pode auxiliar os dependentes químicos a minimizarem ou até mesmo abandonarem tal dependência;

3) Identificar o que motiva os dependentes químicos em recuperação a permanecerem afastados das drogas.

Diante disso, o trabalho foi organizado, visando o alcance dos objetivos propostos e a resolução do problema da pesquisa. Para tanto, está distribuído em três capítulos. O primeiro propõe uma discussão sobre a dimensão religiosa na existência humana, evidenciando-se, para isso, o ser humano a partir de uma análise existencial e da dimensão religiosa e espiritual, no qual focou-se na transcendência religiosa a nível cerebral do ponto de vista da consciência e da fé, destacando-se aí, as funções exercidas pela religião na caminhada existencial, enquanto um sistema de cura integral do ser humano.

O segundo capítulo expõe faz uma contextualização a respeito dos atos e símbolos religiosos e sua influência no tratamento de drogaditos, tendo como foco as devoções, rituais e símbolos religiosos das diferentes religiões e culturas, entre as quais podem ser citadas a católica, a protestante – principalmente no âmbito das igrejas evangélicas, os cultos indígenas e afro-brasileiros.

O terceiro capítulo, por sua vez, compreendeu as principais motivações religiosas o processo de recuperação dos dependentes, inicialmente a luz dos teóricos que tratam da temática proposta e, num segundo momento, delineou-se o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa, do tipo exploratório, cuja fonte de coleta e análise de dados foi um questionário misto contendo perguntas abertas e fechadas, divididas em duas etapas de análise: caracterização do público alvo de pesquisa e religião e recuperação da dependência química, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), destinados aos usuários do NATA, em Boa Vista/RR, possibilitando desta forma, obter os objetivos estabelecidos e solucionar a questão problema.

1 A DIMENSÃO RELIGIOSA NA EXISTÊNCIA HUMANA

O ser humano é um viajante entre o nascimento e a morte, navegando na imanência e buscando a praia da Transcendência por meio da religião que se configura como uma das dimensões da vida. Dessa forma, a própria evolução do homem vem de um longo processo de experiências valendo-se de suas capacidades, na busca pelo “Sagrado”, procurando conhecer o mundo nos diferentes contextos culturais.

Há muito tempo, a religião tem sido considerada fonte de desenvolvimento humano sob diferentes aspectos da existência humana. Nessa linha de raciocínio, estreitam-se as relações entre espiritualidade e religiosidade, no qual a atividade de dar sentido requer, sem sombra de dúvida, uma interação religiosa na caminhada existencial.

1.1 O SER HUMANO E A ANÁLISE EXISTENCIAL

Segundo o existencialismo, somente o ser humano existe e, como tal, tem a sua existência analisável. A análise existencial é a responsável por interpretar “a existência humana, em sua essência mais profunda, como ser-responsável, e compreende a si própria como uma análise dirigida ao ser-responsável” (FRANKL, 1992, p. 15).

Isso é justificado por Frankl (1992, p. 16) em virtude dele compreender que a existência só pode ser do ser humano se ele puder ser responsável e assumir a sua própria existência, pois esta “é a base fundamental do homem enquanto ser espiritual, não meramente impulsivo, mas como um ser responsável, consciente de sua existência”.

Para Frankl a análise existencial abrange quatro áreas fundamentais da existência humana, a saber: 1) O significado da vida; 2) O significado do sofrimento; 3) O significado do trabalho; e, 4) O significado do amor¹.

Essas áreas da existência humana englobam de uma maneira integrada o todo experiencial que acontece ao homem como perseguidor de uma maior

¹ FRANKL, Viktor Emil. **Analisi esistenziale**. Vago di Lavagno (Vr): Mocelliana, 2001, p. 63-189.

realização, aumentando o mais (+) e diminuindo o menos (-) ontológico do homem ao percorrer o espaço, gerando o tempo.

A Análise existencial coloca outro conceito muito mais rico de “homem” em contraposição ao da Psicanálise (Freud): um joguete dos instintos e ao da Psicologia Analítica (Jung): um reservatório de heranças originárias filogenéticas e ontogenéticas.

Nesta perspectiva, a raiz para o entendimento da existência humana passa pela compreensão da dimensão religiosa na vida do próprio ser humano, pois ela faz parte do indivíduo, uma vez que a religiosidade é vivida no íntimo de cada um, o que nos leva a concluir que, a dimensão religiosa constitui-se uma propriedade humana (RAMPAZZO, 2004).

Refletir sobre essa questão, Segundo Coelho Júnior e Mahfoud (2001), é pensar criticamente sobre a nossa condição existencial. Fazer isso implica buscar entender os diversos fatores ligados à própria vida, pois se verifica que a experiência religiosa está inserida na caminhada para uma vida plena de sentido, na qual o homem explora a força de sua dimensão espiritual ao passo que dá sentido à sua existência no mundo.

1.2 O SER HUMANO E A DIMENSÃO RELIGIOSA E ESPIRITUAL

Por conta disso configura-se numa manifestação tipicamente humana, pois é característica marcante no homem, e, por isso está presente em todos os tempos e lugares do mundo, daí a sua relação com a cultura que é profundamente marcada pela religião (RAMPAZZO, 2004, p. 54).

Considerando que uma das explicações para o termo religião ser uma forma de vinculação do homem com a sua origem, fé, crença em algo superior, Rampazzo (2004, p. 54) verifica a necessidade de:

Distinguir a religião como “atividade pessoal”, o que, às vezes, é chamado de religiosidade, de religião como “instituição social”, que indica as religiões do mundo (...). Do ponto de vista pessoal, a religião é uma atitude complexa, cheia de veneração e fascinação diante daquele Ser que nos supera e para o qual nos sentimos atraídos. Nesse aspecto a religião nasce do coração do homem, que procura descobrir o sentido último de sua origem e sentido. Do ponto de vista social, as religiões são sistemas de símbolos, dependentes

de um fundador que teve uma experiência religiosa (...). Este sistema organizado de símbolos, ligados à tradição, contribui para que os indivíduos concretos adotem sua atitude religiosa pessoal.

No entanto, apesar dessa definição, seja do ponto de vista pessoal ou social de religião, Rampazzo (2004) evidencia que Deus continua sendo o significado último da existência humana, e, mesmo sendo Ele descrito das maneiras mais diversificadas e possíveis por cada religião, nenhuma palavra é capaz de traduzir a sua magnitude.

Talvez esteja aí uma das muitas explicações para que a dimensão religiosa ocupe tamanha expressão na vida do ser humano ao longo dos tempos, independentemente da cultura, das tradições e das crenças. O fato é que “o mistério de Deus é tão profundo e tão grande que nenhuma palavra ou estrutura humana consegue traduzir de maneira perfeita e completa” (RAMPAZZO, 2004, p. 54).

Na verdade, a religião é um dos aspectos mais característicos de um povo, e, portanto, faz parte de sua cultura, de sua história. Talvez seja por isso que seu significado esteja ligado ou represente um conjunto de sistemas culturais e de crenças na existência de uma força ou de forças sobrenaturais.

Sobre isso, Geertz (1989), no livro “A interpretação das Culturas”, considera a religião como um sistema cultural no qual:

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar os ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra apresentar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida (GEERTZ, 1989, p. 103-104).

Logo, a religião, como se evidencia, vem sendo definida por diversos autores a partir de sua relação estabelecida com a sociedade, pois tende a representar, sob diferentes pontos de vistas, como uma forma de manifestação de uma determinada crença pela doutrina e rituais próprios, um modo de devoção.

Desse modo, é interessante observar que Geertz (1989, p. 104), define a religião como:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações no homem através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Tal definição é interessante porque, é possível observar ao longo dos tempos, que a própria religião, tem assumido papéis mais complexos dependendo do contexto no qual esteja inserida, e, como tal, possui características capazes de criar regras de comportamento e normas que visem gerar a harmonia entre os homens, e, destes com a sociedade a sua volta.

Para tanto, estudar a religião e seus diferentes conceitos é necessário em virtude de ajudar a compreender outras tantas diferentes manifestações sociais, pois:

Quando dizemos que um homem é religioso, ou seja, motivado pela religião, isso é pelo menos parte [...] do que desejamos dizer. Outra parte do que queremos dizer é que ele, quando estimulado de maneira adequada, tem uma susceptibilidade a certas disposições, disposições que às vezes englobamos sob rubricas tais como “reverente”, “solene”, ou “devoto”. [...] As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia – para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais (GEERTZ, 1989, p. 111).

É com base nisso que se pode afirmar que as crenças e práticas religiosas constituem um subgrupo da cultura de um povo e, como tal, a religião tanto pode ser entendida tanto como um sistema de representação quanto como um sistema cultural.

Sendo assim, a religião apresenta-se tanto numa perspectiva de organização institucional quanto doutrinária, como aponta Schmidt (2007, p. 79) que:

A religião é um sistema de símbolos que age para estabelecer nas pessoas, humores e motivações poderosos, persuasivos e duradouros, formulando concepções de uma ordem geral de existência e revestindo essas concepções com uma tal aura de factualidade de modo que esses humores e motivações pareçam singularmente realistas.

E, por isso, a religião se situa entre dois elementos: o *ethos* e sua visão de mundo. Trata de como encontrar a sincronia do indivíduo com o seu sagrado e desta forma ele busca a sua essência dentro da realidade humana vivenciada

diariamente dentro de um mundo repleto de informações e simbolização que vão moldando cada um de acordo com sua conduta moral humana que são comunicadas no dia a dia com o intuito de adquirir fórmulas de se revitalizar na vida (SCHMIDT, 2007, p. 79).

Nesse caso, a religião, nada mais é do que, “um conjunto de sistemas simbólicos que confere identidade e delimita fronteiras sociais, éticas, entre outras” (SCHMIDT, 2007 p. 90). Enquanto que espiritualidade “é aquilo que dá sentido à vida, tem a ver com experiência” (ALVES; JUNGES; LÓPEZ, 2010, p. 430).

Esta maneira de pensar a religião depende sempre de símbolos, daí a explicação para o fato de cada uma das religiões existentes constituírem-se um sistema de símbolos no qual a espiritualidade é que dá sentido à crença na existência de um ser maior, que tudo pode, tudo vê, compreendido por Frankl (1992, p. 90), como “o parceiro de nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos”.

Sendo assim, acredita-se que é por meio da religião, religiosidade e/ou espiritualidade, que se pode manter um contato com Deus, pois “no fundo do inconsciente, todos temos fé, pelo menos no sentido amplo da palavra, por mais reprimida e soterrada que esta fé possa estar” (FRANKL, 1992, p. 88).

Neste contexto, em virtude do mundo encontrar-se repleto de simbolismo, de forma que, por meio do diálogo o homem troca experiências que conseqüentemente vão ampliando os seus conhecimentos de acordo com as culturas e novas descobertas adquiridas ao longo do tempo, de modo que:

A religião é uma peça-chave em sua compreensão das condições de manutenção da coesão social nas sociedades modernas. A religião não é a celebração mesma da possibilidade da existência da sociedade. Tal concepção significa, no plano empírico, que mesmo que formas religiosas tradicionais desapareçam, os grupos humanos serão sempre capazes de encontrar novos símbolos de solidariedade, apropriados ao novo grau de desenvolvimento da sociedade. No plano teórico, depreende-se que a religião terá sempre uma função social a cumprir, o que lhe garante a perenidade, ainda que sob formas históricas as mais variadas (NUNES, 2007, p. 107).

Assim, mais do que um sistema de crenças, a religião é uma espécie particular do agir coletivo. Enquanto depositária de significados culturais permite interpretar a vida, construir uma nova identidade e dominar o próprio ambiente, tanto individual como coletivamente.

Na base dessa proposição coexiste a compreensão da religião como uma esfera autônoma do agir social, capaz de influenciar sobre os processos históricos. Em consequência, Weber trabalha a relação religião-mundo como contingente e variável, dependente dos processos sociais, devendo ser examinada em sua especificidade histórica, social e tentando desenvolver-se em determinada direção. “Quer dizer, dependendo do momento histórico, do contexto social e dos valores culturais vigentes, haverá configurações diversas do religioso” (NUNES, 2007 p. 107).

Conforme Libório (2012, p. 20), o fenômeno religioso visto de forma extrínseca ou intrínseca constitui um todo epistemológico de variados complexos de matizes. A psicologia da religião, por sua vez, dedica-se a processos religiosos que devem ser compreendidos a partir da peculiaridade do elemento psíquico, pois procura conhecer e entender o comportamento das pessoas nas suas mais variáveis vertentes, uma vez que a religião permeia a história humana desde a caverna até os grandes místicos de todas as religiões em todos os tempos, e é um fator importante para integrar ou desintegrar a personalidade, unificar ou não o biopsiquismo humano.

Essa questão é evidenciada por Valle (2007, p. 123) ao afirmar que há milênios a humanidade, por meio de seus estudiosos, cientistas, pesquisadores, vem tentando esclarecer, entre outros aspectos:

O problema do relacionamento entre o psiquismo e a religião. A tentativa de compreender e “explicar” o que hoje chamamos, em geral e imprecisamente, de “religião” e “religiosidade” não nasceu, portanto, com as teologias sistemáticas ou as modernas ciências psicológicas e sociais. É fruto, antes, de um processo que se perde na penumbra dos tempos e vai além desta ou daquela religião. Tem um embasamento histórico-cultural que vem de tempos primordiais que estão embutidos mais na sabedoria dos povos (e das religiões!) do que nas discussões nas academias de ciência, chão do qual nasceu a psicologia da religião e no qual ela radica sua história e “pré-história”. Do ponto de vista da complexidade da “alma humana” em sua busca do sentido, não há porque se admirar de que as ciências da religião e a psicologia da religião, em especial, encontrem dificuldades para chegar a um acordo sobre a sua definição e seu objeto. Há uma enorme diversidade nas motivações, objetivos e dinâmica dos comportamentos religiosos; os grupos religiosos são marcados pela variedade de suas crenças e expressões; as ciências do homem e da cultura levantam questionamentos antes nunca considerados pela humanidade e, ao mesmo tempo, até as ciências “duras”, como a astrofísica e a

neurologia, se abrem a um surpreendente diálogo com o que as transcende.

A religião, como é algo que faz parte da vida humana vivenciada e internalizada como uma fonte segura, pode sim, alcançar resultados positivos, na medida em que se pode compreender a religião e a espiritualidade como aspectos importantes na experiência humana, uma vez que para algumas pessoas, a religião é parte integrante de suas vidas e experiências cotidianas.

É importante evidenciar, portanto, uma diferença distinta entre os termos religião, religiosidade e espiritualidade, pois segundo Alves, Junges e López (2010), isso é necessário para que se compreenda como se processa a dimensão religiosa no contexto humano.

Dessa forma, religião “se refere à organização institucional e doutrinária de determinada forma de vivência religiosa”; religiosidade “se refere às formas pelas quais os símbolos religiosos são vivenciados e continuamente ressignificados, através de processos interativos concretos entre indivíduos e grupos”; e, espiritualidade, por sua vez, além de dar sentido à vida, tem a ver com experiência, “não com doutrina, nem com dogmas, ritos e celebrações que são caminhos que institucionalizam e formalizam a espiritualidade/religiosidade” (ALVES; JUNGES; LÓPEZ, 2010, p. 431).

Essa diferença de conceitos também é evidenciada por Murakami e Campos (2012, p. 362) ao afirmar que:

Espiritualidade diferencia-se do conceito de religião por ter significado mais amplo. A religião é uma expressão da espiritualidade, e espiritualidade é um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, um sentido significativo da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de raiva culpa e ansiedade. Religiosidade e espiritualidade estão relacionadas, mas não são sinônimos. Religiosidade envolve um sistema de culto e doutrina que é compartilhado por um grupo, e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais específicas representando uma dimensão social e cultural de experiência humana. Espiritualidade está relacionada com o transcendente, com questões definitivas sobre o propósito da vida, e com concepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou plenamente entendido.

Os termos religiosidade e espiritualidade costumam ser utilizados como sinônimos nos estudos empíricos, de modo que, o primeiro termo representa a crença e a prática dos fundamentos propostos por uma religião ou a busca pessoal

pelo entendimento de respostas a questões sobre a vida, seu significado e relações com o sagrado, que pode ou não estar relacionada a propostas de uma determinada religião, enquanto que o segundo é uma característica única e individual que pode ou não incluir a crença em um Deus, sendo aquele responsável pela ligação do “eu” com o Universo e com os outros, a qual também está além da religião, um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados a facilitar a aproximação ao sagrado ou poder superior, que neste caso é representado por Deus (SANCHEZ; NAPPO, 2007, p. 75).

Contudo, Sanchez e Nappo (2007) afirmam em seus estudos que a espiritualidade não depende de uma religião, apesar de ser favorecida por esta. Mas, é a religião quem estimula a prática da religiosidade e, conseqüentemente, conecta o indivíduo à sua espiritualidade.

Tendo em vista o conhecimento particular desses termos, Alves, Junges e López (2010, p. 431), enfatizam que a sua importância é tamanha para o indivíduo, de modo que a realização de estudos nessa área sejam necessários e especialmente relevantes principalmente num país como o Brasil, que tem na “religiosidade uma característica marcante e onde se manifesta uma diversidade de crenças religiosas e espirituais que podem influenciar até mesmo a saúde da população”.

Com base nisso, a dimensão religiosa na existência humana ocupa um lugar de destaque, pois conforme aponta Coelho Júnior e Mahfoud (2001, p. 01), “a experiência humana, essencialmente, está orientada para além de si mesma, para algo ou alguém”.

É, portanto, na busca constante de “entregar-se” a uma obra ou a Deus que o ser humano mergulha na religiosidade e faz da espiritualidade o seu ponto de acesso, de modo que:

Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo, o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética ou espiritual. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las – o que garante a totalidade do homem (COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2001, p. 01-02).

A dimensão espiritual mostra-se, essencialmente, como a dimensão religiosa na existência humana, e, como tal, configura-se, portanto, como uma dimensão determinante da existência, pois na busca de encontrar um sentido para sua vida se apega a existência de um Deus que tudo pode (COELHO JÚNIOR; MAHFOUD, 2001, p. 02), vivendo o ser humano a condição de navegante na imanência, perseguindo a Transcendência também religiosa em suas raízes cerebral e inconsciente.

1.3 A TRANSCEDÊNCIA RELIGIOSA DO SER HUMANO EM NÍVEL CEREBRAL – O INCONSCIENTE E A FÉ

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano vem tentando responder suas dúvidas a respeito de sua própria existência, da origem da vida, da criação do mundo, bem como o sentido da vida e sobre a morte. Nessa busca constante por respostas, o homem criou diversas formas de comunicação e linguagem, inventou e aperfeiçoou tecnologias, contribuiu com a ciência, produziu os mais variados tipos de conhecimentos (religioso, o artístico, o filosófico, dentre outros), testou possibilidades, entre outros (SILVEIRA *et al.*, 2006).

Araújo (2008, p. 24) afirma que só o fato de a existência humana estar em constante busca pela abertura de novos caminhos, por explicações, por conhecimento já implica a ele a possibilidade de transcender-se a outros patamares, pois:

Até mesmo quando o homem está fisicamente limitado num espaço fechado, ele transcende essa realidade, pois, através de sua imaginação e pensamento, ele pode romper todos os espaços. Pode-se dizer, portanto, que a transcendência é uma dimensão intrínseca do Ser Humano, no entanto, faz-se necessário transformar essa dimensão num estado permanente de consciência, a partir de um projeto pessoal, profissional e espiritual.

A transcendência, portanto, relaciona-se a um importante potencial humano que é o de superação de seus próprios limites e a uma condição humana mais integrada, considerada aqui, numa perspectiva religiosa, como sendo a possibilidade de superação, de relacionamento com alguém superior, maior que qualquer coisa em todo o universo (ARAÚJO, 2008, p. 24).

À medida que a própria ciência tenta definir a dimensão material separada das demais dimensões, como é o caso da religiosa, ela está em constante busca por respostas, tentando explicar a existência (material) ou não de Deus. De modo que este tem sido um longo processo de descobertas, criações, invenções. Contudo, as diversas descobertas ao longo dos anos mostraram ao ser humano que ele é, na verdade:

Um ser finito e inconcluso, condicionados por fatores genéticos, geográficos, culturais e sociais, em um mundo que se impõe em constante ameaça (caos). Mas, ao mesmo tempo, descobriram-se como seres de transcendência, não determinados pelo mundo, pois, pelas ações e relações, produziam inúmeras possibilidades para sua sobrevivência (SILVEIRA *et al.*, 2006, p. 02).

Para Silveira *et al.* (2006) a descoberta da transcendência se deu em virtude de o homem não concordar, de certa forma, com a vida que tem, e, por isso vai sempre contra os limites do cotidiano buscando superar as condições e limitações por meio do desejo, da intuição e da criatividade.

Ao buscar superar condições e limitações por ele vivenciadas conseguiu perceber uma dimensão espiritual que se expressa pela busca do conhecimento a respeito do verdadeiro significado da existência humana, o que o levou à compreensão de todo o contexto que o cerca, determinando-o a saber a razão do existir, posto que:

Consciente de sua finitude, buscou respostas para aquilo que lhe é desconhecido, a fim de compreender os mistérios que o envolvem. Inquieto, procurou alternativas para acalmar a sua ansiedade, desenvolvendo conhecimentos que lhe deram condições de intervir no meio social e em si mesmo (SILVEIRA *et al.*, 2006, p. 02).

Essa finitude humana tem sua razão de ser na transcendência que se dá em virtude da busca constante e na descoberta de respostas que transcendem os seus próprios limites, ou seja, que está além do que ele pode imaginar enquanto ser humano, mas que o (re) orienta seu sentido seja sobre a própria vida, seja em relação a compreensão da existência de algo maior, indescritível e indefinível, como é o caso do sagrado e da dimensão religiosa como um todo.

Essa questão do sagrado pode ser compreendida como uma relação mediatizada e transcendente de significados com o conjunto da existência. Enquanto seres humanos, podemos até captar esse significado por meio de elementos

materiais, contudo temos a plena consciência de que o sagrado não se reduz apenas a esses elementos. Ele contempla o oculto, o invisível, o misterioso. Tudo em prol de retratar o encontro do homem consigo mesmo e com o mundo (SILVEIRA *et al.*, 2006).

Por conta disso, a possibilidade da espiritualidade se manifestar no inconsciente humano é atestada por Frankl (1990) ao afirmar a existência da transcendência do ser, evidenciando que a dimensão espiritual é, obrigatoriamente, ou necessariamente, inconsciente, onde uma das características mais marcantes desta dimensão é a "autotranscendência", explicada como sendo a intencionalidade pela qual o homem se dirige para algo ou alguém fora de si mesmo.

Assim, na busca de compreensão a respeito da existência humana, Frankl (1990) evidenciou que a dimensão espiritual é também inconsciente e manifesta-se por meio da intuição, uma espécie de voz da consciência moral que diz ao indivíduo o que pode ser "certo" ou "errado", capaz de orientá-lo sobre o caminho a seguir, a decisão a ser tomada, entre outros.

"Dessa forma, o transcendente é a dimensão do homem que o coloca numa eterna busca e o projeta na sua dimensão espiritual e divina" (FRANKL, 1992, p. 40). Isso é explicado na medida em que se percebe que o ser humano está em constante busca pelo Absoluto, o indeterminado. E, nessa busca ele procura alternativas para sempre superar os seus limites.

Além disso, Araújo (2008, p. 17), evidencia que sendo a transcendência a responsável por conferir a liberdade criativa ao sujeito, verifica-se que:

A importância de o indivíduo estar integrado reside na melhoria de sua relação consigo, com os outros e com a realidade da qual faz parte. O homem integrado tenderá a sentir, pensar e agir mais conscientemente, já que concebe em si a ligação com tudo a sua volta, através das suas dimensões física, psíquica e espiritual, o que aumenta seu senso de responsabilidade para consigo, a sociedade e o planeta. Reconhecendo na totalidade que o constitui, a "integratividade" da vida.

Ou seja, a transcendência é a força propulsora que possibilita ao homem romper e ultrapassar seus limites, impulsionando a busca permanente por novos mundos, novas realidades, novas dimensões, como é o caso da dimensão religiosa e seu importante significado na existência humana.

Para Gruen (2005, p. 20), “o valor e a importância da religião são inegáveis, nos âmbitos pessoal, interpessoal, social, político”. Em se tratando disso, a religiosidade é a mais profunda de todas as funções da vida humana e é o que possibilita o ser humano transcender para poder responder algumas de muitas de suas dúvidas sobre as questões que envolvem a religião e a própria espiritualidade.

Sendo assim, Frankl (1992, p. 40) esclarece que o homem ao abrir-se para o infinito realiza um movimento:

O movimento transcendente do humano que o coloca rumo ao seu verdadeiro destino, que se realiza quando o sujeito supera a natureza e se instala num novo lugar existencial. Assim posto, a transcendência na sua compreensão mais pontual não se dá na direção dos dados empíricos, mas na busca de unidade com o Absoluto, ou seja, com o divino.

A religiosidade é, neste caso, a dimensão de profundidade da vida humana. Nesse processo, o “eu” como pessoa, define-se como sujeito consciente, que deseja o Absoluto e se abre a ele. Transcender define-se como sendo a ação do homem buscar algo fora de si e que ao mesmo tempo possibilita-lhe tomar consciência de si próprio e do mundo à sua volta.

Gruen (2005) observa que a necessidade do homem transcender tem evidenciado a busca constante pela superação existencial. Esse fato é bem evidente quando se verifica a tentativa do homem de reter na própria experiência a totalidade da história, elaborando para isso, mitos e divindades que levem ao surgimento de diferentes religiões.

No cristianismo, por exemplo, a transcendência se dá na presença do Absoluto como existência. A salvação se revela o ato mais significativo da transcendência humana, em que o homem se eleva sobre a própria natureza e se abre à oferta gratuita de Deus (GRUEN, 2005, p. 20).

Sobre isso, Luz (2007) destaca que a religiosidade revela uma tendência inata no homem de aproximar-se, seja consciente ou inconscientemente, de Deus, tido como o Sagrado ou Divino. Por isso, o sentimento humano manifesta-se exclusivamente no ser humano, apesar de sabermos que nem todo mundo é de fato religioso, pois essa é uma relação que depende, sob medida, da adoção individual de uma prática religiosa, seja ela qual for.

A religião é apontada nesse caso, segundo Luz (2007, p. 37) como sendo, na verdade:

Capaz de situar a pessoa num todo e orientar a sua vida. Ela é algo da qual todos os seres humanos sentem falta ou necessidade, todavia, a forma como cada um lida com a necessidade de orientação e devoção, essa variedade, não depende somente da multiplicidade de religiões, mas também do que cada um lida com a vida.

No entanto, é a espiritualidade adquirida com o avançar do entendimento que direciona a preocupação com o significado da vida e da razão de viver, o que é claro, não se limita à adoção definitiva de crenças ou práticas religiosas, mas representa a crença consciente e, até mesmo, inconsciente, na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador de tudo o que acontece no universo (LUZ, 2007).

Essa é uma relação que pode ter maior ou menor repercussão na vida do ser humano. Pois, na medida em que o indivíduo passa a refletir sobre as questões relativas ao sentido da vida, mesmo que não se dê conta, está tentado a transcender e, por isso, pode adotar uma prática religiosa para a sua vida (LUZ, 2007).

A religiosidade pode ser caracterizada, portanto, de acordo com Luz (2007, p. 38):

Como uma relação do ser humano com um ser transcendente no qual se utiliza da espiritualidade para realizar uma ligação com uma realidade superior, podendo ser um mergulho que a pessoa faz em si mesma quando volta-se para seu interior. Essa é uma experiência capaz de produzir mudanças profundas no interior da pessoa, levando-a integração pessoal e com os outros indivíduos.

De certa forma, seja consciente ou inconscientemente, todos estão propensos à espiritualidade, pois em virtude de buscarem um significado para a vida acabam por transcenderem e conectam-se com algo maior que a si próprio, que pode ou não incluir a adoção de uma religião formal.

Só o fato de buscarem dar sentido à vida, revitalizam um sentimento pessoal que estimula um interesse pelos outros e por si. Por isso é “um fenômeno apenas individual, identificado com aspectos como transcendência pessoal, sensibilidade ‘extra consciente’ e fonte de sentidos para eventos na vida” (VITT, 2009, p 14).

Por conta disso, a transcendência religiosa existente no ser humano em nível cerebral tem fundamento na medida em que se verifica que, a religiosidade é, nada mais do que, “a crença e prática dos fundamentos propostos por uma religião”

(VITT, 2009, p. 14). Ou seja, é uma qualidade funcional da humanidade, que, de certa forma, tem o poder de determinar inteiramente a vida de uma ou mais pessoas, mas que também pode existir apenas como forma rudimentar em outros.

As raízes primeiras da transcendência religiosa do ser humano estão no cérebro e no Inconsciente. No que diz respeito à raiz cerebral, Michael Shermer, psicólogo norte-americano e historiador da ciência, em seu célebre livro *Cérebro & Crença*, afirma “que o gene que codifica a dopamina é o NRD4 (receptor de dopamina D4, associada à religiosidade) que está localizado no braço curto do 11º cromossomo” (SHERMER, 2012, p. 186).

Também o geneticista norte-americano, Dean Hamer, afirma que “o gene relacionado com a dopamina é o VMAT2 (Transportador de monoamina vesicular 2), o gene de Deus, que regula o fluxo da serotonina, adrenalina, norepinefrina e a dopamina” (HAMER *apud* SHERMER, 2012, p. 187).

Essa raiz cerebral leva o homem a adotar uma religião, crença, ritual, entre outras, vem apenas facilitar a aproximação ao sagrado ou transcendente, representado em muitas culturas, como sendo a figura divina de Deus responsável por dar luz à existência humana.

Como efeito da transcendência religiosa surge a fé que o indivíduo deposita nesse ser superior, pois a busca constante pelo sentido existencial é mantida pela fé que o impulsiona a acreditar na existência dessa divindade maior e sobrenatural. Nesse campo, a fé pode ser considerada o firme fundamento, uma ferramenta espiritual sem igual na vida de uma pessoa, seja ela religiosa ou não.

Por meio dela o impossível torna-se possível, basta acreditar. Nada é impossível a quem tem fé. É por meio dela que se pode vivenciar inúmeras experiências, pois como afirma Luz:

Fé refere-se a firmeza das posições da pessoa para com a vida, com uma relação de confiança. Porém, esta se torna religiosa quando explicita uma referência a uma realidade última. A fé é uma forma de dar sentido à vida, ela é um ato de confiança, na qual a pessoa está inserida numa tradição religiosa. A fé religiosa é uma conversão ao transcendente, transforma a visão que a pessoa tem de si mesma e da vida (LUZ, 2007, p. 40).

Devido ao fato de a religião ter seu significado ligado a fé, esta se expressa pela coragem de acreditar, sem qualquer desconfiança, em algo ou

alguém, muitas vezes, de grande importância para o indivíduo, mesmo sem a ter alcançado ainda (LUZ, 2007).

Nesta perspectiva de análise, de um lado a Bíblia, principal livro religioso dos cristãos, está repleta de testemunhos do que a fé pode fazer, de outro, a nossa história, a história da própria humanidade também conta os fatos não explicáveis pelas leis da natureza ou da lógica humana operada pela fé, ocorrências espantosas, muitas vezes, sem qualquer explicação.

Entretanto, chama-se a atenção para um fato essencial. A fé para existir necessita ser edificada e exercitada. Apesar de muitas pessoas não acreditarem que ela exista ou não sabem como ela se processa, precisam entender que ter fé é transcender, é acreditar que alguém maior pode manifestar, sobrenaturalmente, o seu poder e fazer as coisas acontecerem (LUZ, 2007, p. 40).

Isso é justificado por que o homem está em constante procura por um significado para a sua vida. Prova disso é que ele se apega à religião para explicar suas dúvidas, para solucionar seus problemas de entendimento. Essa busca se dá em virtude de seu desejo não ser satisfeito pelas coisas materiais que a sociedade pode lhe oferecer.

É essa relação de transcendência que possibilita ao indivíduo entrar em contato com sua essência interior, caracterizada como sendo a expressão máxima de uma experiência espiritual original e inovadora entendida como o horizonte englobante das experiências imediatas do próprio homem com a realidade e a busca pelo sentido, natural ou mesmo sobrenatural, da sua existência no mundo.

Assim, ao refletir sobre todas as questões aqui analisadas e discutidas é que se pode compreender que a dimensão religiosa exerce funções importantes na caminhada existencial do ser humano, em virtude de ser este um ser que vive em constante busca por respostas sobre o sentido da existência da vida como um todo, pois acredita que é por meio da transcendência que pode encontrar as respostas que procura.

Nesse desejo constante de respostas, se recusa a aceitar a realidade na qual está imerso e compreende que é muito mais do que isso que se apresenta à sua volta.

1.4 AS FUNÇÕES DA RELIGIÃO NA CAMINHADA EXISTENCIAL

No âmbito da dimensão religiosa, a humanidade, há muito tempo, vem construindo diferentes e múltiplas respostas à problemática da criação e da existência, prova disso é o fato de o homem, ao longo da história, ter “buscado preencher a necessidade de busca de sentido. Dentre as diversas maneiras, é possível citar: a arte, a música, a ciência e, principalmente, a religião” (AQUINO *et al.*, 2009, p. 229).

O homem, por si só, está em constante procura de significado para a sua vida, sua existência no mundo, para entender a relação entre a vida e a morte, entre o natural e o sobrenatural. É exatamente este desejo de sentido que ele acaba encontrando na religião (FRANKL, 2005).

É por meio desse processo de buscas que diferentes respostas e concepções se originam sobre essas questões, inclusive sobre a existência ou não de uma (ou várias) divindade (s). “O ponto chave dessa questão estaria no conceito de sagrado, que possibilitaria a unificação entre religião e espiritualidade” (AQUINO *et al.*, 2009, p. 230).

A religião seria uma espécie de busca pelo significado do sagrado. A espiritualidade seria a função central da religião para se chegar ao sagrado, em torno do qual podem ser verificadas a existência de um conjunto de crenças, mitologias, doutrinas ou formas de pensamento, tudo o que é relacionado à esfera do sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, além de rituais e códigos morais (SILVEIRA *et al.*, 2006).

Como se pode verificar, apoiado nas palavras de Silveira *et al.* (2006, p. 03), “as religiões, portanto, fazem parte da cultura humana, presentes em todos os povos, em todas as épocas históricas. Nesse sentido, embora diferentes, todas têm algo em comum: a busca de uma relação com o mundo metafísico”.

Desde os primórdios da civilização a religião já exercia grande influência nas sociedades das quais fazia parte, seja por meio da crença em um único Deus ou em vários deuses, santos, e até em elementos naturais, por meio de tradições repassadas de uma geração a outra, oral ou culturalmente.

Para as mais antigas sociedades, como a mesopotâmica, a europeia céltica, asiáticas, entre outras, quando ainda não existiam os conhecimentos e

tecnologias mais sofisticadas, os elementos naturais eram divinizados, como, por exemplo, a água, o sol, o fogo, dentre outros (SILVEIRA *et al.*, 2006).

Segundo Silveira *et al.* (2006), os povos ancestrais, compreendiam a existência do sagrado/transcendente e transmitia culturalmente, por meio de seus mitos, sobre a origem da vida e da humanidade, o sentido do mundo e do caminhar humano, tornando-se a religião, oralmente ou por escrito, transmissora da sabedoria dos antepassados.

Na Antiguidade, as religiões politeístas, reverenciavam muitas divindades. Um dos exemplos mais conhecidos é a religião grega que adoravam figuras (esculturas e pinturas) zoo ou antropomórficas, tidas como deuses (as), geralmente relacionadas à criação e regência do mundo (SILVEIRA *et al.*, 2006).

As religiões monoteístas, por sua vez, surgidas no Oriente Médio, defendiam a crença em um único Ser Superior, Deus, entendido como o ser criador do homem, da vida, do mundo e de tudo que nele há, haja vista que:

O conceito de Deus foi desenvolvido pela tradição judaico-cristã como sendo um Ser espiritual onisciente, onipotente, infinito, eterno e bom. Entretanto, o judaísmo e o cristianismo se diferenciam em dois aspectos: o cristianismo considera o conceito trinitário de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) e o judaísmo é estritamente monoteísta. Além disso, o cristianismo considera que Jesus Cristo (a 2ª pessoa da Trindade Divina) encarnou-se para salvar os homens e o mundo, através do seu sofrimento. Para o cristianismo, todos são filhos de Deus, ao contrário do judaísmo que acredita na existência do “povo eleito” (ARAÚJO, 2008, p. 31).

E, embora cada tradição religiosa apresente elementos próprios, elas têm o poder de contribuir na percepção da diversidade de manifestações e compreensões do fenômeno religioso.

No mundo atual, a religião continua efetivamente desempenhando funções bastante expressivas tanto na vida social quanto na vida política em todas as partes do mundo. De certa forma, em toda a história da humanidade, independente da época ou do lugar, nunca foi encontrado um povo que não manifestar-se alguma crença em um ou mais deuses, surgidos a partir de elementos naturais ou não, seja ele ateu ou não, pois bem lá no fundo todo mundo acredita em alguma coisa, inclusive, na existência de um ser superior, pois:

Historicamente a religião esteve em todas as sociedades, configurando-se como um importante aspecto da existência humana

e sendo objeto de estudo em diferentes períodos da história. Presente na vida de um grande número de pessoas, a religião permeia a humanidade de diferentes formas (VALÉRIO, 2008, p. 05).

Para tanto, a religiosidade é um fenômeno inerente a todo ser humano e está presente em todas as culturas e regiões do mundo, manifestando-se na vida do homem ao longo de sua história.

Fazendo uma breve análise sobre a história das religiões existentes atualmente no mundo inteiro, Rampazzo (2004) identifica as principais:

- a) o hinduísmo – a mais antiga das religiões do mundo, fruto da evolução gradual e da caminhada de numerosos mestres espirituais, não possui doutrinas, trata-se de uma miscelânea religiosa, com numerosas seitas;
- b) o budismo – é um movimento religioso advindo da figura e dos ensinamentos de Sidharta Gautama, o Buda, no qual sua doutrina volta-se unicamente para o homem, mas também não nega a existência de Deus;
- c) o cristianismo – com suas raízes no judaísmo, acredita que Jesus é o Messias, ou seja, ele é monoteísta, pois acredita em um único Deus;
- d) o islamismo – é uma religião monoteísta, com grande dinamismo social e cultural, é considerada uma religião viril, feita para homens do deserto, e pragmática, pois visa às bênçãos de Allah;
- e) a religião de Israel – é confirmada cientificamente nos relatos bíblicos, e, é explicada pela crença em Deus, onde o principal texto sagrado é a Bíblia, mas sem o Novo Testamento;
- f) os ritos afro-brasileiros – constituem-se uma espécie de irmandade, no qual evidencia-se uma fusão entre elementos diferentes das religiões africanas com o catolicismo popular, entre os quais está o candomblé e a umbanda;

Cada uma dessas religiões trouxe sérias implicações para o mundo atual, pois influenciou significativamente a forma como o ser humano tem interpretado a sua própria existência, de modo que se pode evidenciar, ao longo da história da humanidade, a busca pela religiosidade ou mais ainda pela espiritualidade, conforme destaca Ribeiro (2004, p. 87) que:

As religiões ainda são importantes na cultura contemporânea na medida em que continuam a produzir sentido, mesmo que tenham perdido a hegemonia tradicional. (...) as religiões ainda são referência importante: como ambiente de sociabilidade, como estoque simbólico (...).

Para Ribeiro (2004), a religião exerce importante influência na vida das pessoas porque a vivência religiosa é algo significativo na caminhada existencial de uma pessoa, independentemente de qual seja a religião seguida ou escolhida, mas que lhe ajuda a elaborar valores e sentidos sobre a fé, a vida, a morte, entre outros.

Para John Bowker (2000), a religião foi o primeiro sistema protetivo da humanidade, orientando os fiéis a se absterem de comidas consideradas impuras (carne de porco), relações consanguíneas de primos carnais (fator RH) e tantas outras proibições que preservariam a saúde e a vida humana. A religião também serve para unificar o psiquismo estilhaçado pelos revezes da vida, leva a interiorização das pessoas humana, incita à solidariedade grupal e universal, prega o amor e o perdão na convivência humana, entre tantas outras funções algumas acima já aludidas (BOWKER, 2000, p. 7-10).

“Portanto pode se afirmar que as religiões estão presentes na vida do ser humano ao longo de sua história e que todas elas são parte importante da memória cultural e do desenvolvimento histórico de toda sociedade” (VALÉRIO, 2008, p. 12).

Cada qual, dentro de sua especificidade e razão de existir, pois é diverso o campo religioso, principalmente em nosso país, no qual convivem inúmeras crenças e tradições religiosas de matriz indígena, africana, oriental e semita, possuem percepções e elaborações em relação ao sagrado, cujos relatos e registros, elaborados sistematicamente pela humanidade, constituem-se rica fonte de conhecimentos (RIBEIRO, 2004).

Em virtude de ser o Brasil um país religioso, carregado do sagrado, evidencia-se que ele tanto é um país católico quanto cristão, apesar de existirem outras doutrinas e religiões. Sendo assim, a religião exerce importante influência na

vida de uma pessoa no decorrer de sua caminhada existencial, e como tal, é, segundo Silveira *et al.* (2006, p. 08):

Algo que se manifesta na experiência humana, resultado do processo de busca que o humano realiza na procura de sentido para a vida, está presente de modo diverso em todas as culturas, integrando os conjuntos de conhecimentos que caracterizam e estruturam as sociedades. Este conhecimento religioso encontrado nas mais diferentes formas de religiosidades, credos e tradições religiosas, se constitui como um dos referenciais utilizados pelos sujeitos para (re) construir caminhos e dar respostas às diferentes situações e desafios cotidianos, configurando as identidades pessoais e sociais. São como fios que, entrelaçados na teia identitária de grupos, comunidades ou culturas, integram sua tessitura.

O fato é que, desde sempre, o homem tem procurado a sua redefinição em busca de um sentido pleno, cujos valores inspiram a vida de forma muito profunda e significativa. Dessa forma, as religiões existentes atualmente se propõem a ser mediadoras entre o homem e Deus.

Isso é explicado por que o ser humano integra em si todas as dimensões física, psíquica e espiritual, que se expressam por meio do desdobramento do desenvolvimento humano, o que lhe impulsiona crescer, desenvolver e tornar-se inteiro. Mas, isso somente é possível por que ele acredita em um Ser maior, criador de todas as coisas.

No entanto, a maior contribuição dada pelas religiões, para ser exato, pelas religiões monoteístas, foi a de que o homem, a vida, o mundo inteiro, foi criado por um Deus único e transcendente, um fato muito bem explicado pelo relato bíblico da criação (COMPARATO, 2010).

“Logo, o Ser Humano integral é aquele que age e interage com base não só no conhecimento, mas também no autoconhecimento” (SILVEIRA *et al.*, 2006, p. 39). Por isso, a dimensão espiritual é uma dimensão determinante da existência do homem no mundo.

Em todo caso, a religiosidade pode até não significar uma “opção por uma crença religiosa, mas pode ser uma das possíveis maneiras de o homem encontrar sentido para a vida” (AQUINO *et al.*, 2009, p. 229). Pois, somente o homem é capaz de dar significado à sua vida, e, por isso, busca interpretar o mundo em que vive, o que o deixa incapaz de viver em um mundo que não faça sentido.

A religião constitui, portanto, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana. Além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos que buscam a cura integral.

1.5 A RELIGIÃO COMO UM SISTEMA DE CURA INTEGRAL DO SER HUMANO

Desde os tempos mais antigos, a religião é apresentada como um sistema de crenças, valores, doutrinas, dogmas, entre outros, necessária para manter a família unida, para poder assegurar as relações sociais e as atividades que eram executadas no interior da comunidade.

Isto é possível porque a religião vem se apresentando como um sistema cultural produzido tanto por sociedades não industriais consideradas tradicionais, quanto em sociedades industriais evidenciadas como modernas.

Diversos estudos como o de Murakami e Campos (2012), Scliar (2007), Brito e Oliveira (2010), evidenciam que a religião é uma dimensão que pode contribuir positivamente no tratamento de diversas doenças, pois desde os primórdios da humanidade tem se verificado que o ser humano vem buscando manter sua qualidade de vida, e, por conseguinte, estar em ótimo estado de saúde.

Esta busca constante tem feito com que o indivíduo, homem ou mulher, procurem métodos diversos e formas alternativas que lhe proporcione o bem estar integral (físico, social, psíquico). Deste modo, a religião acaba se apresentando como um sistema de cura integral que tem alcançado grande difusão ao longo dos tempos.

Um bom exemplo disso era a forma como a religião na Grécia antiga era processada, uma vez que:

Pela relação com os seus deuses, sua crença nos mitos, seus cultos aos antepassados, o homem grego do período arcaico encontrava-se submisso às leis instituídas pela religião e pela crença no divino; e também estava submisso ao poder sagrado que, segundo acreditava, estas leis tinham sobre ele. A dependência do homem para com os deuses levava-o a sentir a vida determinada por um “destino”, ou, como o chamavam os gregos, pela deusa Moira, que

era a divindade olímpica que simbolizava o destino do homem (MELO; SOUZA, 2003, p. 33).

Segundo a crença, havia um destino predeterminando o futuro, quanto às decisões da vida, individual ou comunitária, e, por isso, jamais poderiam estar nas mãos de nenhum homem individualmente, mas deveriam permanecer sob os supostos desígnios divinos (MELO; SOUZA, 2003, p. 33).

Assim, em virtude da preocupação com a vida, com a morte, com a existência de uma entidade superior, entre outros aspectos de grande importância para a manutenção de sua vida, o homem tem a religião em sua vida como:

Um sistema organizado de crenças, práticas, rituais de adoração, de doutrina e símbolos delineados para facilitar a proximidade com o sagrado e o transcendente de forma específica partilhada com um grupo. É um caminho para o relacionamento com algo ou alguém maior do que o mundo físico e pode ser dividida em intrínseca e extrinsecamente (BARRICELLI; SAKUMOTO, 2011, p. 05).

Ela é intrínseca em virtude de predominar em indivíduos que demonstram um compromisso com a tradição de fé por razões relacionadas à busca de Deus, da verdade e do espírito de confraternização. “Pessoas que possuem religiosidade intrínseca tem crenças internalizadas e encontram sua razão de vida na religião” (BARRICELLI; SAKUMOTO, 2011, p. 05).

Ela é extrínseca quando o indivíduo usa a religião para obter outros fins que não a espiritualidade, geralmente, é usada para resolver interesses particulares. Nesse caso, a crença é levemente modificada em virtude das necessidades mais primárias, desse indivíduo, como, por exemplo, “proporcionar segurança, consolo, sociabilidade, distração, status e autoabsolvição” (BARRICELLI; SAKUMOTO, 2011, p. 05).

Para Garret (2010, p. 09), a religião e a espiritualidade, cada uma com a sua particularidade e especificidade própria, tem sido uma das grandes forças, seja para o bem, seja para o mal, no decorrer da história da humanidade, em virtude de constituir-se “uma dimensão importante da vida humana, o que a torna um objeto legítimo para o estudo científico”.

Isto ocorre porque é grande o consenso de que a religião é um importante fator de significação e ordenação da vida, muito necessária nas mais diversas situações impostas ao longo da existência humana, entre os quais estão os problemas de saúde, espirituais, afetivos e sociais, motivos pelo qual o indivíduo

tende a recorrer ao Sagrado, ao sobrenatural, ou qualquer que seja a sua religião, para resolvê-los.

Além disso, questões como bem estar integral (físico, social, psíquico) ou mesmo saúde, por exemplo, “não representa a mesma coisa para todas as pessoas” (SCLIAR, 2007, p. 30), depende da época, do lugar, da classe social, da fé, de valores individuais, de concepções científicas, religiosas, filosóficas, dentre outros.

Em se tratando disso, a religião como um sistema de cura integral do ser humano tem sido cada vez mais reconhecida no mundo inteiro por conta da importância atribuída associada a melhor qualidade de vida, a garantia de equilíbrio, de bem estar, entre outros, pois se configura como um sistema organizado de crenças, práticas e símbolos:

Além de fazer parte da cultura, a religião é constituída por mitos, rituais e comportamento moral que interpretam o processo cultural, definindo significados de comunidade e influenciando sobre que pode e não pode ser feito, ou o certo e o errado. Assim, move-se entre o que é novo e a sabedoria herdada do passado, sendo desafiada a equilibrar ambas as esferas, como um fator de preservação da cultura (HENNING; MORÉ, 2009, p. 86).

A religião está destinada, por natureza, a facilitar a proximidade com o sagrado, bem como promover um entendimento e relações entre os membros de uma mesma comunidade, sociedade. Por isso, a influência da religião se faz presente desde o âmbito sociocultural e comportamental, aparecendo também na constituição do indivíduo (HENNING; MORÉ, 2009).

Sendo assim, a espiritualidade nada mais é do que uma procura pessoal de compreensão das respostas às questões fundamentais da vida, do significado e das relações com o sagrado. Ela pode ou não estar ligada a uma religião, pois o sagrado:

Está presente na religião e na espiritualidade, mas enquanto a religião é um sistema formal focado na comunidade e orientado para o comportamento e para as práticas de rituais, a espiritualidade é menos formal e sistemática, focada no indivíduo e orientada pela emoção. A religião é a procura de significado por caminhos relacionados com sagrado, abarcando tanto o individual como o institucional, enquanto que a espiritualidade é a procura individual pelo próprio sagrado. A religião é um construto amplo, que acolhe a procura por vários objetos de significado, e a espiritualidade enfatiza a procura de um objeto particular de significado individual (GARRET, 2010, p.12).

A vida espiritual pode ser alcançada por uma busca voluntária ou por motivações inconscientes, mas que também pode estar regrada por tradições e por religiões locais. “A espiritualidade não seria o núcleo da religião ou da religiosidade, mas uma categoria que se sobrepõe parcialmente a elas” (GARRET, 2010, p. 12).

O homem necessita de ter essa vida espiritual por que ele tem uma necessidade cognitiva de compreender, pois:

Independentemente do credo, a experiência religiosa marcante possui consequências na forma como a pessoa vive, sendo constantemente associada ao maior desapego das coisas, à aquisição de um senso maior de fraternidade com empenho na solução dos problemas humanos, além de um sentimento de alegria mais profundo (HENNING; MORÉ, 2009, p. 87).

E, por isso precisa de uma estrutura de valores, uma filosofia de vida, uma religião ou um substituto da religião para pautar a sua existência no mundo, pois como já dito anteriormente, maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente aos indicadores de bem estar psicológico (HENNING; MORÉ, 2009).

Nota-se, inclusive, que estudos epidemiológicos realizados neste âmbito indicam, de acordo com Murakami e Campos (2012, p. 363) a existência de influência significativa “de fatores religiosos sobre um conjunto diversificado de resultados, incluindo drogas, depressão e etilismo, comportamento delinquente, suicídio, e certos diagnósticos psiquiátricos”.

Isto apenas vem reforçar a significativa influência da religião no processo de cura integral do ser humano, haja vista se encontrar numa concepção de intermediária entre os homens e o Sagrado, o sobrenatural, os deuses, dentre outros, cujo resultado final é a obtenção da tão almejada graça, que pode se revelar como a cura de uma doença, de uma depressão, do livramento das drogas.

Neste contexto, a procura por um auxílio, qualquer que seja ele, de uma força maior, por exemplo, que ajude o ser humano a superar os desafios encontrados no decorrer de sua vida, revela que a espiritualidade e a religiosidade, quando associadas, se referem a experiências, sentimentos e inclinações muito próximos, e podem ser cultivadas, de maneira individual e coletiva, nas instituições religiosas ou fora delas, no qual a vivência contínua nos cultos, rituais, está geralmente associada à religiosidade, enquanto que o cultivo espiritual, os valores, a

transcendência e a fé, são consideradas partes do fenômeno da espiritualidade que é encontrado em todas as culturas, idades, gêneros e sociedades (GARRET, 2010).

Cada uma, seja a religiosidade, seja a espiritualidade, exerce importante papel na vida de um indivíduo, de uma comunidade, da sociedade como um todo. A primeira “é uma adesão a crenças e práticas de uma religião, igreja ou instituição, e a espiritualidade é uma relação pessoal com algo considerado como superior, divino, sagrado” (GARRET, 2010, p. 13).

Pode-se concluir, portanto, que é no meio cultural de uma denominação religiosa que o indivíduo tem a oportunidade de compartilhar os seus símbolos religiosos. Em seu interior, o indivíduo mostra a sua subjetividade da fé religiosa, uma espécie de plano da experiência onde esses símbolos são utilizados e recriados para finalidades pessoais diversas (GARRET, 2010, p. 13).

A espiritualidade é vista como uma força que permite ao indivíduo estabelecer uma conexão com o universo proporcionando sentido à sua vida, associada à adoção de uma religião, encontra a sua definição na crença e no compromisso com os aspectos do divino, pois tem a convicção da existência de uma dimensão não material na vida capaz de conduzir-lhe a felicidade espiritual.

É essa esperança no futuro e no significado de vida, geralmente encontrado nas religiões, que se configura como fonte principal do indivíduo manter uma relação com Deus, com o Sagrado, o Poderoso. “A espiritualidade, nesse sentido, aparece como uma atenção ao sagrado da vida e como um estado da mente que é de acesso universal” (GARRET, 2010, p. 17).

Analisando a sua influência nos diferentes aspectos que compõem o ser humano, o afetivo, o social, o biológico, o psicológico, verifica-se, por meio de estudos realizados nesse campo, como o de Garret (2010), Henning e Moré (2009) que:

Maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente a indicadores de bem-estar psicológico, como satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral elevado, melhor saúde física e mental. O nível de envolvimento religioso tende a estar inversamente relacionado à depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, uso e abuso de álcool e outras drogas. Habitualmente, o impacto positivo do envolvimento religioso na saúde mental é mais intenso entre pessoas sob stress ou em situações de fragilidade, como idosos, pessoas com deficiências e doenças clínicas (GARRET, 2010, p. 17).

Assim, ao acompanhar o Homem ao longo da sua caminhada existencial, constitui-se um componente vital da vida humana, de modo que sua influência afeta significativamente o âmbito sociocultural e a constituição da subjetividade do indivíduo, expressa, comumente, em crenças, valores, emoções e comportamentos a ela relacionados (HENNING; MORÉ, 2009).

Desse modo, as pessoas religiosas compreendem os eventos da vida de acordo com a sua crença, e, por isso compreendem a religiosidade como um aspecto importante da experiência humana, uma vez que “os ensinamentos e atividades religiosas fazem parte da cultura e do sistema de valores e são base de julgamentos, escolhas e comportamentos, sendo um fenômeno social e cultural” (HENNING; MORÉ, 2009, p. 86).

Inclusive, vários são os estudos que Vários sobre o comportamento humano e suas relações como o meio social que defendem a importância da religião, seja ela qual for, enquanto fator de estabilidade emocional e espiritual do ser humano, capaz de leva-lo tanto a saúde física, espiritual quanto mental.

Neste contexto, a religião possui, comprovadamente, a capacidade de colaborar, entre outros aspectos, para o reequilíbrio do ser humano, auxiliando-o na recuperação de vícios, depressões, enfim confortando nas dores e sofrimentos que tanto afeta o seu bem estar.

Daí a importância de se compreender que a crença religiosa é capaz de transformar para melhor vida do homem, vindo a ser decisiva na recuperação de vícios, tendo em vista o surgimento de uma nova perspectiva de vida, com novos valores e princípios.

Não resta dúvida, portanto, de que, todo o universo religioso exerce uma função de (re) inserção do indivíduo em um grupo, um meio sociocultural motivador e dotado de sentido. Diante disso, pode-se considerar, também, a influência da religião de maneira benéfica para a saúde física e mental das pessoas, muito embora ainda existam práticas questionáveis a este respeito.

2 ATOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS E SUA INFLUÊNCIA NO TRATAMENTO DE DROGADITOS

A análise realizada com base nas produções existentes sobre todo o contexto que permeia a dimensão religiosa na existência humana assinala uma dinâmica interessante a respeito do universo religioso no Brasil vindo a demonstrar uma rica diversidade religiosa e sua influência nos mais diferentes aspectos da vida em sociedade.

O Brasil apresenta-se como um país que tem a religião como parte da identidade nacional, haja vista ela se apresentar como um fenômeno de intensa importância na vida das pessoas, pois se manifesta por meio de diferentes formas, por constituir-se numa forma de vínculo entre o homem e o sagrado.

Enquanto um fato social, a religião pode ser encontrada em todas as partes do mundo desde os tempos mais remotos das primeiras civilizações, como evidencia Feldens (2008, p. 02) que:

A religião configura-se como parte da identidade nacional de um país em virtude de ser um fenômeno íntimo de cada indivíduo e conseqüentemente relativo. Integra a identidade das pessoas e por isso seria, então, a atitude de abandono, de entrega e de compromisso do homem orientando-se para a divindade.

Como se pode verificar, a religião integra a cultura de um país desde os seus primórdios. Em se tratando da história do povo brasileiro, esta pode ser contada sob a forte influência da Igreja Católica Romana no qual foram inseridos os primeiros atos e símbolos religiosos na vida em sociedade.

Além disso, ao longo dos tempos, a religião também influenciou e caracterizou a sociedade na qual estava inserida, de modo que as diferentes concepções religiosas deixaram suas marcas nos textos das diversas Constituições existentes até os dias de hoje em todo o mundo.

Sobre esta influência e caracterização da religião no contexto social, Chauí (1997, p. 360) afirma que isto é possível porque desde as mais antigas civilizações, “percebe-se o culto ao sobrenatural como algo muito importante, mostrando que o espírito de religiosidade acompanha o homem desde os primórdios”.

Sendo assim, é inegável o fato de que a religião, independentemente da época ou do lugar, sempre desempenhou, e continua fazendo isso, função social indispensável em nossa sociedade, uma vez que cada povo, cada país, cada grupo étnico, tem sua cultura religiosa própria.

Neste contexto, para que se entenda como se processa a influência dos atos e símbolos religiosos no tratamento de drogaditos, foco deste capítulo, há a necessidade de se compreender primeiramente o que são atos e símbolos religiosos, uma vez que as religiões existentes atualmente podem até variar, mas o aspecto religioso é bem evidente em todas elas, isto porque “desde o princípio, o homem tem procurado algo sobrenatural que lhe transmita paz de espírito e segurança para viver no mundo que o cerca” (CHAUÍ, 1997, p. 360).

Em se tratando dos atos e símbolos religiosos, é importante saber que cada religião tem muito bem definida cada um destes aspectos, como é o caso, por exemplo, de seus cultos, ritos, devoções e práticas religiosas, que favorecem o desenvolvimento da religiosidade e da espiritualidade.

Isto é possível em virtude da própria religião constituir-se num sistema representativo e cultural, e, como tal, é formada de alguns elementos, que, como evidencia Oliveira (2014, p. 03):

Tais elementos fazem parte da linguagem com a qual o ser humano, enquanto ser religioso, consegue se exprimir e se comunicar. De um modo geral esses elementos são essencialmente simbólicos, ou seja, conseguem unir realidades diferentes que, em princípio parecem distantes e separadas. Por meio do símbolo a cultura – e no nosso caso a cultura religiosa – consegue se exprimir de modo transparente, de maneira tal que também quem não é daquela cultura consegue perceber a comunicação, mesmo que ela seja recebida com sentidos diferentes. No processo de simbolização as coisas, os objetos normais, recebem uma transsignificação, ou seja, recebem um significado diferente do normal e passam a ser mediação de experiências religiosas.

Por conta disso, não restam dúvidas de que a religião se caracteriza por uma estrutura simbólica bem definida, por meio da qual procura dar unidade e coesão à existência humana, pois seu enfoque é sempre a divindade, e, portanto, é formada por vários elementos que se traduzem em símbolos diversos, como é o caso, por exemplo, dos cultos, ritos, devoções e práticas religiosas, dentre outros, cuja finalidade tem sido, ao longo dos tempos, a de juntar, de unir duas realidades diferentes.

De acordo com Ribeiro (2010, p. 46), em seu estudo sobre atos e símbolos, religiosos ou não, evidencia que:

Vivemos rodeados por símbolos, são eles desde o aceno de mãos em uma despedida ao alfabeto que utilizamos para falar e escrever. No campo religioso, pode ser um crucifixo, uma imagem, a Bíblia, etc. Além disso, a percepção do símbolo é também pessoal, visto que, em seu processo de formação, o ser humano acrescenta às experiências pessoais valores culturais e sociais herdados da humanidade que o precedeu até então. Logo, o símbolo em sua origem, é um sinal visível de algo que não se encontra ali presente de forma concreta, algo que pode ser nele percebido.

Atos e símbolos religiosos tem sua definição ampliada na medida em que se compreende a sua importância em cada religião, cultura, sociedade. Pois, como o próprio autor evidenciou, estamos rodeados em nosso cotidiano por símbolos diversos mediante os quais agregamos experiências, valores, sentimentos, com o intuito de encontrar alguma paz, segurança, conforto, que tanto ansiamos.

Assim, dada a liberdade de crença, é ampla a visibilidade que se tem da existência de atos e símbolos religiosos pertencentes a cada religião existente. Alguns destes expressam-se por meio da palavra escrita ou falada, por simples abreviações, marcas, insígnias, imagens, entre outros.

Deste modo, Jung *et al.* (2008, p. 18) afirma que um “ato religioso não é o mesmo que um símbolo religioso, mas ambos relacionam-se por agregarem religiosidade e espiritualidade”. Sendo assim, uma oração, a mensagem ministrada pelo pastor ou padre, o culto, o louvor, são considerados atos religiosos, enquanto que o crucifixo, a imagem de um santo, a insígnia, dentre outros, é denominada símbolos religiosos.

A oração, a prece, a intercessão, por exemplo, configura-se num ato religioso porque exerce um poder incomparável na vida de uma pessoa que busca comunhão com um ser transcendente ou divino, prova disso é que a própria Bíblia mostra, em diferentes passagens, o seu poder, importância, significado e exemplos de apóstolos, profetas, homens e mulheres, tementes a Deus, que tiveram suas preces atendidas.

Enquanto que o crucifixo ou a imagem da Virgem Maria, por sua vez, representam um símbolo de adoração e devoção ao Sagrado e, como tal, “implicam alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato” (JUNG *et al.*, 2008, p. 19), mas que lhe é familiar em seu cotidiano, embora possua, de acordo com cada

caso ou pessoa, uma conotação especial, tendo em vista o tamanho da fé aí implicados.

É importante salientar, portanto, que cada ato ou símbolo religioso, além de possuir seu significado natural, pode possuir uma conotação especial, dependendo da ocasião, da situação, do lugar, ente outros, pois, conforme evidencia Feldens (2008, p. 05-06) que:

Um desses modos de entender a religião pode ser visto através do fundamentalismo religioso, termo que se aplica a pessoas crentes de distintas religiões, que possuem um sistema rígido de crenças, atos e/ou símbolos religiosos, as quais se sustentam por textos revelados, definições dogmáticas, textos infalíveis, orações, preces, imagens, etc., que propiciam perceber um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado, mas que geralmente provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha imposta pela vida.

Logo, atos e símbolos religiosos são representações necessárias ao funcionamento de cada religião, cujo intuito é ativar uma ligação que se expressa por meio de uma forma de agradecimento a um pedido atendido, por exemplo, uma manifestação de reconhecimento ou ainda um ato de louvor diante de um ser transcendente ou divino.

Assim, dada a importância dos atos e símbolos religiosos existentes atualmente e evidenciados em cada religião, quando aplicados no tratamento de drogaditos, pesquisas neste campo já revelam a influência exercida por eles neste âmbito em virtude da magnitude de sua interferência, haja vista ter o poder de reverter situações negativas, curar pessoas enfermas, aliviar sofrimentos, entre outras coisas.

No que se refere à dependência química, tendo em vista ser este um fenômeno mundial que se faz presente desde os tempos mais remotos da humanidade, pois diversos têm sido os fatores apontados para o aumento considerável do uso de drogas, lícitas ou ilícitas, como é o caso, por exemplo, da ausência dos pais, da desestruturação familiar, das curiosidades, das más influências, entre outros aspectos, tem sido comprovada a influência significativa de atos e símbolos religiosos no processo de tratamento e recuperação de drogaditos.

Luz (2007, p. 05) ao tratar da religiosidade vivenciada no tratamento e recuperação de drogaditos afirma que:

Os resultados encontrados neste campo permitem concluir que a fé religiosa vivenciada proporciona esperança e ânimo para que as pessoas em processo de recuperação e tratamento adquiram autonomia e confiança perante os inúmeros desafios a serem vencidos, no qual a religiosidade se apresenta como aspecto fundamental neste contexto, pois possibilita um novo sentido para a vida, uma nova forma de se ver e enxergar o mundo que o cerca.

Isto é possível porque vários são os efeitos da religiosidade vivenciada na vida do drogadito, uma vez que tem o poder de aliviar o sofrimento psicológico e emocional causado pelo uso abusivo das drogas, considerado um problema de longa escala, no qual se encontram correlacionados fatores individuais e coletivos, familiares, econômicos, políticos, sociais e, mesmo, culturais, ou seja, é, portanto, um dos problemas sociais mais graves no contexto atual, dada a população atingida, que neste caso, é geralmente um grupo considerado frágil e ainda sem muita perspectiva de vida.

Várias são as instituições hoje em dia que se apoiam na adoção de uma religião para se lidar com os problemas advindos do uso abusivo das drogas, haja vista ser este um fenômeno social que afeta diretamente a sociedade, pois mesmo quem não tem uma relação direta com as drogas, ou seja, é usuário, por exemplo, acaba envolvido na criminalidade a ela associada, uma vez que acaba sendo vítima de seus efeitos colaterais e de suas inevitáveis consequências.

Nesta perspectiva de análise, Luz (2007, p. 13-14) reforça a importância da religiosidade, expressa por meio de seus atos e símbolos religiosos, no tratamento e recuperação de drogaditos, afirmando que:

Diversos estudos comprovam que o envolvimento com uma religião, juntamente com o envolvimento da família, da prática de atividades saudáveis, e informações concretas sobre drogas e suas consequências para a vida de uma pessoa, constituem-se tanto fatores de proteção ao uso de substâncias químicas quanto ajudam significativamente no processo de tratamento e recuperação de dependentes químicos, pois é crescente o número de pesquisas que apontam a importância da religiosidade neste processo.

Dada à problemática do uso de drogas, envolvendo a interação de fatores biopsicossociais, aspectos que vão desde a formação da personalidade do indivíduo até questões familiares, sociais, legais, políticas e econômicas, é inegável, portanto, que os atos e símbolos religiosos auxiliam grandemente no tratamento e na recuperação de drogaditos.

Não se pode deixar de mencionar também que, inúmeras são as consequências sociais e econômicas, além dos danos causados à saúde de dependentes químicos pelo uso constante das drogas, devido à dependência física e psicológica a que são submetidos.

Em se tratando dos adolescentes e jovens, por exemplo, o problema das drogas sempre manteve certa ligação com esta população, uma vez que:

Este fenômeno tem significativo impacto sobre o desenvolvimento psicológico e social do jovem. Além disso, a dependência química é um problema complexo e determinado por diversos fatores, tais como o grupo no qual este indivíduo está inserido, a dinâmica familiar da qual faz parte, problemas ou circunstâncias de vida difíceis que podem levar ao consumo de drogas. No entanto, muitos estudos, em diferentes contextos socioculturais, demonstram que nos casos em que os adolescentes ou jovens que não tem uma religião definida, tem pouca crença religiosa, não frequenta igrejas ou cultos religiosos, é comprovadamente maior o uso de álcool ou drogas (MONTEIRO, 2012, p. 131).

Notavelmente evidencia-se certa vulnerabilidade existente nesta população, pois a justificativa para quem experimenta as drogas nesta fase é quase sempre a mesma: para fugir das crises próprias desta fase de transição e da busca de autoafirmação.

O fato é que, lícita ou ilícita, a droga é um problema de saúde pública e de ordem social que afeta milhares de pessoas de todas as faixas etárias, de diferentes classes sociais, etnias, dentre outros, pois suas consequências têm alcançado níveis quantitativos assustadores em todo o mundo.

Em virtude da magnitude do problema, o tratamento e recuperação de drogaditos baseado em atos e símbolos religiosos têm sido utilizados por diversas instituições neste âmbito como alternativa viável neste processo tendo em vista possibilitar a reconstrução de sua personalidade, de sua confiança, de sua autoafirmação.

Com base nisso, é possível constatar que pessoas com algum ou certo envolvimento religioso tem menor probabilidade de se envolver com o uso de substâncias lícitas, como, por exemplo, o álcool e o cigarro, ou ilícitas como é o caso das drogas propriamente ditas, cocaína, crack, maconha, tendo em vista os preceitos, valores éticos e normas religiosas adquiridas em sua formação.

Ribeiro (2010, p. 47) inclusive, evidencia uma questão muito relevante ao destacar a importância dos atos e símbolos religiosos na vida de uma pessoa quando afirma que “eles são necessários para tranquilizar o interior, amenizando a dor, o sofrimento, a angústia vivenciada e que tanto aflige a sua alma”.

Sua importância reside, geralmente, no fato de que cada religião, seja ela católica, protestante, budista, hinduísta, ou de qualquer outra denominação, se apropria de atos e símbolos religiosos para exprimir ou possibilitar ao indivíduo o contato com o Sagrado, a comunhão com o Divino, tão necessários ao alcance de vitórias, em meio às tribulações vividas.

Deste modo, para que se entenda, como ocorre a interferência da religiosidade no tratamento e recuperação de drogaditos, nos subcapítulos a seguir, será possível contextualizar e compreender, de forma fenomenológica-teológica, como se articulam as devoções, os símbolos, os rituais, os cultos e tantas outras atividades religiosas adotadas pelas principais religiões existentes no mundo inteiro, entre elas, a católica e a protestante, e a cultura indígena e afro-brasileira.

2.1 DEVOÇÕES E SÍMBOLOS RELIGIOSOS DA RELIGIÃO (CATÓLICA E PROTESTANTE) DO DROGADITO

Seja com o intuito de apenas experimentar, de conhecer, de se aventurar, ou quaisquer que sejam os motivos, o dependente químico inicia uma jornada, muitas vezes sem volta, chega ao fundo do poço e descobre-se, na maioria dos casos, abandonado pela família, pela sociedade. E à beira do abismo acaba entrando cada vez mais na criminalidade para poder garantir sua dependência.

A autodegradação é o principal motivo para que este indivíduo sinta a necessidade de manter o seu vício. Ele tanto vive para usar a droga quanto droga-se para viver. Geralmente, o primeiro contato com as drogas acontece antes dos 17 anos de idade, numa fase de transição em que o adolescente se sente mal compreendido pelos pais, pela família, pela sociedade.

Considerada um problema mundial, as drogas têm elevada prevalência entre os adolescentes e se apresenta com altas estatísticas, sendo cada vez mais precoce o seu início nesta população que “geralmente começa a consumir primeiramente as drogas consideradas lícitas como o álcool e o cigarro”

(MONTEIRO, 2012, p. 136), principalmente, no ambiente familiar, associadas a fatores socioeconômicos e culturais, mas diante da curiosidade, da busca por prazer, da sede de aventuras, entre outros motivos, começa a usar as drogas ilícitas e depois dificilmente consegue se livrar.

De modo geral, sabe-se que qualquer pessoa pode vir a consumir drogas e, por conseguinte, tornar-se um usuário contínuo dela. No entanto, se comparado com outros grupos populacionais, os adolescentes são os mais vulneráveis. Afinal, essa é uma fase de crise e de descoberta da própria identidade, na qual muitos contestam os modelos vigentes e se distanciam da família.

É nesta fase que surge a insegurança, a timidez, a curiosidade pelo que é proibido. Tudo isso pode acabar levando ao uso de drogas na ilusão equivocada de diminuir a timidez e ser aceito nos grupos, ganhar status, por exemplo. Complementam estes fatores, outros motivos, como é o caso dos apontados por Monteiro (2012, p. 136):

A falta de empatia, as pressões exercidas pelo grupo, acesso às drogas, baixa autoestima, agressividade doméstica, situação econômica político-culturais, normas, genética, personalidade, exclusão social, mau desempenho escolar, entre outros como fatores de risco ao uso e abuso de drogas.

Logo, estes fatores de risco evidenciam que, o uso de drogas não é exclusividade de determinada classe socioeconômica, gênero, faixa etária, dentre outros, mas se fazem presentes na sociedade em geral, mudando apenas as particularidades de cada população.

Infelizmente, na maioria dos casos, o indivíduo não fica apenas na experimentação das drogas, “acaba se tornando dependente dela e compromete a realização de tarefas normais de seu desenvolvimento, bem como o cumprimento dos papéis sociais esperados” (ALVES; JUNGES; LÓPEZ, 2010, p. 434), da realização de um sentido de adequação e competência e da preparação apropriada para a transição ao próximo estágio na trajetória de sua vida.

Quando a família, o alicerce de qualquer indivíduo, percebe a exatidão do problema já é tarde, pois este sujeito já está tão envolvido no uso que não se dá mais conta do quanto mudou. Desesperada, tenta de várias formas ajudá-lo a livrar-se deste problema, a ponto de encaminhá-lo, mesmo contra a sua vontade, a

centros de apoio, instituições diversas, com a finalidade de iniciar um processo de tratamento e recuperação.

Nestas instituições, evangélicas ou não, públicas ou particulares, o indivíduo entra num processo contínuo de luta contra o vício, participa de atividades diversas, de cunho esportivo, terapêutico, religioso, tudo que possa ajudá-lo a vencer este problema que tanto aflige seu bem-estar físico, psicológico, emocional e espiritual.

É a partir daí que o drogadito acaba se apegando, muitas das vezes, a uma religião, seja ela católica ou protestante, que o auxilie neste processo de cura integral, conforme evidencia Monteiro (2012, p. 136-137) que:

Tendo em vista o desamparo e o desencanto face às questões contemporâneas, este indivíduo encontra “conforto” na fé, e daí são retiradas referências para colocar em funcionamento um sistema de valores que lhe ajudam a manter-se “longe” do pecado e, portanto, “longe” das drogas. Em outras palavras, a fé é a maior responsável por promover qualidade de vida. A adoção de referenciais da religião faz com que o fiel confie na proteção de Deus e respeite as normas e valores impostos pela religião, melhorando a qualidade de vida dos adeptos. Esse comportamento levaria ao afastamento natural das drogas, à falta de interesse impulsionada pelo medo ou apenas pela conscientização da degradação moral associada ao abuso dessas substâncias. O enfrentamento das dificuldades, a partir da perspectiva espiritual apoiada na fé, acaba proporcionando afastamento natural de atitudes contrárias à moral difundida pela religião. Além disso, o fato de se contar com ajuda irrestrita de Deus gera um amparo constante, conforto e bem-estar.

Em virtude disso, a religião acaba apresentando-se o principal instrumento de contato entre o indivíduo e Deus, onde na busca pelo livramento das drogas torna-se devoto de alguma religião visando lograr de seus benefícios propiciados a sua vida espiritual.

Geralmente, as instituições religiosas que lidam com este problema são católicas ou protestantes, conforme evidencia Monteiro (2012, p. 137) em seu estudo sobre o processo de recuperação de jovens internos em instituições para dependentes químicos, nos quais “os programas terapêuticos ofertados nessas instituições são longos, ou seja, têm a duração de vários meses”.

Durante este processo de cura integral, cada instituição, de acordo com a sua religião, adota as normas mais condizentes ao seu funcionamento. No entanto, o objetivo maior é sempre a recuperação total do drogadito com a finalidade dele mudar seu modo de vida e voltar a conviver em sociedade.

Além disso, o drogadito ao aderir a uma religião, tem a oportunidade de se envolver “com padrões, com um conjunto de valores, símbolos, devoções e comportamentos sociais” (LUZ, 2007, p. 15), mais condizentes com a sua nova vida. Diante disso, este processo de recuperação tem características próprias que variam de acordo com cada religião.

2.1.1 Devoções e símbolos no Catolicismo

Se a instituição é da religião católica, suas devoções e símbolos têm a ver com a tradição seguida pela Igreja Católica Romana. Os símbolos geralmente são: o pelicano (símbolo da Eucaristia); a cruz (o mais comum de todos os símbolos no qual Cristo morreu); o crucifixo (uma cruz com uma figura do corpo de Jesus a ela ligada); o Sagrado Coração (um símbolo do amor de Jesus por toda a humanidade); medalhas de santos, escapulários com os quais Jesus e Maria protegem o portador, velas, fitas, água benta, ex-votos e terços, entre outros.

Enquanto que as devoções são, na verdade, “práticas religiosas onde se objetiva um encontro com a divindade por meio exclusivamente da fé” (SILVEIRA, 2006, p. 03). Trata-se, portanto, de uma forma de adoração ou ação de graças realizada a uma divindade com uma finalidade.

Essa devoção pode ser entendida ainda, como uma forma de culto privado, tanto pessoal quanto coletivo, centrado no ato de consagração a Deus e, por extensão, as pessoas divinas, como é o caso, por exemplo, dos santos, que neste caso são muitos. No Brasil, os principais são: Jesus Cristo, a Virgem Maria sob diversos títulos, os anjos, São Francisco de Assis, Santo Antonio, Santo Expedito, Santa Rita de Cássia, são Cosme e Damião, entre tantos outros.

Sobre estes símbolos e devoções, Silveira *et al.* (2006) os evidencia como uma das marcas principais do catolicismo no mundo contemporâneo, onde cada qual, de acordo com a sua particularidade, desempenha importante papel na devoção dos fieis. Seja o pelicano, a cruz, o crucifixo ou o Sagrado Coração, Virgem Maria, Santo Antonio ou Nossa Senhora da Conceição, cada um tem uma finalidade própria neste contexto religioso, principalmente através de tríduos, novenas, trezenas, recitação de terços (bizantino, da misericórdia, entre outros), procissões, romarias, promessas (flagelação, subir degraus de joelhos, andar de joelhos,

carregar uma cruz por vários quilômetros, ex-votos por causa de curas, dentre outros), aspensão com água benta, recepção dos sete sacramentos, especialmente a santa Missa por vivos e falecidos, jejuns, abstinências, vigílias, retiros e exorcismos, entre tantas outras.

De modo geral, pode-se dizer que, estas devoções e outros símbolos do catolicismo se apresentam como elos entre o homem e o transcendente, uma vez que:

Designa a parte visível de um todo não manifesto, inseparável da totalidade do real. Nesta religião, o símbolo visível estava, para os antigos, ligado objetivamente à sua outra parte, invisível. Nesse sentido objetivo, o símbolo é um conceito indispensável na leitura dos textos antigos, como mostra uma série de obras filosóficas e religiosas, a começar pela própria Bíblia (SILVEIRA, 2006, p. 03).

Em outras palavras, os símbolos e devoções católicas têm o papel principal de dar significação à vida do homem. Assim, em se tratando do drogadito em processo de tratamento e recuperação, as instituições católicas que lidam com esta clientela visam inserir este indivíduo numa religião, mesmo que esta não seja definitiva, mas que o auxilie significativamente a dar sentido em sua vida para que não volte mais a sofrer deste problema.

Mesmo porque, este é um indivíduo que necessita, neste momento de recuperação, de orientação espiritual baseada em ideias e convicções que lhe deem um novo sentido à sua vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo.

Deste modo, o drogadito ao se apegar a um símbolo ou praticar alguma devoção a uma pessoa sagrada ou divina, como, por exemplo, a Virgem Maria, Jesus Cristo, o faz com o intuito de “poder suportar as mais diferentes provações as quais está submetido, e, como tal, se caracteriza numa expressão de relacionamento mais íntima mantida com o transcendente” (JUNG *et al.*, 2008, p. 113).

Independentemente de qual seja o seu propósito, em se tratando do drogadito, o seu apego a estes símbolos e devoções, tem a finalidade maior de poder superar este problema e passar a vivenciar novas experiências, sendo considerado, portanto, o primeiro passo tanto para se alcançar crescimento espiritual quanto para se alcançar o conhecimento de Deus.

2.1.2 Devoções e símbolos no Protestantismo e Igrejas evangélicas

Em relação às instituições protestantes que realizam um trabalho voltado para a recuperação e tratamento de drogaditos, é importante enfatizar que seus símbolos são muito variados, uma vez que muitas são as denominações existentes atualmente em nossa sociedade.

No entanto a Bíblia é o maior símbolo existente, juntamente com o culto, cânticos, vigílias de oração e de louvor, escola dominical, acampamentos, danças carismáticas, celebração das ordenanças (batismo e ceia) e rituais de cura, entre outros.

Na Bíblia estão revelados os dez mandamentos de Deus para a vida do cristão e, como tal, sua devoção é única e exclusivamente Deus, o Pai de toda a humanidade, no qual é por meio do culto, do louvor e da leitura da Palavra, geralmente realizada pelos pastores, tidos como os ministros da Igreja, que se pode manter uma comunhão com o sobrenatural.

Estes símbolos e devoções representam uma arma poderosa para o indivíduo alcançar graça, bênção e objetivos, assim como serve para enfrentar os desafios do dia a dia, as tribulações e os problemas, haja vista que:

Uma vida com Deus é desenvolvida gradativamente, quando o relacionamento é cultivado dia a dia... A oração é o elo entre o natural e o sobrenatural, é através dela que se mantém um contato íntimo e de amizade com o Pai. Nesses momentos se encontra o apoio e a orientação necessários para tomar decisões acertadas e agir com justiça, equilíbrio e obediência (OLIVEIRA, 2011, p. 15).

Os símbolos e devoções realizadas por meio da oração, por exemplo, é o elo com Deus porque traz a Sua vontade, em forma de graça, misericórdia e bênçãos à terra, revelando o Seu interesse por cada ser humano. E, independentemente, de qual seja o tipo de oração realizada, tendo fé, ela se apresenta como o caminho perfeito para o indivíduo ter plenitude e gozo, além de ser a cura para toda e qualquer preocupação e ansiedade, argumento irrefutável contra o ceticismo, a incredulidade, o modernismo e a infidelidade.

Sendo assim, diferentemente das instituições católicas, as protestantes regem seu funcionamento baseando-se exclusivamente na existência de Deus como Todo Poderoso, Criador dos céus e da terra, o qual está muito bem exemplificado em toda a Bíblia, por meio de cada um dos livros ali contidos, a importância que tem

a oração, a fé, a Palavra de Jesus, Seus mandamentos, entre outros aspectos de igual importância, que exercem, exerceram ou podem exercer na vida de uma pessoa.

Para tanto, Oliveira (2011, p. 15) é enfático ao afirmar que “poucas são as experiências que podem igualar-se a magnitude e poder que uma oração, por exemplo, pode ter na vida de uma pessoa”, pois é por meio dela que se tem total acesso ao Senhor.

Assim, ao refletirmos sobre a importância da aquisição de uma religião ou da influência das devoções ou dos símbolos religiosos na vida de uma pessoa, principalmente no tratamento e recuperação do drogadito, chega-se à conclusão de que eles são fundamentalmente essenciais neste processo, pois, independentemente de ser uma instituição religiosa de denominação católica ou protestante, cada uma exerce importante papel, o que tende a ser confirmado por Luz (2007, p. 16) que:

A maior parte dos estudos realizados neste âmbito tem identificado que quanto mais o indivíduo frequenta cultos religiosos, se envolvendo de modo profundo numa religião, menor é a probabilidade de envolvimento com as drogas, lícitas ou ilícitas. Ou seja, aquele indivíduo que teve uma boa educação religiosa, principalmente na infância, com regras e normas morais que lhe possibilitaram dar importante sentido a vida, dificilmente se envolve neste mundo.

Com base nisso, a adoção de uma religião, católica ou protestante, é importante porque ajudam ao indivíduo manter íntima concentração em Deus, e, como tal, tendem a representar a chave do sucesso nas diferentes áreas de sua vida, constituindo-se na mais poderosa arma contra os poderes das trevas, contra as aflições e tribulações.

Além disso, é fato que o ser humano vive em tempos difíceis, pois com o advento tecnológico a vida moderna tem se tornado cada vez mais estressante e sobrecarregada de problemas advindos com o progresso, como é o caso do desemprego, do consumismo, da violência, das drogas, entre outros.

Para vencê-los há a necessidade de se apegar a uma devoção ou símbolo que, geralmente, só pode ser encontrado em uma religião. Manter, portanto, uma religiosidade é importante porque concede ao drogadito, em processo de tratamento e recuperação, paz interior, manifesta a presença do Sagrado em sua

vida. No entanto, requer deste, dedicação e entrega, compromisso e responsabilidade, superação e afirmação, caso contrário, é complicado se manter livre deste problema.

2.2 RITUAIS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS DOS CULTOS INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIROS

Não era possível falar em atos, símbolos e devoções religiosas sem deixar de contextualizar sobre os rituais e símbolos religiosos dos cultos indígenas e afro-brasileiros, duas vertentes de grande significação para a temática aqui abordada.

É válido iniciar destacando que a religião, por ser um campo riquíssimo de manifestações e diversidades religiosas, tem sido ao longo dos anos, um viés de análise estimulante no âmbito das Ciências Sociais, principalmente nos últimos anos dada a sua influência direta na vida em sociedade.

De acordo com Teixeira e Menezes (2006, p. 07), em virtude da religião no Brasil ser muito diversificada:

As análises produzidas nos últimos anos sobre as religiões no Brasil assinalam a dinâmica que perpassa o universo religioso do país. Identifica-se hoje no campo religioso brasileiro a ocorrência de vários processos de reconfiguração, de transformações, de surgimento de novidades que marcam uma ruptura com o que até então havia sido considerado habitual. No nível macro de análise, percebe-se em maior destaque a perda acelerada de hegemonia por parte do catolicismo e o crescimento massivo de Igrejas pentecostais, da mesma forma que se tem reconhecido como religião os rituais e símbolos indígenas e afro-brasileiros, passando a ser estudada esta temática de modo ativo nas escolas de todo o país em disciplinas como História, Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso tendo em vista a significativa ampliação do currículo escolar.

É bastante interessante esta questão, uma vez que o indivíduo, independentemente de sua classe social, gênero, etnia, dentre outros, tem multiplicado as opções religiosas que pode escolher e aprofundar-se em sua fé, em seu conhecimento, em sua liberdade de expressão religiosa.

É quase que impossível enumerar a quantidade de religiões existentes, não apenas no Brasil, mas, também no mundo inteiro. A existência de inúmeras

religiões, principalmente em nosso país, pode ser considerada uma forma de sincretismo religioso, uma espécie de fenômeno que se explica pela absorção de influências de um sistema de crenças por outro.

E, apesar de a população brasileira, como afirma Teixeira e Menezes (2006, p. 08), “ser majoritariamente cristã, sendo sua maior parte católica, evidencia-se um crescimento massivo do protestantismo, bem como um maior reconhecimento dos rituais indígenas e africanos”.

De acordo com dados do Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o quadro religioso no Brasil se apresenta da seguinte forma:

Boa parte da população brasileira é católica, seguida da evangélica em grande ascensão. Os espíritas comparecem com apenas 2.337.432 adeptos, uma religião também em crescimento, enquanto que as religiões afro-brasileiras estão diminuindo, representando 571.239 seguidores. Os umbandistas são pouco mais de 430 mil e os candomblecistas não chegam a 140 mil em todo o Brasil. Os budistas são 245.870 e as outras religiões orientais (Seicho-no-iê, Messiânica, Perfect Liberty, Shinto, Bahai, Tao...) estão com 181.579 seguidores. Os esotéricos são 7.288 e os hinduístas, 2.979. Os de religião judaica são 101.062 e os muçumanos só 18.592. As religiões de origem brasileira que o IBGE classifica como “tradições religiosas indígenas”, a saber, Santo Daime, União do Vegetal, A Barquinha e outras, contam com pouco mais de 10 mil seguidores declarados (TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p. 09).

De acordo com as estatísticas acima visualizadas do quadro religioso brasileiro, pode-se observar que este se mostra não apenas plural, mas também diversificado, apesar de acreditar que nem de longe dá conta da verdadeira riqueza de religiões existentes.

Nota-se, também, o início de um processo de multiplicação de opções religiosas existentes no Brasil, permitindo ao indivíduo escolher aquela que ele considerar mais adequada, o que de certa forma, expressa a forma variada pela qual o brasileiro pode ser capaz de definir sua opção religiosa.

Dez anos mais tarde, o Censo de 2010, também realizado pelo IBGE revelou, de acordo com Teixeira e Menezes (2013, p. 24-25, 206):

A presença de 123.280.172 milhões de declarantes católicos, ou seja, 64,63% da população total [...]. Somando os católicos com os evangélicos chega-se a uma porcentagem 86,8%, quase 90% de toda a população brasileira declarante. [...] Nota-se um salto da presença evangélica nas últimas décadas, de 6,6% em 1980 para

22,2% da população geral em 2010. Nada menos do que 43.275.440 milhões de evangélicos para uma população brasileira de 190.755.799. Esse crescimento não se deve aos evangélicos de missão, que permaneceram quase estacionados na última década, na faixa dos 4% de declaração de crença. Deve-se sobretudo, aos pentecostais, que respondem por 13,3% da população brasileira, ou seja, 25.370.484 milhões de adeptos. [...] Os espíritas subiram de 0,7% a 2,0%; os Afro-brasileiros caíram de 0,6% para 0,3%; e os sem-religião cresceram de 1,6% para 8,0%; outras religiões cresceram de 1,3% a 2,9%, totalizando assim 100% da população brasileira.

Apesar das diversas críticas tecidas sobre o Censo de 2010, entre as quais está o fato dele não dar conta da totalidade de religiões existentes, uma vez que ao informar “outras religiões” deixa muito vago quais seriam este universo de 2,9% de opções religiosas, ou, também, devido a sua dificuldade de captar “a dinâmica religiosa” existente, vem revelar sua limitação tanto em quantificar quanto em qualificar o quadro religioso no Brasil.

No entanto, apesar de seus limites, tem-se a oportunidade de perceber tanto a progressiva pluralização e diversificação religiosa quanto uma continuidade do crescimento evangélico, além de um considerável declínio das religiões afro-brasileiras, pois o que antes era festejado como uma opção religiosa promissora, o que se observa hoje uma redução significativa de seu patamar.

Assim, tendo em vista o proposto tanto no Censo de 2000 quanto no de 2010 é que se evidencia a importância que se tem de contextualizar sobre os rituais e símbolos tanto indígenas quanto afro-brasileiros, no qual o conhecimento a respeito dessas religiões sugere um repensar sobre o conceito previamente formado em nossa sociedade sobre a sua existência.

2.2.1 Rituais e símbolos dos indígenas

Em se tratando dos povos indígenas, os rituais são considerados “uma das mais fascinantes vias de acesso para a compreensão destes indivíduos em sua cultura” (VILHENA, 2005, p. 13), isto porque esta é uma forma de manifestação que pode revelar uma rica diversidade cultural e religiosa. Contudo, mesmo sendo o Brasil um país muito diverso religiosamente, poucos estudos existem neste campo que expressem toda a riqueza destes povos.

Num contexto específico, pode-se afirmar que a estrutura religiosa indígena, no que se refere aos seus rituais e símbolos religiosos, é bastante sólida, apesar de terem sofrido grande influência católica, principalmente no início da colonização brasileira, e muito bem elaborada, permitindo o equilíbrio entre o homem e o meio intra e extrapsíquico que ocorre por meio da harmonia deste com a natureza e tudo o que nela há, haja vista ser esta uma condição básica para sua sobrevivência e é, portanto, “elemento inseparável de seus ritos e encontro com a transcendência” (VILHENA, 2005, p. 13).

Como o fenômeno religioso é de caráter universal, da mesma forma que as demais sociedades, os povos indígenas também manifestam sua expressão religiosa, como afirmam Guilouski, Costa e Schögl (2007, p. 02) que:

Em se tratando da espiritualidade e religiosidade indígena é importante entender que suas religiões, de modo geral, são marcadas pela praticidade. Em várias nações indígenas a vida e a existência estão impregnadas de sentido do sagrado, tudo está ligado. O ser humano nasce puro e pode viver em plena comunhão com o Grande Espírito sem medo da condenação eterna ou do pecado original. Não há necessidade de religar-se, pois já está ligado à Mãe Vida, à Natureza, de modo que tudo o que nos foi dado pelo Grande Espírito é sagrado, e é dever de cada membro da comunidade viver em harmonia com toda a vida.

Ou seja, as religiões indígenas são marcadas pela praticidade em virtude de sua espiritualidade e religiosidade girar em torno da experiência do sagrado, no qual o seu cotidiano tem como parte integrante a religião, pois enquanto aspecto inerente à sua vida, também buscam por meio da religião respostas para seus anseios mais profundos.

Além disso, as religiões indígenas diferem umas das outras por conta da diversidade de povos e culturas o que acaba influenciando na formação das línguas, costumes, ritos, organização social, entre outros fatores da composição deste grupo. Contudo, é característica marcante das religiões indígenas existentes os rituais (de defumação, de entoação de cânticos, de incorporação, transe, bebidas alucinógenas como a ayahuasca, dentre outros) nos quais os mitos são revividos com grande intensidade por estes povos.

A representação do Transcendente (Deus: Tupã) é compreendida como “um ser natural, bondoso, que gosta de todos e que está em paz com todos os seres” (GUILOUSKI; COSTA; SCHÖGL, 2007, p. 05), e, portanto, é visto como Ser

Superior e, ao mesmo tempo, em seres menores, seus auxiliares. Mas, também, acreditam na existência de outras divindades (espíritos), geralmente de seus ancestrais.

O pajé, por exemplo, segundo Bezerra (2009, p. 07), por ser uma figura destacada e de traços comuns, é um emblema na tribo, pois é capaz de voar aos “céus, descer as profundezas subterrâneas, transformar-se em animais, se expressar em línguas incompreensíveis, ver almas de mortos, causar e curar doenças e males, entre outros”.

Segundo a tradição, é comum que os espíritos maus sejam apaziguados e os bons convencidos a ajudá-los. Sendo assim:

Para os índios são os mitos que contêm a verdadeira história do mundo. Os mitos não são fantasia ou ficção, e sim a explicação do universo: a origem do cosmos, da humanidade, da sexualidade, dos astros, da caça, da agricultura, das mulheres, da arte e da música, de tudo que é possível conceber. Cerimônias, festas, rezas, cantos, proibições, regras de comportamento, rituais – tudo aquilo que faz parte do que costumamos chamar de religião – têm como chão um corpo mítico, inerente ao cotidiano, sem nítida distinção entre o sagrado e o profano, familiar para todos, embora os pajés detenham um conhecimento mais profundo e a prerrogativa das viagens místicas (BEZERRA, 2009, p. 07).

Como os pajés são os que detêm um conhecimento mais aprofundado neste contexto, é importante salientar que vários são os nomes dados ao Transcendente ou as divindades. No entanto, a maioria das tribos leva muito mais em conta as mitologias que têm o papel de ensinar técnicas, costumes, ritos e as regras sociais aos membros da tribo.

Nas tribos há também a figura do xamã, conhecidos como os sacerdotes, que exercem a função de médicos das tribos, e, como tal, constituem-se mediadores entre os espíritos e os membros da comunidade. São experiências vivenciadas por meio de rituais, onde são ingeridas substâncias alucinógenas capaz de levá-lo a estados alterados de consciência, favorecendo o contato com as entidades espirituais, pois, conforme destaca Guilouski, Costa e Schögl (2007, p. 06) os rituais são importantes por que:

Fundamenta toda a realidade, define a organização da vida social e é fonte de memória e conhecimento. Há rituais para celebrar o fim das estações da chuva ou seca, outros para comemorar a chegada das colheitas; há rituais de casamento e vitórias em guerras com outras tribos. Revestem-se de grande importância para as famílias os rituais

de iniciação ou passagem para a vida adulta dos jovens e também o nascimento de crianças. Além disso, os rituais estão ligados aos mitos, e vice-versa. Juntos, atualizam o passado e ajudam a modificar e compreender o presente.

Isto apenas vem confirmar o quanto as religiões indígenas são ricas em rituais de passagens dada a simbologia representada, seja por seus ancestrais, seja pelas figuras míticas, como é o caso, por exemplo, do pajé e do xamã, mesmo porque, os rituais são marcos fundamentais de passagem destes povos. Entre os principais estão, os ritos de nascimento, para tornar-se adulto, os de casamento e os fúnebres. Cada qual com a sua particularidade, representam importância significativa na vida dos povos indígenas.

Da mesma forma, os elementos simbólicos que permeiam os rituais também variam de acordo com cada situação, e são representados pelas danças, cantos, pinturas no corpo, adorno, dentre outros, pois como o próprio nome simboliza, são eles que fundamentam a vida e a organização social da tribo e dos grupos afro-brasileiros.

2.2.2 Rituais e símbolos afro-brasileiros

Partindo do pressuposto de que as religiões influenciam a cultura e vice-versa, conhecer a diversidade religiosa dos povos afro-brasileiros também é importante, principalmente numa sociedade como a nossa que é marcadamente plural, diversa, miscigenada e sincrética.

Para tanto, apoia-se nas palavras de Travassos *et al.* (2008, p. 165) para se iniciar destacando que, “entre as chamadas religiões de matriz não cristã que se desenvolveram no Brasil ao lado do catolicismo e do protestantismo, há um grupo que se destaca por sua posição em relação à cultura nacional”, que neste caso são as religiões afro-brasileiras, surgidas no Brasil a partir de tradições advindas na época da colonização pelos escravos vindos da África.

Ainda de acordo com Travassos *et al.* (2008, p. 166), a devoção, sincretizada a santos católicos, muito conhecidos e reverenciados na época, como, por exemplo, Senhor do Bonfim (Oxalá), a Virgem Maria (Yemanjá), Iansã (Santa Bárbara), Ogum (Santo Antônio), Oxossi (São Jorge) Ibegi (Cosme e Damião), entre outros, exerceram forte influência na formação das religiões afro-brasileiras, que,

misturadas à história nacional se formaram em vários Estados do Brasil, “em diferentes períodos, adquirem diferentes formas rituais”, manifestam-se de maneiras distintas, mas com a mesma riqueza de símbolos e elementos característicos desta religião.

Diante disso, não muito diferente dos povos indígenas, os povos afro-brasileiros também são ricos em suas manifestações religiosas que se expressam por meio de seus símbolos e rituais, no qual se constata a existência de uma “força vital (axé) que impregna toda a realidade física e espiritual, assegurando uma existência dinâmica e feliz a cada pessoa” (GUILLOUSKI; COSTA; SCHÖGL, 2007, p. 15).

Outro aspecto importante é a atuação dos poderes cósmicos (Orixás) nos processos de transformação e realização plena da vida, no qual a umbanda (síntese dos antigos candomblés bantos de orixás e de caboclos) e o candomblé (atualmente religião étnica, de preservação de patrimônio dos descendentes dos escravos) se destacam.

Há que salientar o fato de que as primeiras religiões afro-brasileiras “mais antigas se formaram por volta do século XIX, quando o catolicismo era a religião oficial, a única tolerada no país e a fonte básica de legitimidade social” (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 204-205). Assim, tanto o candomblé quanto a umbanda se espalharam pelo Brasil aos poucos tendo em vista o contexto histórico que permeou sua origem até o seu reconhecimento como religião de fato.

De um lado, o candomblé era visto como uma religião de negros. De outro, a umbanda era originária de um processo de branqueamento e de ruptura com símbolos, rituais e outras características marcantes destes povos, onde num contexto geral:

As tradições religiosas de matriz africana, também chamadas de religiões afro-brasileiras, abrangem os vários grupos religiosos nascidos das tradições culturais e religiosas trazidas da África, e que aqui se mesclaram entre si, constituindo-se como forte fator de resistência à escravidão (GUILLOUSKI; COSTA; SCHÖGL, 2007, p. 15).

Essas tradições religiosas, posteriormente deram origem a diversos grupos ou denominações, atualmente conhecidos: o candomblé, a umbanda, o xangô, a xambá, o catimbó, o tambor de Mina, o omolocô e o batuque. Cada qual com uma riqueza religiosa incomparável.

A umbanda, por exemplo, é considerada uma religião brasileira por excelência. Considerada a grande religião afro-brasileira, reúne aspectos de outras religiões como a católica, o espiritismo, além de tradições, símbolos, rituais e espíritos de religiões indígenas.

O candomblé, por sua vez, de origem banto, “é símbolo da resistência dos negros contra a escravidão no Brasil” (GUILOUSKI; COSTA; SCHÖGL, 2007, p. 17). Sua ênfase está no culto aos Orixás, tidos como as forças da natureza mediadoras do Ser Supremo, denominado Olorum ou Olodumaré.

Enquanto a umbanda crê “nos espíritos de Luz e plenitude que vem a Terra para ensinar e ajudar todas as pessoas, encarnadas e desencarnadas” (TRAVASSOS *et al.*, 2008, p. 165), o candomblé “dramatiza, de uma forma solene e festiva, as relações de uma dimensão cósmica, relações essas que se expressam no cotidiano da vida” (DIAS, 2009, p. 05).

De um lado, a umbanda tem nas entidades espirituais ou guias uma forma de manifestação que ocorre por meio dos médiuns durante as sessões realizadas. De outro, o candomblé tem suas divindades manifestas por meio dos pais ou mães de santo que “expressam a sua energia vital (axé) utilizando-se de danças ao ritmo de instrumentos de percussão chamados atabaques e dos cantos em línguas africanas” (DIAS, 2009, p. 05).

Sob esta ótica de análise, é válido destacar também, baseado nas pesquisas bibliográficas realizadas, bem como nos teóricos aqui relacionados que, a religião afro-brasileira, dada as características de sua formação, é muito tolerante com relação a outros credos, daí o fundamento de que esta é uma religião politeísta, ou seja, que “aceita outras religiões, assimilam seus valores e práticas, adicionam empréstimos a seu panteão, ampliando cada vez mais os limites do sincretismo” (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 213).

E assim como as religiões indígenas, as afro-brasileiras, são originárias de diversas outras estruturas religiosas pré-existentes. Prova disso, é que tanto os povos indígenas quanto os africanos viveram a influência da religião católica em sua formação religiosa, de modo que sua influência muito contribuiu para a construção de um cenário de multiplicidades míticas e ritualísticas em diversos graus.

Suas contribuições foram tão significativas a ponto de nos ajudar a perceber que tanto a religião indígena quanto a afro-brasileira exercem importante participação na formação cultural e religiosa do povo brasileiro, uma vez que é

natural do ser humano, independentemente da religião que siga, buscar respostas que deem conta de responder seus mais profundos anseios, como, por exemplo, quem ele é, de onde vem, para onde vai, qual o sentido da vida e da morte, entre outras questões de igual significado.

E, embora estas religiões sejam marcantes no cenário brasileiro tendo em vista sua “exuberância mítica e performativa de seus cultos a sua ideia fundamental não se destitui da verdadeira função que ela exerce sobre questões práticas e aspectos da vida social, além de sua propriedade retrativa nesta esfera” (DIAS, 2009, p. 06).

A presença de símbolos, devoções, cultos, rituais e práticas religiosas diversas em cada uma destas religiões expressam mais que manifestações religiosas, são, acima de tudo, suportes simbólicos que sustentam toda uma cosmovisão, estruturam as relações sociais existentes neste contexto que tendem a contribuir significativamente para que o homem se aproxime cada vez mais do sobrenatural e o afaste cada vez mais das coisas profanas do mundo que só lhe fazem mal como as drogas.

2.3 ATIVIDADES E SÍMBOLOS RELIGIOSOS DE OUTRAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Longe do caráter meramente evangelizador, doutrinário ou catequético, compreende-se que a finalidade maior de contextualizar, numa visão fenomenológico-teológica cada uma das religiões aqui destacadas, bem como de seus rituais, símbolos, devoções, cultos, atividades religiosas diversas, dentre outros, é analisar o fenômeno religioso em si visando refletir a respeito de sua influência na vida de uma pessoa, independentemente de qual seja o seu gênero, classe social, idade, entre outros aspectos sociodemográficos, possibilitando deste modo, a construção de conhecimentos diversos tanto a respeito da diversidade cultural religiosa do nosso povo quanto da importância da prática religiosa para a recuperação e tratamento, por exemplo, de drogaditos, mesmo por que:

Os antropólogos costumam afirmar que a experiência religiosa tem a sua autonomia e não está necessariamente condicionada pela estrutura de uma cultura. Todavia eles próprios reconhecem que

quando a experiência religiosa se transforma em religião institucional ela só pode ser entendida no contexto de uma cultura. Por isso podemos afirmar que a religião é um sistema de representação e um sistema cultural. Sendo uma rede de símbolos, com fronteiras bem demarcadas, com textos e normas precisas, a religião se expressa e se apresenta como uma cultura. Ela tem modelos de comportamentos, organização, estruturação, doutrina e ocupa espaços nos mesmos moldes de uma cultura. É uma cultura religiosa porque dá significado às coisas e às ações humanas. Ora, a religião é também cultura, enquanto tentativa de buscar significar e de responder a perguntas sobre a existência humana e sobre o sentido da vida. De fato, ela não é patrimônio exclusivo das igrejas. É fruto da história dos povos e a eles pertence como um dos elementos mais significativo e importante de suas culturas; porque ela, antes de ser a estruturação de certa experiência religiosa é, e representa, o anseio humano de se transcender e de se encontrar com aquele Ser, no qual a humanidade encontra respostas às suas perguntas profundas (OLIVEIRA, 2014, p. 02).

Assim, longe de tornar-se repetitivo sobre esta questão, acredito que algumas considerações ainda merecem ser feitas. A primeira delas refere-se ao fato de se compreender que o ser humano necessita hoje mais do que nunca, se apegar a algo que dê sentido à sua vida aqui na Terra.

Entre as muitas formas de fazer isso está a religião, que dada a sua ampla diversidade, seja como objeto de prática de fé ou de doutrinação, exerce significativa influência nas mais diferentes culturas e sociedades por conta dos hábitos, comportamentos e mentalidades incorporadas. Logo, concorda-se que:

O conhecimento do fenômeno religioso sugere um repensar sobre o nosso conceito acerca de cada um dos povos existentes no mundo inteiro e sua milenar sabedoria e cultura deixada e repassada ao longo dos anos de geração a geração. Além disso, conhecer as expressões religiosas dos diferentes povos bem como seus símbolos, rituais, cultos, devoções, entre outros aspectos que caracterizam cada religião existente, permite, sem dúvida alguma, compreender melhor cada um dos aspectos que as compõem e um pouco da dimensão de sua influência na vida das pessoas (GUILOUSKI; COSTA; SCHÖGL, 2007, p. 05).

Isto acontece porque a própria religião em si traduz num sistema de representação e de cultura, trazendo à tona a discussão de questões bastante interessantes neste contexto, como, por exemplo, a relação e a diferença entre sagrado e profano, a religiosidade e a religião, a magia e o sincretismo religioso.

A segunda questão interessante diz respeito ao fato de as pessoas se apegarem à religião como meio de se achegar mais próximo do Sagrado, do

Sobrenatural, do Ser Supremo, de Deus, das divindades e, com isso, se afastarem de tudo o que seja profano, mundano, pecado.

Sobre esta questão, Dias (2006, p. 09), analisa este pressuposto sob a perspectiva da cura de pessoas enfermas em instituições religiosas, evidenciando em sua narrativa:

A doença como experiência de vida, comumente representada pelo sofrimento e aflição no discurso dos indivíduos por ela acometidos, constitui-se em um agente fragmentador de elos sólidos que os conecta à suas realidades. [...] Como experiência de desintegração, a doença envolve o indivíduo numa complexa e densa rede de sentimentos. A presença do sofrimento atua como fator que o conduz à busca de possíveis significados para a enfermidade que o acomete. Neste percurso, tais significados o ajudam a entender determinados aspectos indispensáveis à compreensão da doença. No qual a adesão a modelos explicativos que interpretem o sofrimento, não estão necessariamente restritas às práticas tradicionais da medicina ocidental, está também associada a uma perspectiva de transformação pessoal, a uma necessidade de busca espiritual, cuja consequência irrompe no contato com práticas religiosas.

Estas práticas religiosas, independentemente de qual seja a religião, atuam no inconsciente do ser humano fornecendo-lhe respostas para muitas de suas dúvidas e necessidades, oferecendo-lhe, deste modo, uma interpretação diferenciada da doença a que estão acostumados a conhecer.

É um processo de cura que perpassa pela transformação pessoal, pois além de fundamentar sua existência humana, também lhe fornece condições para entender o mundo que o cerca, no qual o conhecimento do Sagrado assume o compromisso explícito de orientação revelando-se como a saída para boa parte de seus problemas emocionais e espirituais.

Talvez seja por isso que Dias (2006, p. 10) afirme que a religião, independentemente de qual seja, tem seu verdadeiro papel relacionado à:

Resolução de problemas práticos referentes à vida cotidiana. Através dela o homem sente mais força tanto para suportar as dificuldades inerentes a sua existência, como para vencê-las. O próprio sistema religioso aprova condutas satisfatórias, naturalizando-as. A moralidade ganha neste sentido um aspecto simples, de uma sabedoria prática, retratando um mundo no qual essa conduta padronizada torna-se senso comum. Trata-se de um dispositivo que impõe valores sociais e que possui, mediante a atuação dos símbolos, a capacidade de classificar comportamentos sociais desejados e indesejados. De modo que, os símbolos religiosos dramatizados em rituais relatados em mitos, parecem resumir, de

alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com ele, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta e a maneira como deve comportar-se quem está nele.

Por conta disso, os símbolos, rituais, cultos, devoções e toda forma de práticas religiosas, tem importante função a exercer no contexto de uma determinada religião e, muito mais na religiosidade de uma pessoa, pois determinados pelas suas propriedades ideológicas e de significação estão vinculados a fatores importantes como a crença, a fé, o conhecimento, ao fortalecimento espiritual.

Neste contexto, assim como as religiões já anteriormente analisadas nesta revisão de literatura, outras religiões também são identificadas por sua promissora influência da vida de seus adeptos.

Apesar de serem em menor proporção que o catolicismo, o protestantismo, as religiões indígenas e afro-brasileiras, estas religiões também possuem importante papel de destaque no cenário brasileiro, vindo “a completar o quadro de diversidade religiosa, algumas importadas, outras inventadas aqui mesmo” (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 203).

Entre as religiões evidenciadas no Censo de 2010, registradas pelo IBGE no Brasil, destacam-se, de acordo com Teixeira e Menezes (2013), além, da Católica Romana, das Evangélicas, indígenas e afro-brasileiras, a religião espírita, a budista, a hinduísta e a judaica.

A religião budista, por exemplo, de acordo com Bezerra (2009, p. 14), “é associada principalmente com o culto aos antepassados”. Seu símbolo oficial a Roda Dharmica ou Dharmacakra, representa cada uma das oito práticas que constituem o Nobre Caminho da retidão que se baseia na compreensão, pensamento, fala, ação, meio de vida, atenção, sabedoria e visão correta.

A religião hinduísta, por sua vez, tão diversa quanto o próprio significado de seu nome, “introduzem a noção de Atmã, alma, e Brahman, a força que permeia todo universo, uma divindade impessoal” (BEZERRA, 2009, p. 15), e, como tal, adoram a vaca e possuem a crença no carma e na reencarnação. Neste contexto, o Om ou Aum, além de símbolo é o principal mantra desta religião e funciona como uma espécie de oração, mas não relata um diálogo direto com seus deuses.

No que se refere à religião judaica, esta é uma religião que tem como unicidade absoluta Deus como o Criador “onipotente, onisciente, onipresente, que

influencia todo o universo” (BEZERRA, 2009, p. 20). Logo, o Selo de Salomão é o seu maior símbolo, onde também chamado de Estrela ou escudo de Davi, representa os elementos do universo, como a água, o fogo, a terra e o ar, a dimensão transcendente (triângulo com ponta para cima) e a imanente com ponta para baixo.

Além destas religiões existem muitas outras a serem mencionadas. No entanto, o que se quer demonstrar aqui é que, tendo em vista a diversidade religiosa existente, no Brasil e no Mundo, não se pode esquecer que não existe uma religião melhor do que outra. Cada uma colaborou e continua contribuindo significativamente para o entendimento do fenômeno religioso, pois expressa, de acordo com sua especificidade, uma visão religiosa, e tem significado atribuído ao seu valor na vida das pessoas que as seguem.

Assim, compreendendo que religiões, religiosidades e experiências religiosas se expressam em linguagem e formas simbólicas, semelhantes ou diferentes umas das outras, reconhece-se que:

As questões religiosas permeiam a vida cotidiana, sob formas de espiritualidade que fornecem elementos para construção de identidades, de memórias coletivas, de experiências místicas e correntes culturais e intelectuais que não se restringem ao domínio das igrejas organizadas e institucionais (DIAS, 2006, p. 10).

Isto se explica na medida em que se compreende que, a religião é um sistema simbólico porque busca significar e responder as perguntas feitas pelo ser humano sobre a sua própria existência e sobre o sentido da vida, o que lhe faz não ser, portanto, patrimônio exclusivo das igrejas.

Ao contrário disso, é fruto da história e da cultura da humanidade, pois antes de ser uma forma de estruturação de certa experiência religiosa, representa o anseio humano de se transcender e de se encontrar com aquele Ser, no qual a humanidade encontra respostas às suas perguntas mais profundas.

É, portanto, com base nisso que se evidencia a necessidade que se tem de conhecer cada uma das religiões existentes e a sua influência na vida social e espiritual do ser humano, uma vez que:

Nenhuma tradição religiosa é “total”, nem existe um status de favoritismo de religiões. Conhecer o lugar onde estamos e onde os outros estão em relação à fé e às crenças leva-nos a desenvolver um sentido de proporção no amplo campo das religiões, religiosidades,

experiências religiosas – onde todos devem ser ouvidos e respeitados. A diversidade se faz riqueza e deve conduzir à compreensão, respeito, admiração e atitudes pacificadoras (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 213).

Necessita-se saber não apenas quantos são os católicos ou protestantes no mundo todo, mas também como cada religião está articulada, como se processa, quais são os seus símbolos, rituais, cultos, devoções, dentre outros, tudo como possibilidades de experiências religiosas que conferem sentido à vida e à morte e que curam doenças.

Com a expansão contínua dos temas e perspectivas do estudo da (s) religião (ões) existentes no mundo inteiro, acredita-se não ser mais suficiente pensar na sua existência, mas, também, crescente importância que cada uma delas exerce em nossa sociedade.

Nesta perspectiva, a variedade de abordagens e a pluralidade das tradições religiosas não só enriquecem os estudos e investigações realizadas neste campo como são um desafio a uma compreensão mais adequada de sua história e do seu significado nos diferentes contextos nos quais está ou pode ser inserida, como é o caso, por exemplo, da dimensão religiosa e sua influência na recuperação de dependentes químicos.

Estabelecer um diálogo sobre a temática, foco de pesquisa, representa um esforço de trazer para o debate importantes questões a respeito da comprovação ou não de que a dimensão religiosa tem influência na recuperação de drogaditos.

Todo esse trabalho intelectual deve, contudo, levar em conta que esta influência pode diferenciar e variar de acordo com cada situação. Sendo assim, toda forma de conhecimento passível de interpretação, neste caso, do estudo das religiões, é sempre incompleto e sujeito a novas formulações, adaptações, reconfigurações.

3 MOTIVAÇÕES RELIGIOSAS NO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES

Considerado um problema de longa escala, além de ser um dos mais graves no contexto social, no qual se encontram correlacionados fatores individuais e coletivos, familiares, econômicos, políticos, sociais e, mesmo, culturais, as drogas são um problema que afeta diretamente a sociedade. “O mal causado pelo uso das drogas e conseqüentemente pela dependência química, se reflete em todos os âmbitos da sociedade” (BECK JÚNIOR, 2010, p. 14). Pois, mesmo quem não é usuário ou tem uma relação direta com as drogas, acaba envolvido na criminalidade a ela associada, uma vez que torna-se vítima de seus efeitos colaterais e de suas inevitáveis conseqüências.

É alarmante o estrago causado pelas drogas no mundo inteiro. A cada dia uma quantidade significativa de pessoas experimentam as drogas e tornam-se dependentes. “O prazer causado na primeira vez que o indivíduo faz seu uso é tão forte que o usuário passa a experimentar com mais frequência, devido ao poder de dependência, vislumbrando uma nova experiência tão fantástica, quanto à primeira” (BECK JÚNIOR, 2010, p. 14).

Desde os tempos mais remotos, a humanidade sempre teve envolvimento, seja para fins curativos, por motivos religiosos, seja recreativos ou mesmo existenciais, com as drogas lícitas ou ilícitas. Sua utilização pelos mais variados motivos, sempre esteve vinculado à medicina, a ciência, a religião, a cultura, a festa, ao prazer, prova disso é que ao analisarmos a histórias das civilizações, teremos a oportunidade de verificar que desde o tempo dos homens primitivos, já havia uma busca por frutas, ervas, sementes, etc. que propiciavam algum tipo de relaxamento e prazer, muitas delas com teor alcoólico, sensação vertiginosa, de relaxamento, entre outros.

Segundo Neves e Segatto (2011, p. 01), “há milhares de anos, o vinho e a cerveja, por exemplo, são registrados nas sociedades mais antigas, como o primeiro tipo de droga lícita a ser utilizada”. A própria Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Gênesis capítulo 9, revela o uso do vinho quando destaca no relato da história de Noé, apresentando-o como o primeiro agricultor a plantar uma vinha, a usufruir dela e a embriagar-se.

Lícita ou ilícita, Neves e Segatto (2011) afirmam que a droga é um problema de saúde pública que afeta milhares de pessoas de todas as faixas etárias, de diferentes classes sociais, etnias, etc. É um problema de ordem social, pois suas consequências têm alcançado níveis quantitativos assustadores em todo o mundo.

O uso das drogas pode estar ligado a diversos motivos, entre os quais pode ser destacado o fato de:

O ser humano ter um desejo particular de atingir o prazer, seja para dominar a sua mortalidade, seja para explorar suas emoções, melhorar seu estado de espírito, intensificar os sentidos ou promover a sua interação com o meio social facilitando a sua desinibição. De modo geral, pode-se afirmar que, o desejo de descobrir sensações novas e prazerosas está presente nos seres humanos. Gostamos de sentir prazer e o buscamos das mais variadas formas. Não só o buscamos, mas estamos expostos a ele, principalmente na sociedade de consumo em que vivemos que nos incita ao prazer e à busca de felicidade ao alcançarmos este prazer. Uma felicidade que se apresenta eterna e se revela ilusória e passageira porque nunca poderá ser satisfeita. Ao menos, não a ponto de a conquistarmos somente porque temos condições de consumir (BERTONI; 2004, p. 02).

Assim é com as drogas. Quem a consome, geralmente está em busca de alguma forma de prazer, de liberdade e de felicidade, mesmo que estas sejam ilusórias e passageiras, cujo resultado seja sempre a infelicidade e a depressão profunda.

As drogas, como seu próprio nome diz, é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como sendo “qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações em seu funcionamento” (CARVALHO, 2011, p. 03).

Com base nisto, droga pode ser considerada toda substância que, em virtude de sua natureza química, acaba causando alterações que afetam diretamente a estrutura e o funcionamento do organismo do ser humano ou que cause também alterações psíquicas capazes de tornar este indivíduo completamente dependente de seu uso.

Logo, dependência química pode ser entendida como sendo um conjunto de fatores ligados entre si, baseados em sintomas típicos apresentados pelo indivíduo usuário de drogas, sejam quais forem elas, que se traduzem em critérios diagnósticos claros.

Para a OMS, de acordo com Carvalho (2011), os sintomas apresentados constituem-se fatores de risco, mas que dependendo de cada situação, podem apresentar-se de maneira diferenciada em cada indivíduo, pois tem a ver com o tipo de droga utilizada, com o tempo de uso, com o organismo, entre outros.

São consideradas drogas psicoativas todas as substâncias naturais ou sintéticas que podem ser absorvidas pelo organismo humano, por meio da ingestão, injeção, inalação ou absorção da pele, e, deste modo, penetram na corrente sanguínea e alcançam o cérebro, afetando o seu equilíbrio e provocando reações que variam da apatia à agressividade.

Em virtude de ser um comércio rentável, seu cultivo e consumo tem aumentado entre os jovens que não se dão conta dos danos causados a sua saúde. Há riscos de morte súbita, paranoia, agressividade, parada cardíaca, depressão. Enfim, cada droga utilizada exerce um efeito diferenciado de indivíduo para indivíduo no organismo.

Pires *et al.* (2012, p. 02) evidencia que “o uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente na sociedade e os prejuízos associados ao seu uso são bastante conhecidos”. Prova disso é que cada população específica, jovens, adolescentes, adultos, sofrem os danos causados por seu uso.

Convêm, portanto, salientar, com base em Pires *et al.* (2012), que os danos, efeitos colaterais ou consequências, evidenciados podem ser decorrentes de seu uso prolongado ou também de intoxicação aguda, como é o caso da overdose. Pode haver também, um maior envolvimento em atividades ilegais, em prostituição em troca de drogas ou de dinheiro.

Neste contexto, é evidente que os efeitos das drogas podem ser maléficos, conforme destaca Pires *et al.* (2012, p. 07) que:

Os prejuízos provocados pelas drogas podem ser agudos (durante a intoxicação ou ‘overdose’) ou crônicos, produzindo alterações mais duradouras e até irreversíveis. O uso de drogas por pessoas mais novas, como é o caso dos adolescentes, por exemplo, traz riscos adicionais aos que ocorrem com adultos em função de sua vulnerabilidade. Todas as substâncias psicoativas usadas de forma abusiva produzem aumento do risco de acidentes e da violência, por tornar mais frágeis os cuidados de autopreservação, já enfraquecidos entre adolescentes. Estes riscos ocorrem especialmente com o uso de álcool, a droga mais utilizada nesta faixa etária. O álcool pode causar intoxicações graves, além de hepatite e crises convulsivas.

Como se pode verificar, cada tipo de droga, tempo de uso, quantidade, entre outras características, provoca efeitos colaterais, prejuízos à manutenção da saúde do indivíduo, consequências irreversíveis. Outro fato que contribuiu para que se ignore os efeitos colaterais, os danos causados e as consequências deste ato, se dá em virtude de que inicialmente não há sinais e sintomas evidentes, o que os faz passar despercebidos. Quando os sintomas surgem, eles aparecem como consequência do abuso e da dependência.

Diante disso, em se tratando das motivações religiosas que tendem a interferir no processo de recuperação dos dependentes, Rigotto e Gomes (2002) em seu estudo sobre contextos de abstinência e de recaída durante o processo de recuperação da dependência química constatou que a dimensão religiosa, ao lado de outros fatores, como, por exemplo, a consciência do problema por parte do drogadito, o resgate de vínculos familiares, bem como o afastamento de ambientes favoráveis ao uso das drogas, exercem importante influência neste contexto.

Assim, com o intuito de oferecer uma compreensão fenomenológica a respeito da experiência vivenciada por um dependente químico em busca de recuperação, Rigotto e Gomes (2002, p. 95-96) evidenciam, entre outros aspectos:

As significações atribuídas à experiência vivenciada, os elos que auxiliam o comprometimento na recuperação (reabilitação) e, em contrapartida, aqueles que retroalimentam a recaída. É fato que padrões de consumo das drogas podem ser modificados por intervenções desenvolvimentais e ambientais, e por mudanças intencionais, como ocorre na psicoterapia, bem como por influências religiosas ao longo do processo de recuperação dependendo do estágio no qual se encontre o indivíduo, denominados de pré-contemplação, contemplação, decisão/ação e manutenção. Na pré-contemplação o adicto pode mostrar interesse em mudar o comportamento ou ainda não parecer suficientemente consciente de que tem problemas. Na contemplação o adicto demonstra consciência do seu problema e começa a pensar em fazer mudanças, mas sem um sério compromisso para agir. Na decisão, ação, ocorrem tentativas concretas de modificar comportamentos, experiências e meio ambiente. Por fim, na manutenção trabalha-se para evitar recaídas e consolidar ganhos.

Rigotto e Gomes (2002) acreditam que, em cada uma destas etapas vivenciadas pelo drogadito, a dimensão religiosa, assim como os demais fatores já evidenciados, tendem a contribuir significativamente para o processo de recuperação deste. No entanto, é a partir do estágio de decisão/ação e manutenção

que este tende a se apegar muito mais a religiosidade para conseguir vencer as barreiras surgidas ao longo do caminho.

Para Sanchez (2006), tendo em vista seu estudo sobre a atuação das práticas religiosas na recuperação de dependentes químicos, no qual apresenta a experiência vivenciada junto ao trabalho realizado pelos grupos de católicos, evangélicos e espíritas, buscando compreender e elucidar procedimentos dos diversos tratamentos que não seguem os padrões médicos convencionais, ficou comprovado que a crise é o maior motivo de busca de tratamento.

É durante a crise que o indivíduo se dá conta de seu problema e busca ajuda para vencê-lo. Geralmente isso acontece quando ocorre principalmente a perda dos elos familiares, do emprego e sujeição a fortes humilhações para conseguir manter o vício.

Na busca para livrar-se deste problema, Sanchez (2006, p. 15) em seu estudo constatou que:

Os evangélicos foram os que mais utilizaram o recurso religioso como forma exclusiva de tratamento, apresentando forte repulsa ao papel do médico e qualquer tipo de tratamento farmacológico. Também foram os que descreveram maior intensidade da crise vivida, relacionada especialmente a drogas ilícitas. Os espíritas foram os que buscaram mais apoio terapêutico à dependência de drogas lícitas, simultaneamente a um tratamento convencional, justificado inclusive por serem o grupo de maior poder aquisitivo. Os católicos afirmaram terem buscado apoio no que já lhes era conhecido, já que todos foram educados nesta religião. O que há de comum em todos os tratamentos é a importância dada à oração, conversa com Deus, como método de controle da fissura da droga, atuando como forte ansiolítico. Para evangélicos e católicos, a confissão e o perdão, através da conversão (fé) ou das penitências, respectivamente, exercem forte apelo à reestruturação da vida e aumento da autoestima.

Fica evidente que a dimensão religiosa exerce influência significativa no processo de recuperação do dependente químico, haja vista oferecer condições favoráveis à reabilitação social, para refazer os vínculos perdidos. Além disso, independentemente de qual seja a religião, as motivações religiosas se fazem presente apresentando resultados satisfatórios.

Assim, para que se compreenda melhor como ocorre a influência da dimensão religiosa no processo de recuperação do drogadito, a seguir serão contextualizadas quais são as principais motivações religiosas utilizadas por estes indivíduos para conseguirem manter-se longe do vício e refazerem suas vidas.

3.1 AS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES RELIGIOSAS PRESENTES NA BUSCA DA RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES

É fato irrevogável que a dimensão religiosa tem ganhado espaço contínuo no tratamento e recuperação dos dependentes. Prova disso, tem sido o crescente aumento de instituições religiosas que realizam este trabalho no Brasil. As intervenções realizadas têm sido consideradas, por diversos estudiosos no assunto, bastante eficazes.

A procura por recuperação é quase sempre desencadeada por experiências críticas sofridas pelos usuários e, por conseguinte, seus familiares, como é o caso, por exemplo, de situação de desamparo e debilidade física, e a necessidade de revitalização dos laços familiares perdidos.

A manutenção do propósito de manter-se longe das drogas é sempre muito difícil. No entanto, são “reconhecidos como fonte de apoio para a recuperação: a família, os grupos de autoajuda, o convívio e troca de experiências com amigos recuperados, a religião e o acompanhamento psicológico” (RIGOTTO; GOMES, 2002, p. 99).

Cada fonte de apoio é apontada tanto pelos indivíduos em processo de recuperação quanto por estudiosos no assunto, como fator de significativo, pois oferecem novas possibilidades de sucesso no tratamento, ajudam a prevenir possíveis recaídas, fortalecem o indivíduo.

De acordo com Rigotto e Gomes (2002, p. 99) “o grande desafio da recuperação é substituir a rotina centrada na droga por novos hábitos evitando o retorno aos comportamentos destrutivos anteriores”. Diante disso, na busca por manter-se longe das drogas, o indivíduo geralmente procura se apegar em algo que lhe auxilie neste processo.

A religião é uma das importantes aliadas, pois como afirma Sanchez (2006, p. 16):

O tratamento religioso possui intervenções consideradas bastante eficazes pelos indivíduos submetidos a elas e despertam a atenção destes pela forma humana e respeitosa pela qual são tratados. A maior potencialidade destes tratamentos está no suporte social do grupo que os recebe, no tratamento de igual para igual e no acolhimento imediato e sem julgamentos, mostrando que o sucesso destas ações não se esgota num possível aspecto “sobrenatural”,

como poder-se-ia supor, mas sim, em especial, na dedicação incondicional do ser humano por seu semelhante.

A cada dia vem sendo comprovado o quanto a dimensão religiosa interfere significativamente no processo de recuperação dos dependentes. É grande a literatura disponível que associa de modo positivo o uso de motivações religiosas utilizadas no tratamento destes indivíduos.

Nota-se como fundamental o papel exercido pela dimensão religiosa na vida do indivíduo. Seus benefícios podem ser inúmeros. Inclusive, podem estar associados ao trabalho preventivo. Em se tratando especificamente do papel exercido na recuperação de dependentes, as motivações religiosas constituem-se as vertentes principais para o bem estar integral do sujeito.

As motivações religiosas servem de apoio para a recuperação na medida em que substitui o vazio deixado pelas drogas pela paz de espírito, pois “a religião é vista como algo que dá sentido e parece contribuir para o esforço de alcançar níveis mais elaborados de relacionamentos com o mundo externo” (RIGOTTO; GOMES, 2002, p. 102).

Neste contexto, as instituições religiosas surgem como um local de recuperação, entre muitos existentes, bastante indicado tendo em vista seu potencial significativo neste processo, pois várias são as motivações religiosas que tendem a interferir positivamente no tratamento dos dependentes.

Rocha, Guimarães e Cunha (2012, p. 178), “a participação em grupos religiosos tem sido uma solução encontrada por pessoas de diferentes classes sociais para a recuperação do uso indevido de drogas”. Isto se deve por diversos motivos. Mas, a grande procura se dá pela classe mais pobre.

As motivações religiosas são variadas. No entanto, a oportunidade de estabelecer vínculos de amizade e de informação, além do apoio material, emocional, afetivo e espiritual, é de grande importância em virtude de contribuir para o bem estar dos indivíduos, tendo um papel positivo na prevenção e na manutenção da saúde.

Sobre estas motivações religiosas, Rocha, Guimarães e Cunha (2012, p. 180), afirmam que:

Uma forma de apoio que favorece o processo de recuperação é o fato de ser a igreja toda um grupo social abstêmio, já que a ingestão de drogas é vista, de acordo com seus integrantes, como algo que

escraviza o corpo, tido como sagrado pelo fiel. Isto representa um suporte socioestrutural alternativo, onde se desenvolvem fortes vínculos emocionais que substituem a sociabilidade anterior.

Logo, o tratamento do uso de drogas realizado pelas instituições religiosas está relacionado à exigência de mudança nas mais diversas áreas da vida do dependente, mesmo porque o foco principal não é apenas a recuperação do vício, mas também a salvação do indivíduo por meio de um contato maior com Deus.

Neste contexto, a motivação religiosa voltada para a intervenção com a finalidade de sua reinserção na sociedade, não visa somente a sua recuperação do uso de drogas, mas também a sua transformação total segundo os ensinamentos da religião que rege este contexto. Isto é muito comum em instituições religiosas evangélicas.

Isso nos mostra que, a partir do momento que o dependente decide relegar o vício, bem como todos os planos materiais existentes, ele acaba por abandonar tudo o que lhe impede de ter uma nova vida. Entretanto, para isso, ele acaba se apegando a religião como meio eficaz de manter-se longe deste problema.

Contudo, Nogueira (2009) evidencia que para o indivíduo possa alcançar a recuperação é preciso ter disponibilidade e a motivação para se manter firme no processo de tratamento, para que assim, consiga tanto obedecer as exigências da instituição religiosa quanto promover mudanças comportamentais necessárias.

“A ‘crise’ decorrente das consequências do uso indevido de drogas também se apresenta como um fator motivacional que contribui para a escolha de uma instituição religiosa como local de recuperação” (ROCHA; GUIMARÃES; CUNHA, 2012, p. 183), e, conseqüentemente a religião é abraçada como alternativa viável para se livrar do problema que acomete a sua vida e, por conseguinte, a de seus familiares.

A fé, a oração, os símbolos religiosos, a crença, ou qualquer que seja o elemento, apresentam-se como fatores motivacionais presentes na busca pela recuperação do dependente, e auxiliam, sob medida, a estes a se religarem com o mundo e consigo.

Deste modo, as motivações religiosas são necessárias porque oferecem uma forma de cura tanto para o corpo quanto para a mente, e, como tal, sugerem a adoção de uma nova vida, no qual “a espiritualidade é uma característica única e individual, que pode ou não incluir a crença em um ‘Deus’” (SANCHEZ, 2006, p. 29).

Apresentam-se ainda, como fatores motivacionais religiosos para a recuperação do dependente, a necessidade de mudança de caráter, de seguir um caminho com Deus. Para tal, passam a frequentar os cultos, as reuniões, oram, leem a Bíblia e outros livros de cunho religioso, entre outros hábitos.

Independentemente de qual seja a motivação religiosa que leve o indivíduo a recuperar-se a ponto de estar reabilitado para a vida em sociedade, Sanchez (2006, p. 29-30) evidencia que:

A religião vem sendo claramente identificada como fator protetor ao uso de drogas, ou seja, quanto maior a importância dada à religião, menor o envolvimento com drogas. (...) 4 variáveis religiosas são claramente relacionadas a um menor envolvimento com o consumo de drogas: 1) aderir e participar de programas religiosos para jovens; 2) valorizar os ensinamentos religiosos, 3) considerar importante crer em Deus e 4) considerar importante orar quando se está diante de alguma dificuldade. [...] A religiosidade privada parece ser a responsável por reduzir o impacto de eventos estressantes na vida como determinante do início do consumo de substâncias psicotrópicas.

Observa-se um papel protetor da religiosidade, tanto influenciando um menor consumo de drogas quanto favorecendo a diminuição do consumo tendo em vista a existência de variáveis religiosas que colaboram significativamente para tal, pois durante o tratamento são utilizadas diversas estratégias motivacionais religiosas para se alcançar o objetivo procurado pelo dependente, que é a recuperação.

Sendo assim, o tratamento baseado em motivações religiosas focaliza o vínculo espiritual como o principal fator para auxiliar na recuperação de um dependente, haja vista que “o tratamento de um drogadito não se resume em buscar apenas a ausência das drogas, mas também a construção de um novo estilo de vida, tanto para o dependente quanto para a família” (NOGUEIRA, 2009, p. 29).

No entanto, o processo de recuperação é um longo processo a ser percorrido, haja vista os inúmeros e mais variados contratemplos que surgem no decorrer deste percurso, talvez seja por isso que as recaídas acabem acontecendo. É por conta disso que as comunidades terapêuticas que se utilizam da religião no tratamento dos dependentes geralmente não fazem uso de medicamento, seu método terapêutico se baseia na convivência, no trabalho e prática dos ensinamentos do Evangelho.

A proposta das comunidades terapêuticas consiste em propiciar aos dependentes o nascimento de um “homem novo”, no qual o estilo de vida baseia-se,

entre outros aspectos, no trabalho como fonte de auto sustentação, no apoio familiar como instrumento de mudança de mentalidade e na espiritualidade para o alcance dos objetivos propostos.

Assim, para que se entenda como ocorre a interferência da dimensão religiosa na vida do dependente químico, no subcapítulo a seguir, além da descrição metodológica, será contextualizada, analisada, a luz dos teóricos que tratam da temática proposta, e identificada a importância da fé e da crença na recuperação de dependentes químicos no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima, verificando-se, para isso, os principais indicadores de como a dimensão religiosa pode servir de auxílio na minimização ou até mesmo no abandono de tal dependência, bem como conhecer os principais fatores que os motiva a permanecerem afastados das drogas.

3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO MISTO

Tendo em vista a importante contribuição dos teóricos ao longo da revisão de literatura anteriormente proposta, há a necessidade de se evidenciar que a elaboração da metodologia de pesquisa destinou-se tanto a descrever os métodos e técnicas aplicadas para o seu desenvolvimento visando o conhecimento científico, quanto instrumentalizar e apresentar as intenções deste estudo, mediante a análise e discussão dos resultados, principalmente no que se refere ao alcance dos objetivos e a preposição de se responder ao problema de pesquisa.

Em se tratando disso, este estudo teve abordagem quali-quantitativa. É qualitativa porque “sua preocupação está centrada num nível de realidade que pode ser ou não quantificado” (GIL, 2010, p. 70), ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, entre outros aspectos, que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis mensuráveis e com sentido pronto e acabado.

Além disso, mantêm uma interdependência entre o sujeito e o objeto, no qual o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, mas está conectado por uma teoria explicativa, e, como tal, o sujeito observador é parte integrante do

processo de conhecimento, e desempenha o papel de interpretar os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

Também é quantitativa porque possibilita, entre outros aspectos, ao pesquisador, reunir, de forma criteriosa, “técnicas e a confecção de instrumentos adequados de registro e leitura dos dados colhidos em campo” (CHIZZOTTI, 2003, p. 51), de modo que, sua aplicabilidade é importante por que tem a finalidade de prever a mensuração de variáveis pré-estabelecidas, de forma a verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis, utilizando-se para isso, da análise da frequência de incidência e de correlação estatística.

Com relação aos objetivos caracterizou-se como uma pesquisa exploratória, pois buscou coletar informações diversas sobre uma dada realidade com o intuito de analisá-las e discuti-las visando à elucidação do problema proposto estimulando a sua compreensão.

De acordo com Teixeira (2007, p. 78), a pesquisa exploratória se aplica a este tipo de estudo, pois, tem “como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, ou seja, visa o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, haja vista ser bastante flexível, uma vez que procura possibilitar a consideração dos mais variados aspectos relativos ao problema estudado.

Quanto aos procedimentos adotados, este estudo se classifica como sendo uma pesquisa de campo e bibliográfica. É de campo porque busca “conhecer aspectos importantes e peculiares do comportamento em sociedade” (FURASTÉ, 2007, p. 35), além disso, envolve o estudo de diversos aspectos, entre os quais, podem ser citados a satisfação, o interesse, a opinião de uma única ou mais pessoas sobre diferentes fatores da realidade a sua volta.

A pesquisa de campo tem como finalidade possibilitar compor informações que reflitam os fatores relacionados às questões propostas para responder tanto a problemática central estabelecida para este estudo quanto o alcance de seus objetivos.

Também é pesquisa Bibliográfica porque, como em qualquer outro tipo de estudo, exige também “a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e análise” (CHIZZOTTI, 2003, p. 91), que neste

contexto, tratou-se do levantamento bibliográfico por meio da técnica de fichamento e resumo de livros e artigos em torno da temática proposta.

A pesquisa bibliográfica caracteriza-se por nortear a revisão literária de um estudo, uma vez que baseia-se fundamentalmente no manuseio de obras literárias, quer impressas, quer capturadas via internet, permitindo ao pesquisador, a leitura, análise e interpretação de dados diversos presentes em livros, artigos e demais documentos bibliográficos científicos, com vistas a fundamentar cientificamente os dados empíricos coletados em campo.

Tendo em vista os procedimentos utilizados, o *locus* de pesquisa levou em conta a definição do universo, população e amostra para a realização deste estudo. Assim, compreendendo que, o universo corresponde, segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 108), “toda a população que o pesquisador possui para extrair a amostra”, ou seja, é a população que se tem disponível para selecionar a amostra necessária para que o estudo seja realizado, onde neste caso, o universo deste estudo foi o Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima, situado à Rua Dr. Arnaldo Brandão, nº 728, Bairro São Francisco, uma instituição sem fins lucrativos, que tem por finalidade o desenvolvimento de atividades de assistência psicossocial para usuários de drogas e suas respectivas famílias objetivando recuperar pessoas da adicção a substâncias químicas, de modo a preparar e acompanhar recuperando para sua reinserção no meio social, além da aplicação de cursos referente à temática dependência química.

O NATA é uma instituição que desenvolve atividades para tratamento de dependência química, minimizando a síndrome de abstinência, compulsividade, reeducação comportamental e até desvio de ações que são trabalhadas com as famílias de forma planejada, permanente e continuada. Para tanto, trabalha com uma equipe multidisciplinar composta de psiquiatra, psicólogo, terapeuta, assistente social, no qual a dinâmica do trabalho envolve atendimentos ambulatoriais, reuniões familiares e com os dependentes químicos em tratamento, palestras, além de um trabalho biopsicossocial e espiritual, com a finalidade de resgatar o social e valores do drogadito.

E, como a população é definida por Furasté (2007, p. 55) como “o conjunto de todos os elementos ou resultados sob investigação”, que auxiliam no processo de pesquisa seja para validar ou invalidar conclusões sobre o objeto de

pesquisa, a população alvo da pesquisa foram os usuários do NATA, que se encontram em tratamento.

Já a amostra corresponde ao “estudo de um pequeno grupo de elementos retirado de uma dada população que se pretende estudar” (GIL, 2010, p. 30), e, portanto, é muito utilizada para representar um universo a ser estudado, para verificar hipóteses e/ou para produzir inferências sobre a natureza da população a ser estudada, que neste caso atingiu um total de 16 usuários de ambos os gêneros que se encontravam em tratamento no NATA no período do estudo.

Em se tratando da aplicabilidade da pesquisa, o questionário de pesquisa misto (Apêndice A) foi o instrumento de pesquisa escolhido para a coleta de dados que permitiu obter as informações necessárias sobre os conhecimentos diversos a respeito da realidade analisada, pois configurou-se como:

É uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas (GIL, 2010, p. 121).

Ou seja, o uso do questionário é importante tendo em vista ser um documento que tem a função de proporcionar os dados requeridos, por meio das questões elaboradas e aplicadas, com o intuito de testar hipóteses previamente elaboradas.

Tendo em vista o estudo proposto, o instrumento de pesquisa esteve composto de um total de quinze (15) questões do tipo aberta e fechada subdivididas em duas (2) etapas de análise: caracterização do público alvo de pesquisa e religião e recuperação da dependência química.

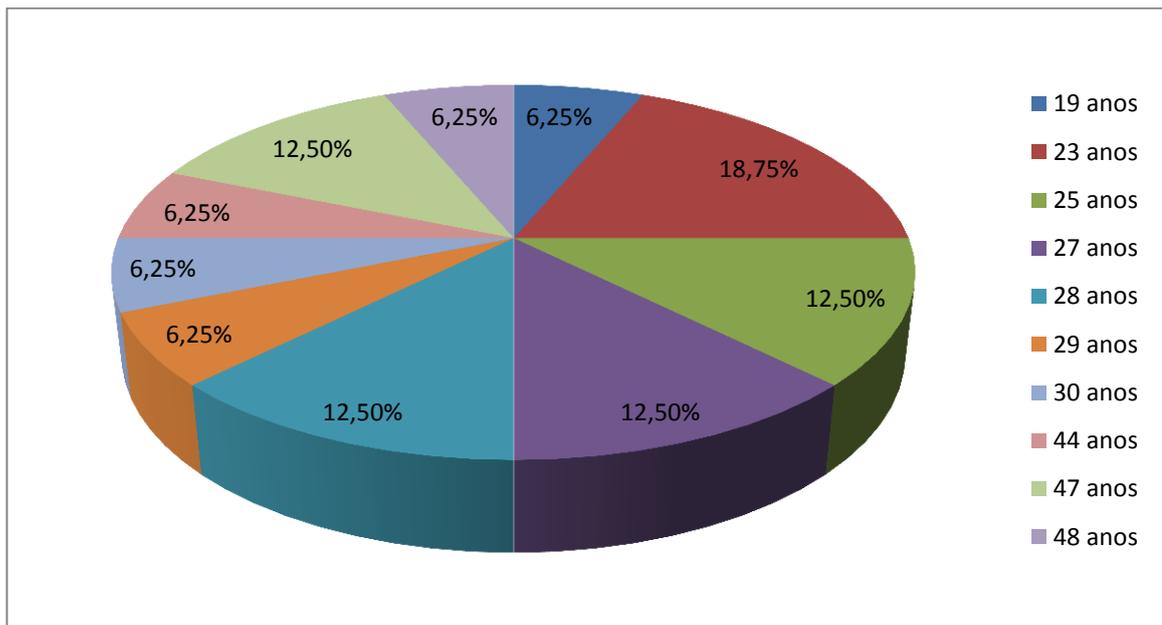
Vale destacar que, a aplicação deste instrumento de pesquisa foi feita mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue a cada um dos sujeitos deste estudo (Anexo nº 01) de acordo com cada caso, onde após a devida coleta dos dados, ocorreu a transcrição, tabulação, categorização e análise dos resultados de forma descritivo-interpretativa, baseando-se para isso, na opinião de autores que abordam o assunto proposto e, que melhor serão descritas a seguir.

3.2.1 Caracterização do público alvo da pesquisa

Diante da transcrição, tabulação, categorização e análise dos resultados realizada, objetivando caracterizar os sujeitos da pesquisa, levou-se em conta as seguintes categorias de análise: idade, gênero, estado civil, escolaridade, classe social, ocupação e tempo de dependência química.

Com relação à idade verificou-se que dos 16 sujeitos da pesquisa, 1 (6,25%) tem 19 anos; 3 (18,75%) possuem 23 anos; 2 (12,50%) tem 25 anos; 2 (12,50%) possui 27 anos; 2 (12,50%) tem 28 anos; 1 (6,25%) possui 29 anos; 1 (6,25%) tem 30 anos; 1 (6,25%) possui 44 anos; 2 (12,50%) tem 47 anos; e, 1 (6,25%) possui 48 anos, conforme gráfico 1:

Gráfico 1 – Faixa etária dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E. M. de SOUZA. Pesquisa de campo, 2014.2.

O gráfico 1 acima demonstra que os sujeitos da pesquisa possuem idade entre 19 e 48 anos. De acordo com Bessa, Boarati e Scivoletto (2011), os primeiros contatos com o álcool e outras drogas que se tem registrado se deram na adolescência, isso por volta da década de 1950 e 1960, na faixa etária a partir dos 18 anos de idade, pois a adolescência é compreendida como o período entre os 10 e 19 anos de idade. Ou seja, quando estavam ingressando na faculdade, tendo em vista ser uma experiência totalmente nova para eles. Entretanto, nota-se, nas

últimas décadas, que a experimentação, de drogas lícitas e/ou ilícitas, tem sido cada vez mais precoce.

Reis e Silva (2009, p. 112) em seu estudo que trata a respeito do consumo de álcool e outras drogas na adolescência, evidencia que o primeiro contato com as drogas acontece antes dos 17 anos de idade, uma fase que se inicia “entre os 10 e 12 anos e pode se fazer presente por toda a vida desta pessoa, trazendo-lhe sérios efeitos colaterais, danos e consequências, algumas, irreversíveis”. Talvez seja por isso que se verifica que a idade dos sujeitos da pesquisa se estenda até os 48 anos de idade.

É considerado “comum” o uso de drogas lícitas e ilícitas na adolescência por diversos autores, em virtude desta fase ser compreendida como período de transição do estado infantil para o adulto, tendo a função de ajudar o adolescente a estabelecer uma identidade pessoal, para que quando adulto, possa assumir o controle de sua vida pessoal e social. Deste modo, Bessa, Boarati e Scivoletto (2011, p. 259) afirmam que:

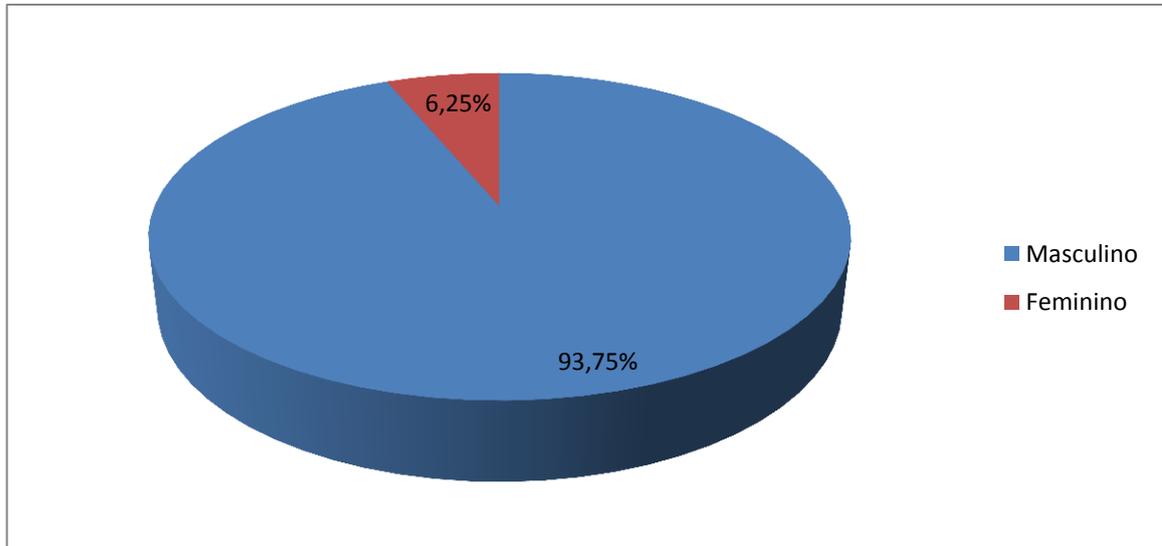
Felizmente, a maioria dos adolescentes interrompe o consumo de drogas conforme vão assumindo outros papéis na vida adulta (o consumo de tabaco constitui exceção, tendendo a persistir), fenômeno denominado *maturing out* (vencimento, superação – em tradução livre), como uma remissão espontânea. Não estão, porém, isentos de risco (...). Há, ainda, indivíduos que progredirão do consumo habitualmente experimental dessa fase para padrões mais graves de abuso e dependência, que, na adolescência, de modo geral envolve o uso de múltiplas drogas.

Sendo assim, neste processo de transição, o que se espera é que o adolescente adquira uma maior autonomia, experimente novos contatos sociais, tenha tendências grupais. No entanto, como se fugisse de seu controle, o adolescente se sente perdido em meio a todos os conflitos vivenciados, que, associados à curiosidade natural desta fase, e à inserção ou mesmo aceitação de alguma forma, tornam-se alvos fáceis a experimentar novas sensações, entre elas as drogas, vindo, de algum modo, se prolongar por toda a vida, e, não apenas como uma fase de experimentação.

O problema, segundo Reis e Silva (2009), é que o uso precoce de drogas, lícitas e ilícitas, tende a afastar este indivíduo de seu desenvolvimento normal, impedindo-o de formar-se integralmente. Além disso, é nesta fase que a possibilidade de passar do uso experimental para a dependência é muito grande.

Em se tratando do gênero dos sujeitos da pesquisa, 15 (93,75%) são do sexo masculino e apenas 1 (6,25%) é do sexo feminino, como pode ser verificado no gráfico 2:

Gráfico 2 – Gênero dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E. M. de SOUZA, Pesquisa de campo, 2014.2.

Observa-se que a maioria dos sujeitos da pesquisa é do gênero masculino. Paiva e Rodrigues (2008, p. 30) confirmam este resultado ao afirmarem que “o sexo masculino é o maior consumidor”. No entanto, o gênero feminino também se faz presente como parcela consumidora, mesmo não representando um percentual consideravelmente grande.

Deste modo, as diferenças de padrão de consumo também merecem destaque, uma vez que “o consumo de substâncias psicoativas entre mulheres é um problema crescente na área da saúde pública” (WOLLE; ZILBERMAN, 2011, p. 375). Ou seja, os estudos epidemiológicos realizados nos últimos anos têm apontado um crescimento considerável nas taxas de consumo entre as mulheres, não apenas no Brasil como no mundo inteiro.

De acordo com Wolle e Zilberman (2011), entre os homens o consumo predominante são as drogas ilícitas, como a maconha e a cocaína. Entre as mulheres está o consumo de medicamentos psicotrópicos, como é o caso dos ansiolíticos e das anfetaminas.

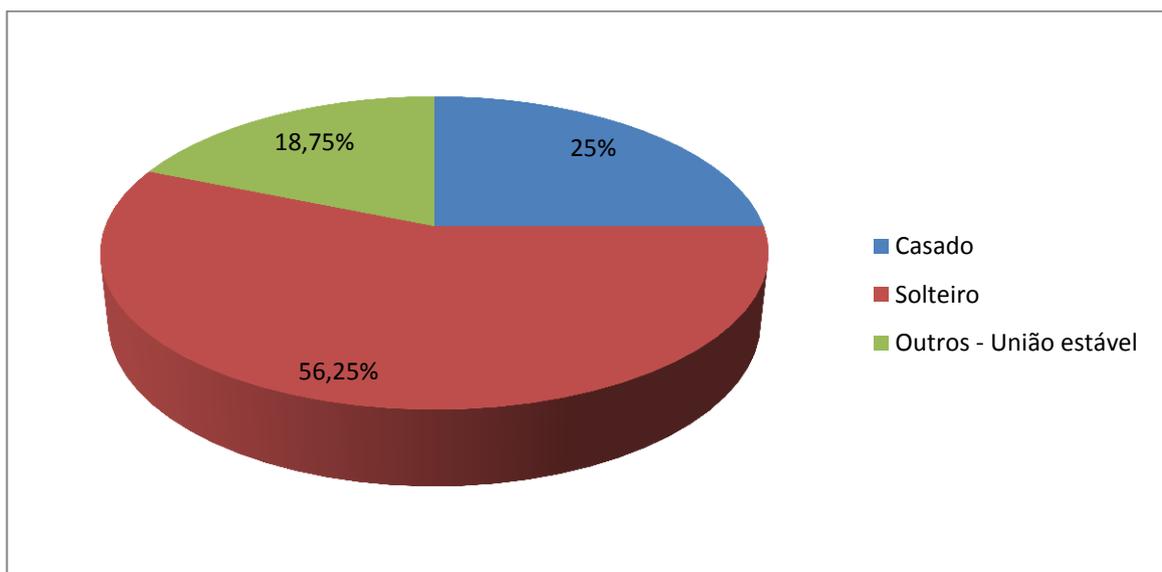
É válido ressaltar ainda que, em se tratando do Brasil, os dados apresentados pelas estatísticas revelam apenas uma amostra dentro de um contexto

geral. Em se tratando, especificamente, do Estado de Roraima, Melo (2014, p. 01) evidencia que mais de “500 homens e 160 mulheres foram presas por tráfico de drogas no Estado, de janeiro a abril deste ano”, evidenciado o alto índice tanto do uso quanto do tráfico de drogas.

Devido ao fato de as drogas terem seu uso recorrente em todas as classes sociais, já é possível observar um aumento significativo do número de mulheres presas por tráfico de drogas no Estado de Roraima, deixando bem evidente o aumento do índice da participação feminina.

No que se refere ao estado civil dos sujeitos da pesquisa, os dados coletados evidenciaram que 4 (25%) são casados, 9 (56,25%) são solteiros e 3 (18,75%) consideram-se em união estável, conforme gráfico 3:

Gráfico 3 – Estado civil dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E. M. de SOUZA, Pesquisa de campo, 2014.2.

Nota-se que a maioria dos sujeitos da pesquisa são solteiros. Tal fato é reafirmado por Monteiro *et al.* (2011), Scheffer, Pasa e Almeida (2010), Silva *et al.* (2007), que esta é característica marcante do perfil sociodemográfico dos dependentes de álcool e outras drogas, seguido dos casados, união estável, divorciados e, com uma pequena porcentagem, os viúvos.

De acordo com Scheffer, Pasa e Almeida (2010, p. 536), o resultado corrobora com dados existentes na literatura disponível de que a maioria dos dependentes é solteira tendo em vista “a dificuldade que essa população tem para

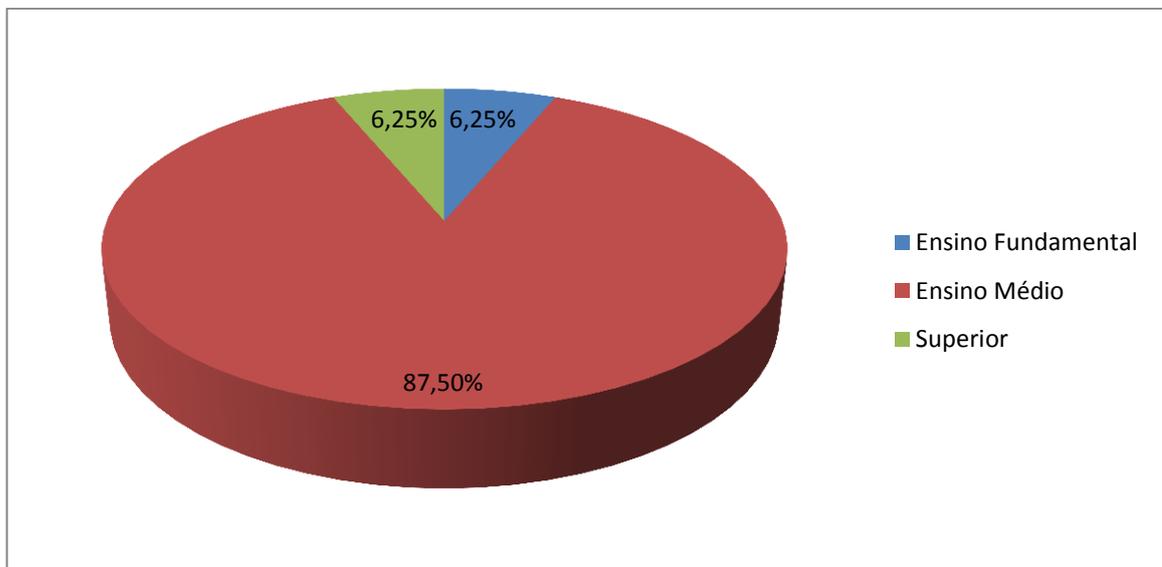
manter relacionamentos, uma vez que passa a reduzir as atividades com a família em favor do uso da droga”.

Além disso, nesta população é evidenciada a existência de conflitos familiares, o que faz com que o dependente acabe se fechando para o diálogo, levando-o ao convívio com grupos nos quais se sente aceito, pois se sente mal compreendido pelos pais, pela família, pela sociedade.

Em estudo realizado por Monteiro *et al.* (2011, p. 92), verifica-se também os “altos índices de violência familiar entre a população usuária de drogas, o que também pode ser desencadeante de separações frequentes”, e, talvez por isso, os fatores de risco e de proteção em relação ao uso de drogas estão relacionadas a várias proporções da vida, sendo alguns a questão familiar, onde o indivíduo passa por problemas na sua vida cotidiana que tendem a influenciá-lo.

Sobre o nível de escolaridade dos sujeitos da pesquisa, os resultados demonstraram que 1 (6,25%) possui apenas o Ensino Fundamental; 14 (87,50%) tem o ensino médio; e, somente 1 (6,25%) já tem o nível superior completo, como pode ser visto no gráfico (4):

Gráfico 4 – Nível de escolaridade dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E.M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

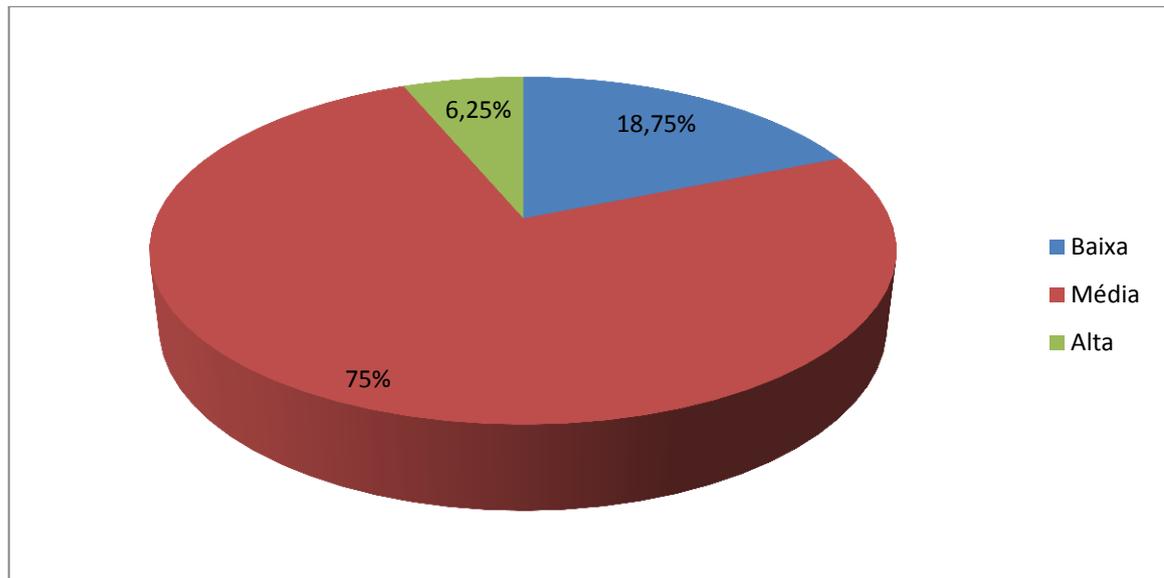
Os resultados demonstram que a maioria possui o Ensino Médio, apesar dos autores, entre eles, Monteiro *et al.* (2011), Scheffer, Pasa e Almeida (2010), Silva *et al.* (2007), afirmarem que a baixa escolaridade é uma característica comum

no gênero masculino, em parte decorrente do histórico do uso de drogas tanto seu quanto de seus familiares.

E, como “o abuso de drogas acarreta prejuízos sociais, psíquicos e biológicos, tratando-se, portanto, de um problema de saúde pública, especialmente por atingir, com frequência, adolescentes e adultos jovens” (SILVA *et al.*, 2007, p. 135), dados da literatura disponível demonstram que, tendo em vista os prejuízos acarretados à formação integral do indivíduo, estes acabam por influenciar também em sua escolarização, que, dependendo do caso, podem chegar a abandonar os estudos, sem muitas vezes terem se quer concluído seus estudos.

No que diz respeito à classe social dos sujeitos da pesquisa, tendo em vista as variáveis encontradas, os dados da pesquisa demonstraram que 3 (18,75%) são de classe baixa, 12 (75%) são de classe média e 1 (6,25%) é de classe alta, conforme gráfico 5:

Gráfico 5 – Classe Social dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

O resultado apresentado demonstra que a classe social predominante é a média. No entanto, o estudo realizado por Monteiro *et al.* (2011, p. 93-94), evidencia que isto pode ser relativo, uma vez que o uso de drogas pode variar de acordo com o gênero, faixa etária, tipo de droga, região, entre estados, entre outros, de modo que, por exemplo:

Em uma pesquisa realizada na cidade de Pelotas no Rio grande do Sul, há maior prevalência do uso abusivo de álcool pelo sexo masculino (29,2%) em relação ao sexo feminino (3,7%) em ambas as classes sociais. Já em outro município, também do Rio Grande do Sul, foi constatado por meio de estudo, como sendo a prevalência do uso de cigarro por homens, de baixo nível socioeconômico, podendo estar mais vulnerável ao abuso e à dependência de álcool e outras drogas ilícitas.

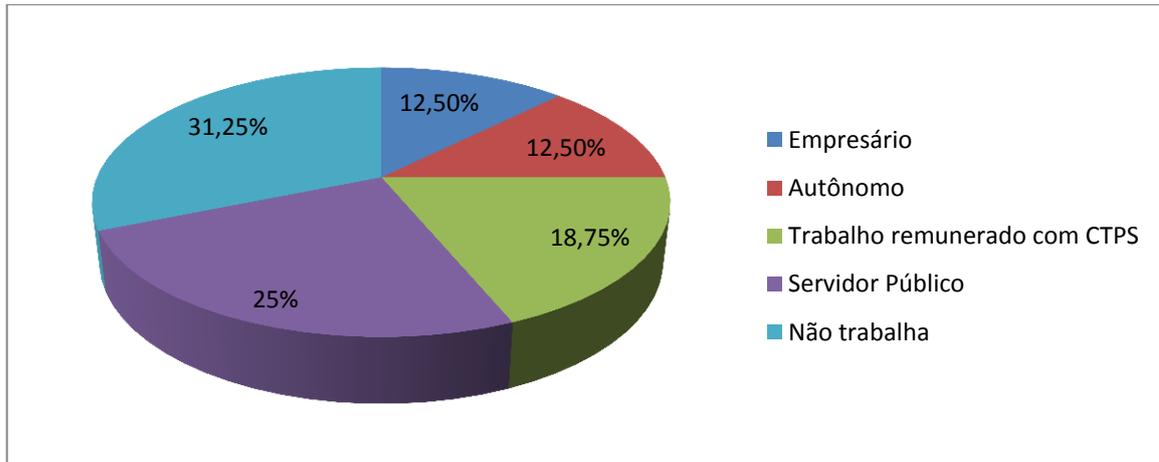
Como se pode verificar é variável a prevalência do uso de drogas nas classes sociais. O álcool e o cigarro, por exemplo, em virtude de serem consideradas uma droga lícita acaba sendo bastante utilizados por estarem mais acessíveis. Pode acontecer também que com o aumento da idade também se aumente o consumo ou se mude o tipo de droga consumida.

Já de acordo com Scheffer, Pasa e Almeida (2010), a baixa escolaridade dos usuários de droga tende a influenciar significativamente neste contexto, pois geralmente estes por possuírem precária formação também são de classe baixa, usuários de cocaína e crack. Mas, isso não quer dizer que não exista dependentes nas demais classes sociais. Ao contrário, os estudos realizados neste âmbito evidenciam a prevalência do uso tendo como categoria de análise o tipo de droga, o tempo de uso, a idade, entre outros.

Num contexto geral, pode-se dizer que as drogas são consideradas um problema de ordem social, de ordem global, que a cada dia atinge um número maior de pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento. Em nível nacional, as estatísticas demonstram que seu uso também está associado ao aumento da criminalidade nas grandes cidades, de modo que os aspectos sociodemográficos, como, por exemplo, religião, trabalho, local em que mora, classe social, entre outros, são fatores marcantes e influenciadores desta realidade.

Assim, com relação ao tipo de ocupação dos sujeitos da pesquisa, os dados demonstram que 2 (12,50%) são empresários; 2 (12,50%) são autônomos; 3 (18,75%) trabalham remunerados com CTPS (Carteira de Trabalho e Previdência Social); 4 (25%) são servidores públicos; e, 5 (31,25%) não trabalham, como pode ser verificado no gráfico 6:

Gráfico 6 – Ocupação dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Os dados apontam uma variação na ocupação dos sujeitos da pesquisa que vai de empresário até aqueles que não trabalham. Se levarmos em conta a quantidade de pessoas que de alguma forma trabalham, tem-se a oportunidade de observar que estes são maioria em relação aos que de nenhuma forma trabalham.

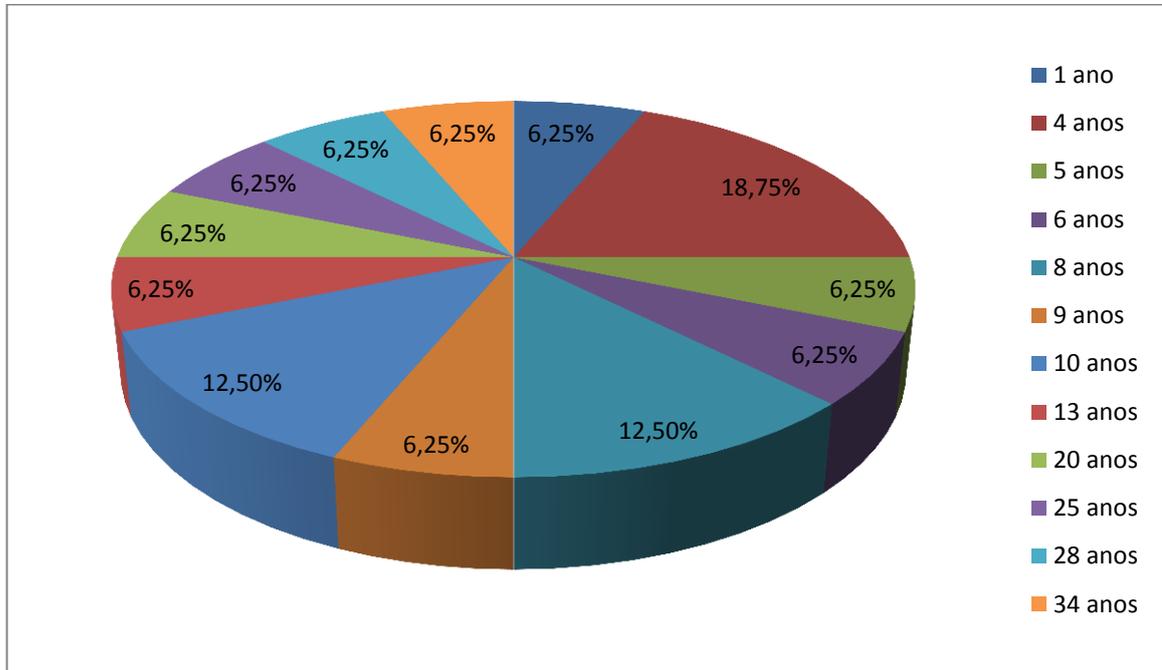
No entanto, de acordo com Monteiro *et al.* (2011), a literatura disponível evidencia que apenas uma pequena parte dos dependentes são empregados, ou seja, possuem algum vínculo ocupacional, enquanto que boa parcela não possui vínculo tendo em vista seu histórico de dependência.

Para Paiva e Rodrigues (2008), fatores como o tempo livre, amigos, festas, entre outros, favorecem a aproximação às drogas, lícitas e ilícitas, isso em se tratando de pessoas mais jovens. Com relação às pessoas mais maduras, com certo vínculo empregatício, social e cultural, fatores como excesso ou sobrecarga de trabalho, baixa remuneração, más condições de trabalho, entre outros, favorecem o uso e a dependência de álcool e outras drogas.

Em se tratando do tempo de dependência química dos sujeitos da pesquisa, última categoria de análise que traça o perfil sociodemográfico destes, os resultados alcançados demonstraram que 1 (6,25%) possui apenas 1 ano de uso; 3 (18,75%) são dependentes a 4 anos; 1 (6,25%) seu tempo de dependência é de 5 anos; 1 (6,25%) faz uso a 6 anos; 2 (12,50%) está a 8 anos em uso; 1 (6,25%) faz uso a 9 anos; 2 (12,50%) são dependentes a 10 anos; 1 (6,25%) está a 13 anos em

uso; 1 (6,25%) faz uso a 20 anos; 1 (6,25%) é dependente a 25 anos; 1 (6,25%) possui 28 anos de dependência; e, 1 (6,25%) está a 34 anos, conforme gráfico 7:

Gráfico 7 – Tempo de dependência química dos sujeitos da pesquisa



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Como se pode observar, o tempo de dependência química é variado e extenso, vai de 1 a 34 anos. De acordo com Monteiro *et al.* (2011, p. 94) a análise do tempo de uso é interessante porque “com o aumento da idade, aumenta o tempo de uso”. Além disso, pessoas mais velhas apresentam maior média de tempo de uso com relação ao álcool e ao cigarro, e, como tal, “pode estar associado a complicações de saúde, dificuldades financeiras, e, maior frequência de eventos estressores na vida”.

Scheffer, Pasa e Almeida (2010, p. 538) complementam destacando que, de acordo com a literatura disponível, “o tempo de uso e de substância consumida são fatores importantes para o entendimento das consequências decorrentes da dependência química”. Sendo assim, pode-se afirmar que sujeitos que iniciam precocemente o consumo e o estendem por anos, tendem a tornar-se cada vez mais dependentes, e, por conseguinte, agravam seu estado de saúde, comprometendo, deste modo, as atividades do cotidiano e as funções biopsicossociais.

Logo, o tempo de dependência também acaba por implicar na adesão ou continuidade do tratamento, pois conforme afirma Monteiro *et al.* (2011), Scheffer,

Pasa e Almeida (2010), Paiva e Rodrigues (2008), entre outros, este processo é considerado muito difícil de atingir, pois é comum muitos buscarem ajuda e iniciarem o tratamento, mas, à medida que os obstáculos vão surgindo, como, por exemplo, as recaídas e as dificuldades em abandonar o vício falam mais alto que o desejo de não fazer mais uso da droga, poucos são aqueles que conseguem permanecer longe do vício, sendo cada vez necessário ao dependente, para vencer os obstáculos surgidos ao longo do caminho, tomar consciência de sua doença e dos males que esta tem causado não somente a sua vida, mas, também na de seus familiares e demais pessoas à sua volta.

Neste contexto, a análise do perfil sociodemográfico se fez necessária para que se compreenda quem é de fato o dependente químico foco deste estudo, haja vista já terem sido constatado que os fatores econômicos, políticos, culturais e sociais de consumo constituem-se em fatores de risco associado ao uso de drogas que tendem a se agravar ainda mais em virtude da carência significativa de investimentos em políticas públicas compensatórias, para então ser identificada a importância da fé e da crença na recuperação de dependentes químicos, com atenção aos principais indicadores de como a dimensão religiosa pode servir de auxílio na minimização ou até mesmo no abandono de tal dependência.

Nesta perspectiva de análise, Paini, Casteletto e Fonseca (2010, p. 28) afirmam que, o consumo de drogas psicoativas é considerado um problema de ordem social, seja em função de sua alta frequência, “seja devido às consequências prejudiciais para a saúde dos indivíduos e, conseqüentemente, para a sociedade”, pois o uso de drogas lícitas, como, por exemplo, o álcool e o cigarro, e de drogas ilícitas, como é o caso da cocaína e da heroína, está entre os fatores mais causadores de problemas a saúde no mundo inteiro.

A realidade mundial atual tem demonstrado o aumento significativo de pessoas, de ambos os gêneros, de diferentes faixas etárias e classes sociais, recorrendo ao uso de drogas, por diversos motivos, levando-lhes a dependência, trazendo-lhe sérios efeitos colaterais, danos e conseqüências, algumas, irreversíveis. Prova disso é que cada população específica, jovens, adolescentes, adultos, sofrem os danos causados por seu uso.

Em virtude disso, Paini, Casteletto e Fonseca (2010) afirmam que o uso de drogas está associado à fragilidade do dependente em responder criticamente às situações impostas pela vida. Infelizmente é um risco que este indivíduo corre ao

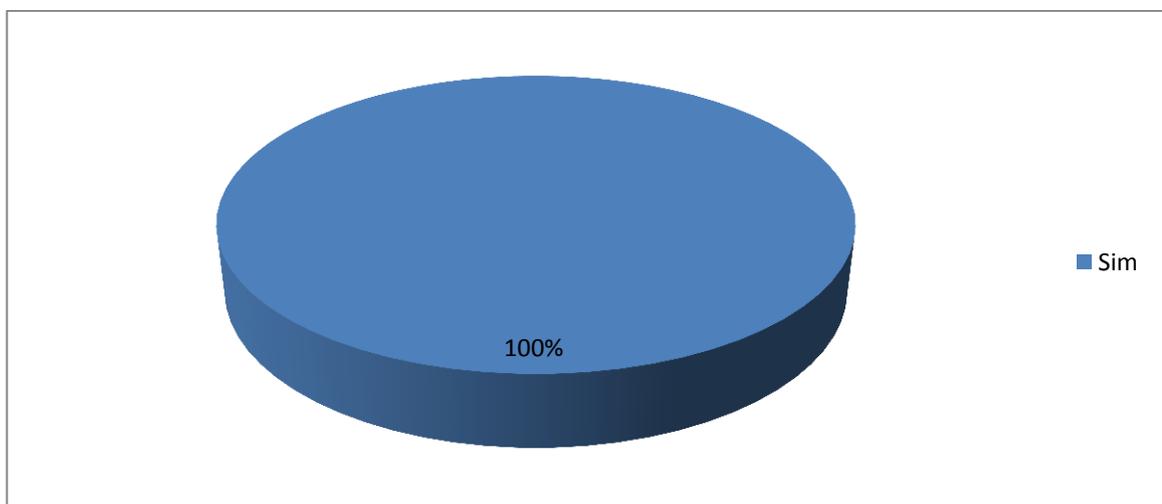
experimentá-la, pois pode vir a se tornar dependente e comprometer a realização de tarefas normais de seu desenvolvimento, bem como o cumprimento dos papéis sociais esperados, da realização de um sentido de adequação e competência e da preparação apropriada para a transição ao próximo estágio na trajetória de sua vida.

3.3 A RELIGIOSIDADE E SUAS MOTIVAÇÕES NA BUSCA DA RECUPERAÇÃO DOS DEPENDENTES QUÍMICOS

Tendo em vista o fato do uso das drogas acarretarem ao dependente inúmeros prejuízos sociais, psíquicos e biológicos, muitos estudos realizados neste âmbito têm enfatizado que a prevenção do uso de drogas pode ser facilitada pela presença de fatores protetores na vida do indivíduo, entre os quais, estão a família, a disponibilidade de informação acerca da dependência, suas consequências e perspectivas de futuro, e a religiosidade.

Sendo assim, segunda etapa do estudo, visando identificar a importância da fé e da crença na recuperação de dependentes químicos, com atenção aos principais indicadores de como a dimensão religiosa pode servir de auxílio na minimização ou até mesmo no abandono de tal dependência, indagou, na primeira questão, dos sujeitos da pesquisa se acreditavam em Deus, todos foram unânimes em dizer que sim, como pode ser visto no gráfico 8:

Gráfico 8 – Crença em Deus



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

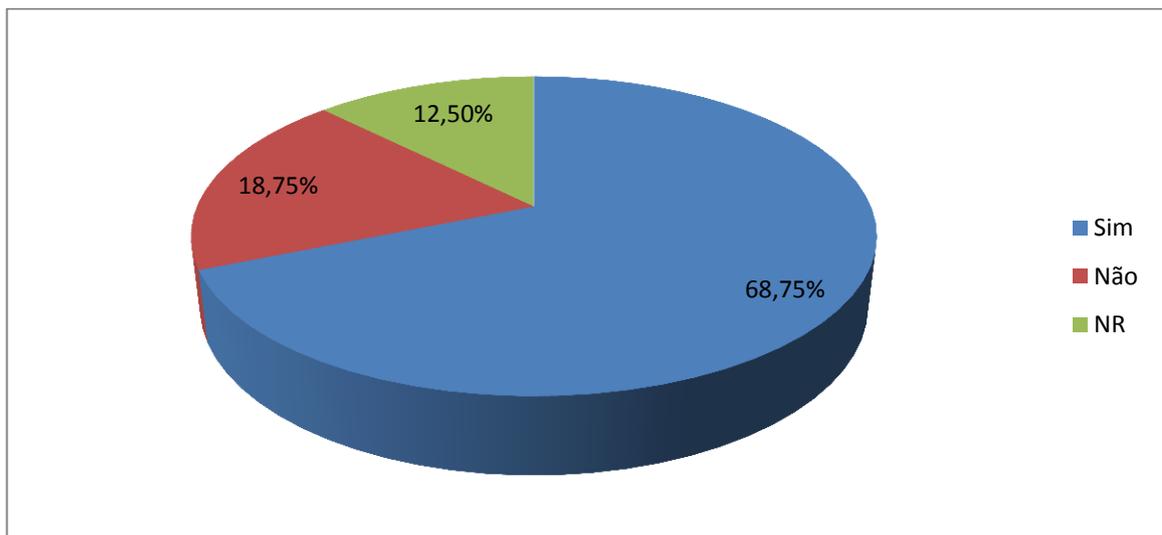
Independentemente de qual seja a religião dos sujeitos da pesquisa, todos dizem acreditar em Deus, de modo que estudos têm demonstrado a influência do fator “religiosidade como elemento na recuperação e no tratamento de dependentes de substâncias psicotrópicas. (...) Há uma associação significativa para um consumo menor de drogas relacionado ao fato do indivíduo possuir uma religião” (SILVA *et al.*, 2007, p.138).

Acredita-se que a crença em Deus se faz necessária para que o indivíduo consiga vencer os desafios impostos pelo processo de recuperação, de modo que esta crença se traduz como uma forma de vinculação do homem com a sua origem lhe permitindo ter fé em algo superior.

Sobre isso, Oliveira (2011, p. 37) evidencia que a fé, a crença em Deus, se apresenta como uma ferramenta incomparável na vida de uma pessoa, pois é caracterizada como “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem”. Sendo assim, ter fé é crer em Deus, o que leva a concluir que é imprescindível tendo em vista possuir um significado dinâmico, sendo desenvolvida continuamente, à medida que o indivíduo a exercita quando busca algo e alcança-o.

Deste modo, sobre ter ou não uma religião, 11 (68,75%) disseram que sim, 3 (18,75%) informaram que não e 2 (12,50%) não responderam, conforme gráfico 9:

Gráfico 9 – Se possui ou não religião



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

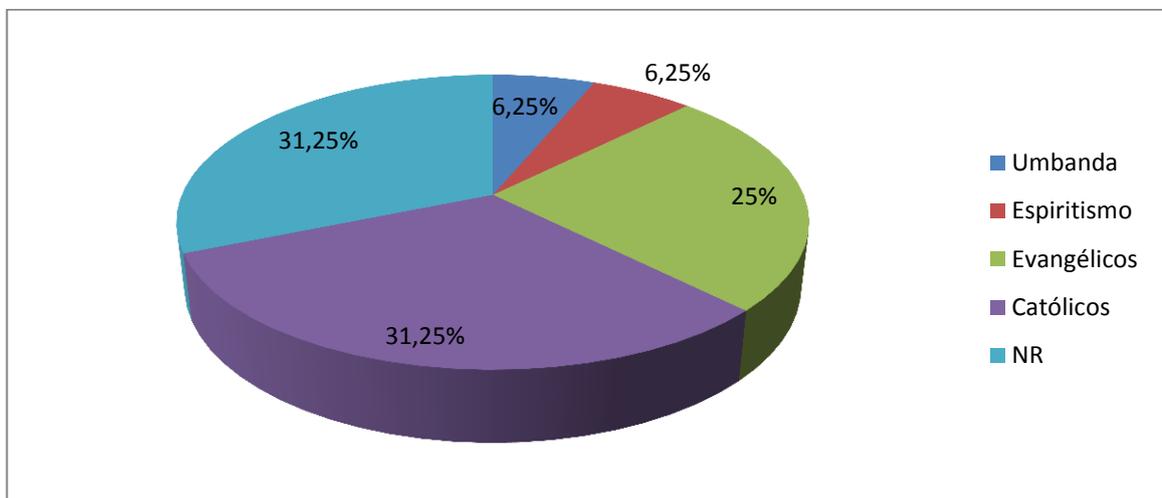
Observa-se que a grande maioria revela ter uma religião. Tal fato é interessante porque, conforme evidencia Sanchez e Nappo (2008, p. 266), “estudos quantitativos epidemiológicos associam a religiosidade a menor consumo de drogas e a melhores índices de recuperação para pacientes em tratamento médico para dependência de drogas”, pois atua tanto como elemento protetor ao não contato quanto como fator imprescindível para se recuperar da dependência.

A adoção de uma religião se apresenta de modo importante neste contexto por diversos motivos, pois “independentemente da religião professada, facilita a recuperação da dependência de drogas e diminui os índices de recaída de pacientes”. Logo, a ida aos cultos e missas contribui para diminuição do consumo de drogas, haja vista que os indivíduos que frequentam a igreja regularmente, pondo em prática os preceitos apreendidos, o fazem porque creem na importância da religião, ou mais precisamente de Deus, em suas vidas.

Para Abdala *et al.* (2010), a religião, ou mais precisamente, a religiosidade tende a auxiliar significativamente no processo de recuperação de dependentes químicos em virtude de ajudar a elevar a autoestima, a fornecer suporte social por meio da convivência com outras pessoas, contribui para a diminuição da ansiedade e do estresse, entre outros aspectos.

Assim, 1 (6,25%) disse ter como religião a Umbanda; 1 (6,25%) informou como religião o espiritismo; 4 (25%) destacaram ser evangélicos; 5 (31,25%) apontaram que eram católicos; e, 5 (31,25%) não informaram religião, como pode ser visualizado no gráfico 10:

Gráfico10 – Denominação religiosa



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Nota-se que a grande maioria possui uma religião. Tal resultado é significativo tendo em vista o fato de que, conforme evidencia Abdala (2010, p. 77):

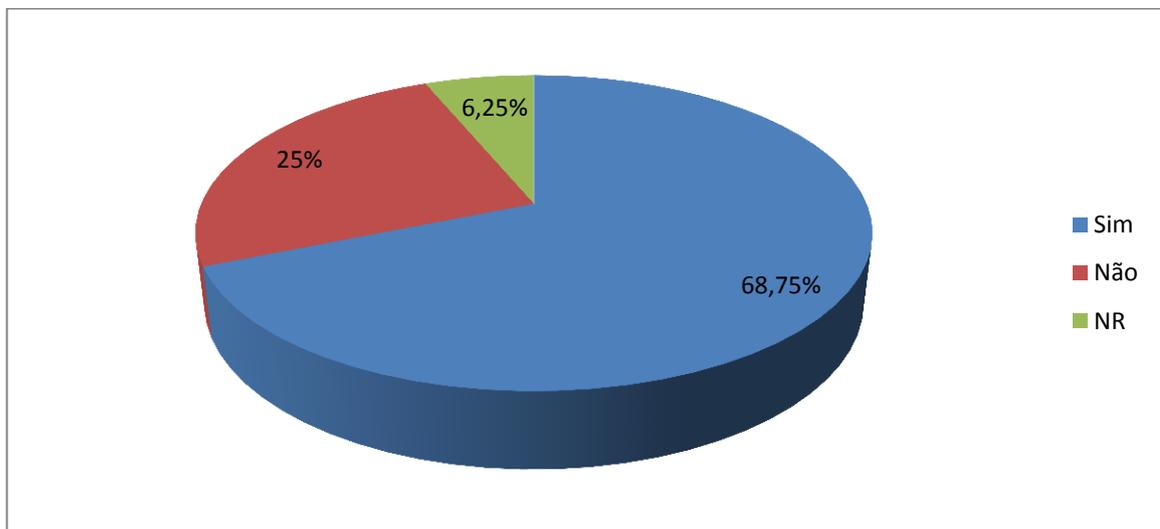
Ao se aderir a uma denominação religiosa e envolver-se com padrões de religiosidade, adere-se a um conjunto de valores, símbolos, comportamentos e práticas sociais, que inclui, entre outras coisas, a aceitação ou recusa ao uso de álcool e drogas.

Logo, verifica-se que, há muito tempo, estudos realizados neste campo, já evidenciam os benefícios da adoção religiosa por parte dos dependentes em seu processo de recuperação, pois tem sido comprovado que quanto maior o envolvimento religioso, maior é o bem estar psicológico, menor é o estado depressivo, menos pensamentos e comportamentos suicidas são postos em prática, além é claro, de menor uso e/ou abuso de álcool e outras drogas é realizado.

Por conta disso, constata-se que “a religião frequentemente promove estilo de vida e comportamentos saudáveis” (SANCHEZ; NAPPO, 2008, p. 267), independentemente de qual seja a denominação religiosa adota pelo dependente, bem como facilitam a adesão em tratamentos, tendo em vista um maior comprometimento com a sua própria recuperação.

Deste modo, os sujeitos da pesquisa quando perguntados se frequentavam a religião adotada, os dados coletados apontaram que 11 (68,75%) afirmara que sim, 4 (25%) disseram que não e apenas 1 (6,25%) não respondeu, como pode ser visualizado no gráfico 11:

Gráfico 11 – Se frequentam a religião adotada



Fonte: E.M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

A frequência na denominação religiosa adotada é grande por parte dos sujeitos da pesquisa. Abdala *et al.* (2010) evidencia isto como um aspecto positivo tendo em vista acreditar que a adesão religiosa contribui para o aumento do comprometimento com o processo de recuperação dos dependentes, os mantêm fortes, seguros e persistentes em seus objetivos.

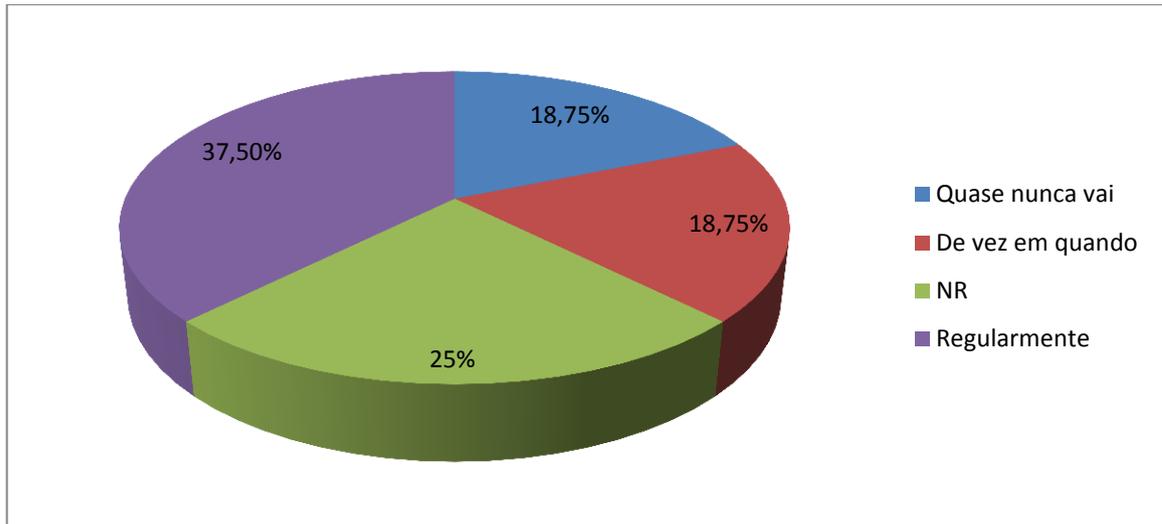
Como resultado dessa adesão, a fé e a crença em Deus ou em um Ser Sobrenatural “contribui com o modo de agir e pensar e, sobretudo, com a perspectiva de futuro de cada indivíduo, principalmente quando se tem algum desafio a ser vencido” (OLIVEIRA, 2013, p. 09). Neste contexto, mesmo não frequentando a religião adotada regularmente, os preceitos apreendidos ajudam significativamente a lidar com os percalços da vida.

Em se tratando especificamente da dependência química, a fé, a crença em Deus, os preceitos apreendidos, tendem a atuar como uma forma de equilíbrio, pois ajuda no processo de recuperação, assim, “quanto mais importância a espiritualidade, a religião e a prática de ambas têm para um indivíduo, a probabilidade do uso de drogas se torna menor” (OLIVEIRA, 2013, p. 09).

Isto se deve sob medida ao fato das pessoas acreditarem que a religião concede ao indivíduo aporte emocional e empoderamento para vencer os desafios impostos. Pode fazer, portanto, com que os processos de enfrentamento da doença do alcoolismo e da dependência das drogas, por exemplo, sejam enfrentados numa outra perspectiva.

Além disso, a busca por soluções para os seus questionamentos e dificuldades, a busca por cura em suas mais diferentes formas, faz com que o sujeito busque uma religião que lhe possibilite tanto as respostas que procura quanto paz espiritual. Daí frequentar regularmente ou não vai da sua necessidade em conseguir alcançar o que se propõe.

Assim, os sujeitos da pesquisa quando perguntados com que frequência frequentam a religião adotada, 3 (18,75%) informaram que quase nunca vão; 3 (18,75%) disseram que de vez em quando vão; 4 (25%) não responderam; e, 6 (37,5%) destacaram como sendo regularmente, como pode ser visualizado no gráfico 12:

Gráfico 12 – Tempo de frequência na religião

Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Verifica-se as categorias de análise “quase nunca vai” e “de vez em quando” empataram em relação aos valores atribuídos, enquanto que quem não respondeu vai de encontro com aqueles que desde o início vem afirmando não ter uma religião, apesar de acreditarem em Deus. Já para os que frequentam regularmente, tal prerrogativa é confirmada por Oliveira (2013, p. 10) quando afirma que a frequência ou a adoção por uma denominação religiosa tenha haver com o fato deste indivíduo:

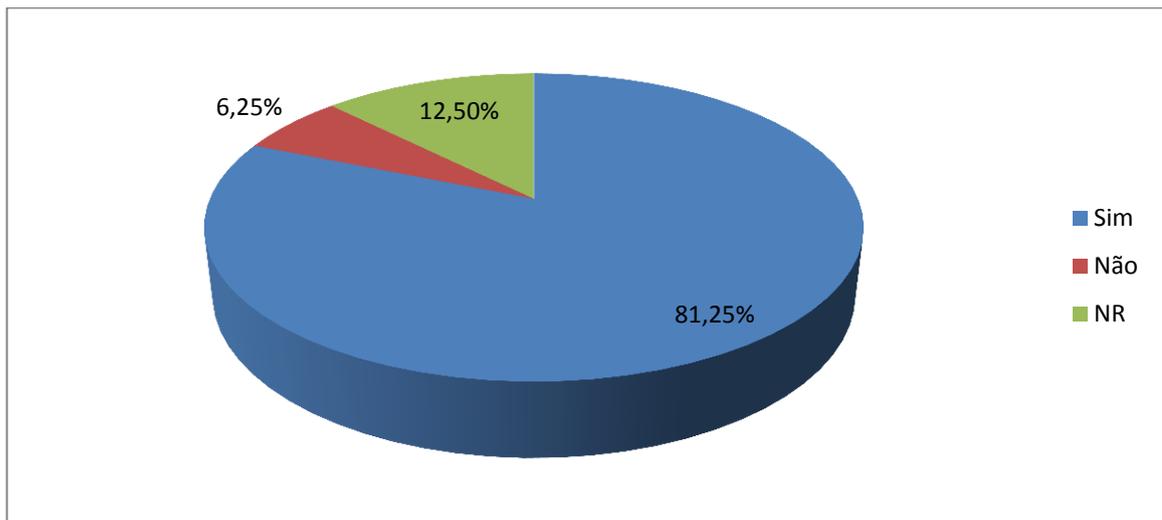
Recorrem a Deus para que seus problemas sejam solucionados ou para que Ele possa ajudá-los a os enfrentar. Essas estratégias comportamentais e cognitivas que servem para lidar com circunstâncias estressoras, vindas da religião ou da espiritualidade, são denominadas como enfrentamento religioso. Entretanto, nem todas as pessoas recorrem ao enfrentamento religioso. A utilização é mais frequente para os indivíduos que têm suas crenças e valores como parte orientadora do mundo. Desse modo, o tratamento religioso para a dependência química tem ganhado importância para a saúde pública, podendo ser associado a ações convencionais de saúde ou não. De qualquer modo, não restam dúvidas de que fé e a religiosidade influenciam nos tratamentos e na própria reabilitação do uso de drogas.

O mais importante é que, independentemente de qual seja o real motivo que leve o dependente a frequentar ou a adotar uma determinada denominação religiosa, é fato que a religião ajuda a minimizar as recaídas. No entanto, acredita-se quanto maior for a frequência, melhor ela atua como fator protetor para a não

utilização de drogas, contribuindo assim, na recuperação e no tratamento daqueles que tanto querem se livrar deste problema.

Para tanto, quando perguntados se achavam que a Religião por eles adotada ajudava na sua recuperação química, 13 (81,25%) disse que sim, apenas 1 (6,25%) informou que não e 2 (12,50%) não responderam, conforme gráfico 13:

Gráfico 13 – Crença que a religião ajuda na recuperação química



Fonte: E.M. de Souza. Pesquisa de campo, 2014.2.

É fato, como é reafirmado pelos sujeitos da pesquisa, que a religião e toda a dimensão que a abarca, ajuda significativamente em seu processo de recuperação da dependência química. Sobre tal contribuição, pode-se citar alguns exemplos de estudo nesta área que corroboram com tal constatação.

O primeiro deles é o de Abdala et al. (2010, p. 81) que afirma a cura de dependentes químicos, por meio da religião, como a conquista para a verdadeira liberdade, no qual os vários relatos “confirmaram que o único caminho para permanecer livre da dependência é o desenvolvimento de uma vida espiritual”.

Sanchez e Nappo (2008, p. 267) também evidenciam que, apesar de haverem poucas pesquisas científicas analisando o impacto da religiosidade no tratamento de dependentes químicos, “a comprovação de ‘eficácia’ na cura de doenças, inclusive a dependência química, poderia estar relacionada à fé dos entrevistados no poder de sua igreja”.

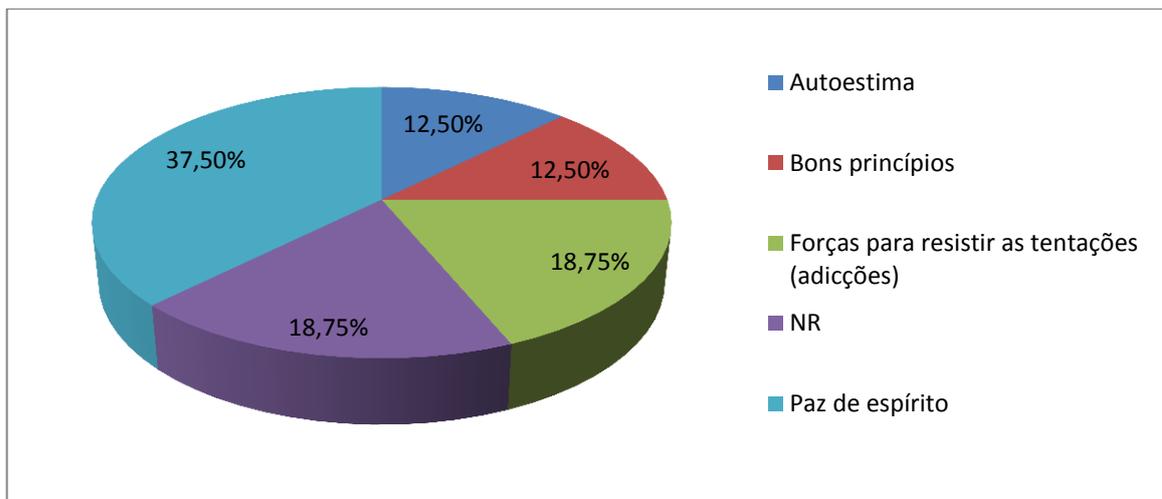
Oliveira (2014, p. 18), por sua vez, evidenciou a existência de relação “entre não ter uma religião, ter insuficiência de crença religiosa, possuir ausência de

filiação religiosa, não ter tido educação religiosa na infância e não frequentar uma igreja com uma maior acentuação do uso de drogas”, constatando-se ainda que a presença da religião é, de fato, um inibidor ou modulador para o uso de drogas.

Outros estudos também enfocam a influência e contribuição da religião no processo de recuperação da dependência química. Tal prerrogativa de análise é interessante porque se constata que a religião pode ser sim fator decisivo nesta questão. Além disso, para aqueles que acreditam em Deus, suas convicções espirituais ajudam na influência da religião em sua vida, uma vez que as experiências espirituais vivenciadas podem tornar seus comportamentos diferentes, influenciando na adoção de um novo estilo de vida, haja vista estes valores religiosos oferecerem uma nova forma de ver e de encarar as situações impostas pelo dia a dia.

Logo, quando perguntados sobre como a religião ajudava-os na recuperação da dependência química, 2 (12,50%) disseram que ajuda na autoestima; 2 (12,50%) informaram que ajudava a ter bons princípios; 3 (18,75%) afirmaram que era ajudando a ter forças para resistir as tentações (adicações); 6 (37,5%) que ajudava trazendo paz de espírito; e, 3 (18,75%) não responderam, como pode ser visualizado no gráfico 14:

Gráfico 14 – Tipo de ajuda da religião na recuperação da dependência química



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Como se pode verificar, a grande maioria dos sujeitos afirmou que a religião ajudava de alguma forma em seu processo de recuperação da dependência

química. No entanto, é válido destacar que, destes, apenas 1, destacou que não era a religião, mas a sua religiosidade que o ajudava.

O resultado é significativo, principalmente quando se tem a oportunidade de perceber que seja a religião, a religiosidade ou mesmo a espiritualidade, cada uma ou todas juntas ajudaram de alguma forma no decorrer deste processo, mesmo para aqueles que se diziam desde o início não ter uma religião, mas que acreditavam em Deus.

O mais interessante ainda é o fato de que não se quer afirmar que a religião, a religiosidade ou a espiritualidade foram os únicos fatores suficientes para mantê-los longe das drogas, mas que contribuiu significativamente neste processo, pois como afirma Abdala *et al.* (2010, p. 81):

Isto não significa que essas pessoas nunca teriam dificuldades ou momentos de queda, ou que todos os problemas seriam resolvidos, mas que uma constante retroalimentação e apoio espiritual poderiam fazê-las permanecer sóbrias. Para estes indivíduos, estar em relacionamento com um poder Superior trouxe verdadeira liberdade que raramente seria alcançada por outro meio – liberdade para viver abundantemente, sem os efeitos escravizantes da dependência das drogas.

Ou seja, independentemente de ter sido a religião, a religiosidade ou a sua própria espiritualidade, cada uma agiu como uma forma de modulador importante no consumo de álcool e outras drogas. Prova disso, é que estudos realizados neste campo comprovam que o uso de drogas por parte de indivíduos sem qualquer crença é bem maior do que em aqueles que tiveram qualquer ensinamento religioso durante a infância.

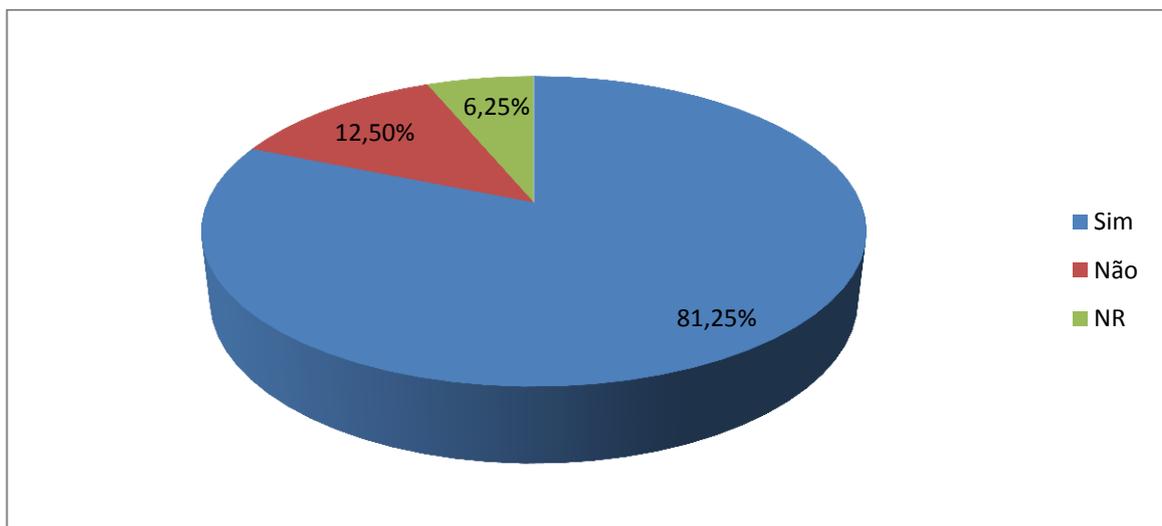
Por exemplo, em estudo realizado por Sanchez e Nappo (2008, p. 268) foram analisadas dimensões da religiosidade que tiveram alguma influência no processo de recuperação, como afiliação religiosa, frequência a cultos e a educação religiosa na infância, foi constatado que “o uso pesado de pelo menos uma droga foi maior entre aqueles que tiveram educação na infância sem religião”.

Constata-se que, de alguma forma, a religião tem agido de maneira significativa na vida das pessoas. No entanto, deve-se considerar que a inibição se dá devido aos valores subjetivos, e, mesmo objetivos, apreendidos ao longo do tratamento que cada indivíduo traz para si, muitos deles adquiridos a partir da

inserção em uma religião ou comprometimento com esta, que os incentiva a não aceitação de qualquer que seja a droga.

Diante disso, quando perguntados se acreditavam que devoções (atos) e símbolos religiosos ajudavam em sua recuperação, 13 (81,25%) afirmaram que sim, 2 (12,50%) disseram que não (talvez por não terem religião definida) e 1 (6,25%) não respondeu conforme consta no gráfico 15:

Gráfico 15 – Crença de que as devoções (atos) e símbolos religiosos ajudam na recuperação



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Novamente se constata que assim como a religião, as devoções (atos) e símbolos também ajudam no processo de recuperação do dependente químico, pois se configura como um fenômeno íntimo de cada indivíduo, de intensa importância na sua vida, e que se manifesta por meio de diferentes formas, constituindo-se numa forma de vínculo entre o homem e o sagrado.

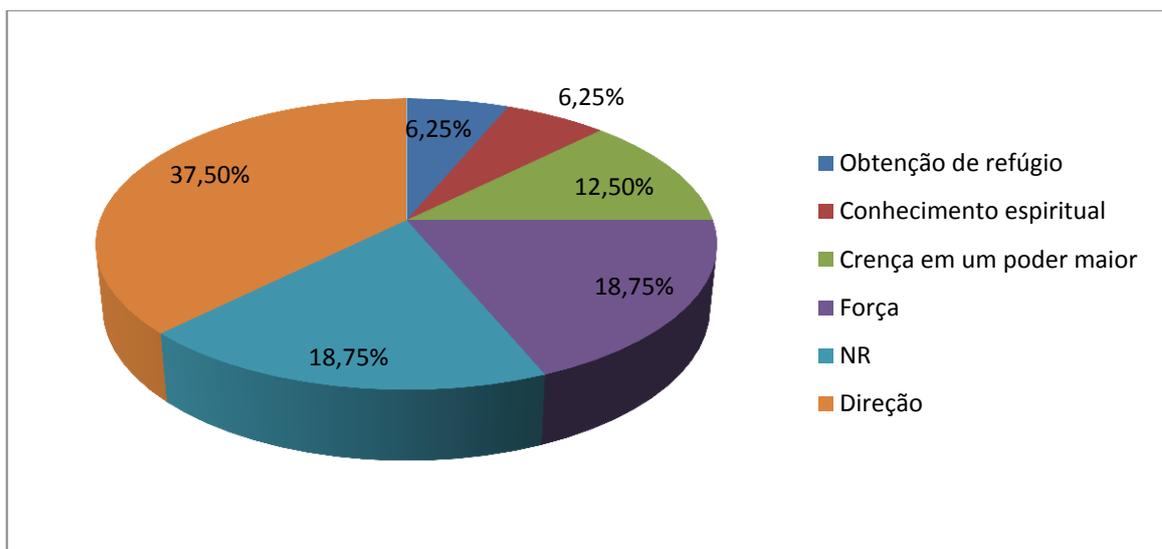
Logo, concorda-se com Chauí (1997) ao se evidenciar que, independentemente de qual seja a religião ou de qual seja as devoções (atos) e símbolos adotados, cada religião tem muito bem definida seus cultos, ritos, devoções e práticas religiosas, que favorecem o desenvolvimento da religiosidade e da espiritualidade, pois além de constituir-se num sistema representativo e cultural, são capazes de dar unidade e coesão à existência humana.

E, por constituírem-se num sistema simbólico representativo e cultural, cada indivíduo, por meio de sua religião, conforme evidencia Oliveira (2013), atribui

o sentido que melhor lhe ajuda neste processo de recuperação, ou seja, lhe atribuem um significado diferente do normal e passam a ser mediação de experiências religiosas com resultados verdadeiramente significativos.

Por conta disso, quando indagado sobre como as devoções (atos) e símbolos religiosos ajudavam-nos em sua recuperação, 1 (6,25%) disse que ajudava a obter refúgio; 1 (6,25%) destacou que era ajudando a ter conhecimento espiritual; 2 (12,50%) informou que ajuda a acreditar em poder maior (que lhes manteria limpo); 3 (18,75%) afirmaram que ajudava a ser forte (principalmente para se manter longe das tentações das drogas); 6 (37,5%) informou que ajudava dando uma direção (um caminho a seguir); e, 3 (18,75%) não responderam, como pode ser visualizado no gráfico 16:

Gráfico 16 – Tipo de ajuda por parte das devoções (atos) e símbolos religiosos na recuperação



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

O resultado evidenciado vem apenas confirmar o que já foi constatado anteriormente de que as devoções (atos) e símbolos contribuem de alguma forma no processo de recuperação do dependente químico. Isto é muito importante porque vai de encontro com o que vem sendo contextualizado ao longo deste trabalho.

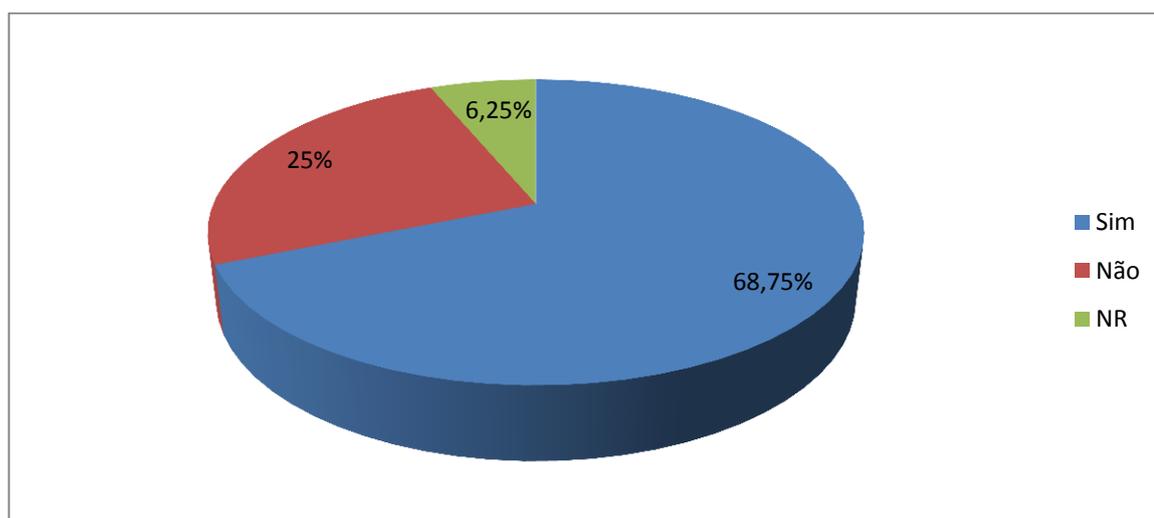
Logo, concorda-se com Oliveira (2013, p. 18) ao se afirmar que, independentemente de qual seja a devoção (ato) ou símbolo adotado, eles ajudam na busca por alguma forma de “auxílio, fortalecimento, alívio e solução para os seus problemas na fé”, uma vez que no contato com a religião, principalmente aquelas

que tratam não somente do corpo, mas também da alma, lhe propiciam crescimento e paz espiritual que tanto almejam.

Neste contexto, acredita-se que estas devoções (atos) e símbolos tornam mais fácil o estabelecimento de uma estrutura moral de referência, que os ajuda a superar os problemas impostos pelo dia a dia, principalmente aqueles causados pela dependência química.

Com base nisso, quando perguntados se praticavam devoções e utilizavam símbolos religiosos para se recuperar, 11 (68,75%) disseram que sim, 4 (25%) responderam que não e 1 (6,25%) não responderam, conforme consta no gráfico 17:

Gráfico 17 – Existência de prática de devoções e utilização de símbolos religiosos na recuperação



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Como a religião é formada por vários elementos que se traduzem em devoções e símbolos diversos, a maioria dos sujeitos da pesquisa afirmaram que se utilizam destes em seu processo de recuperação, o que nos leva a constatar, conforme afirma Fuchs e Henning (2014, p. 02) que:

Tudo isto faz parte da história de vida de cada pessoa, que poderá contribuir de maneira positiva ou negativa no momento de responder aos estímulos internos e externos. Em meio a estes aspectos que estão contidos na vida do indivíduo encontra-se também as crenças pessoais, que são as formas que se vê o mundo e os momentos da vida. Neste sistema compreende-se ainda os valores, convicções,

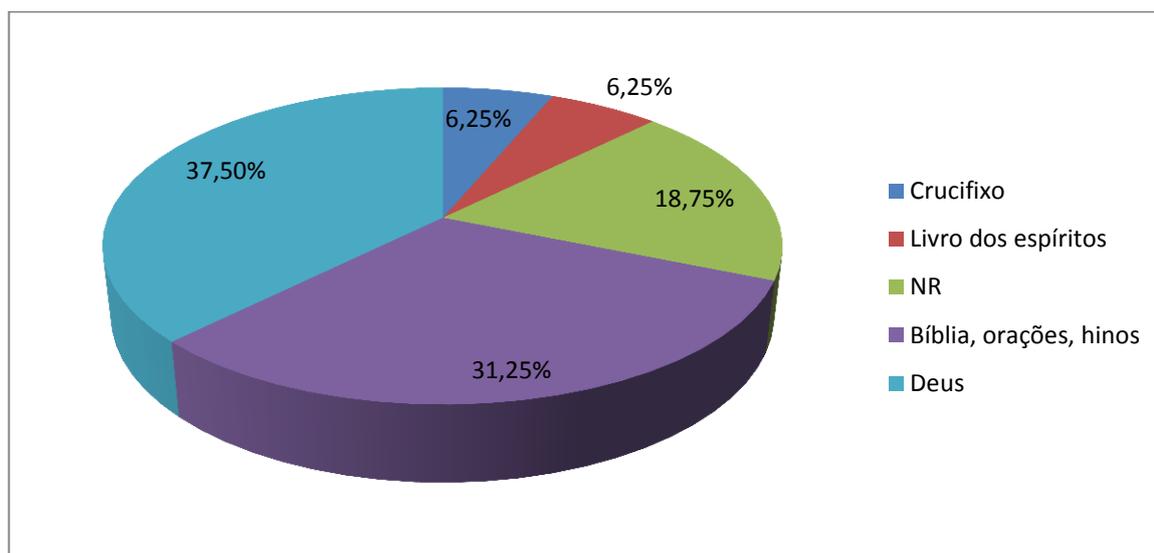
atitudes, vieses e suposições que unidas formam as possíveis respostas emocionais, de decisões e guiam as ações.

Assim, seja a religião, a religiosidade ou a espiritualidade, propriamente ditas, é importante frisar que cada uma, por meio da prática de suas devoções (atos) e símbolos religiosos, influenciam na forma como estes indivíduos podem lidar com as adversidades, com as experiências de dor e sofrimento, visando alcançar seus objetivos.

A influência, conforme evidencia Oliveira (2013), age diretamente na manutenção da saúde mental destes indivíduos proibindo comportamentos em seu cotidiano que os leve a recaídas, e, ao mesmo tempo, estimulam a hábitos saudáveis e estilos de vida, fazendo-os pensar e refletir sobre quais escolhas podem trazer resultados e consequências positivas em sua vida.

Portanto, quando perguntados sobre quais seriam os símbolos e devoções eram utilizados no processo de recuperação, dois resultados se evidenciam. O primeiro é com relação aos símbolos. O segundo é com relação as devoções, de modo que em se tratando dos símbolos 1 (6,25%) destacou o crucifixo; 1 (6,25%) enfatizou o livros dos espíritos; 5 (31,25%) informaram que era a Bíblia, orações, hinos; com relação as devoções, 6 (37,5%) afirmaram que era Deus; e, somente 3 (18,75%) não responderam, conforme consta no gráfico 18:

Gráfico 18 – Exemplos de símbolos e devoções utilizados no processo de recuperação



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Pode-se perceber que, vários são os símbolos utilizados pelos dependentes em seu processo de recuperação, mas devoção continua sendo apenas uma: Deus. Tal prerrogativa vai de encontro com o que expõe Ribeiro (2010) de que vivemos rodeados por símbolos. No campo religioso, pode ser um crucifixo, a Bíblia, uma oração, os hinos, entre outros. Cada um se apega e acrescenta as experiências pessoais aquilo que melhor lhe ajuda, e, por isso, representa um sinal visível de algo que não se encontra ali presente de forma concreta, mas que pode ser nele percebido.

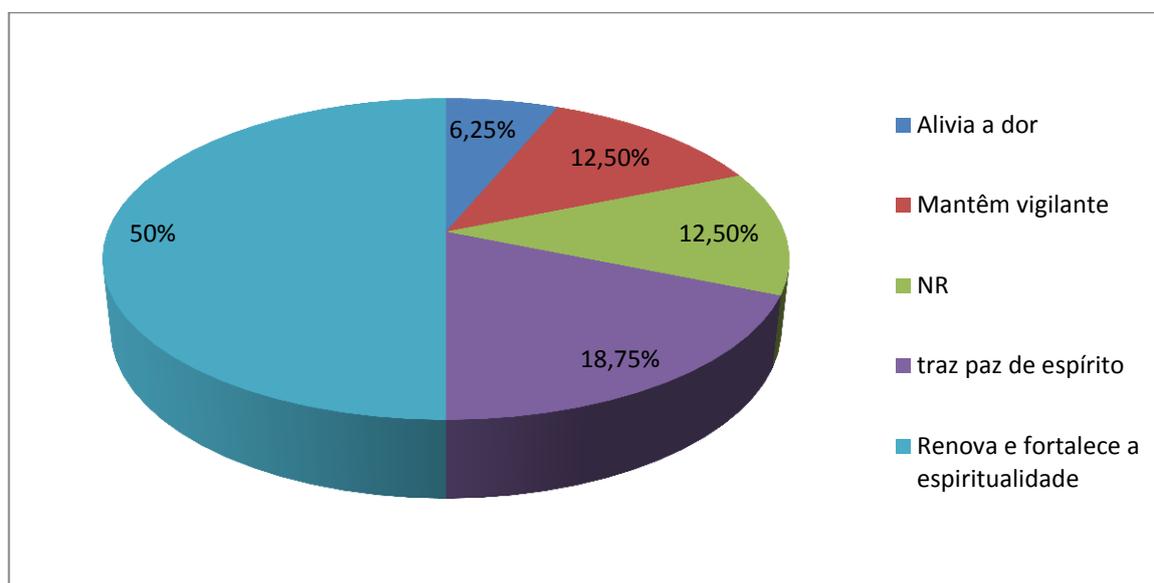
Dada a importância destes símbolos e devoções, é natural que cada indivíduo atribua valores, sentimentos, crenças, fé, com o intuito de encontrar alguma paz, segurança, conforto, que tanto anseia, pois como afirma Fuchs e Henning (2014, p. 03):

As crenças, devoções e símbolos religiosos fornecem apoio através do reforço da aceitação, resistência e resiliência, gerando paz, autoconfiança, perdão a si próprio e as demais pessoas, doação e auto-imagem positiva. Em contrapartida, pode também estar ligada a autocrítica, gerando culpa, dúvida, ansiedade e depressão. Desta forma, a crença religiosa gera lócus de controle favorecendo a saúde física, já que lócus de controle é uma expressão que surge a partir da teoria de aprendizagem social e tenta entender por que as pessoas lidam de maneira diferente em relação a um mesmo problema.

Sendo assim, independentemente de qual seja a denominação religiosa adotada pelo dependente, seus símbolos e devoções, como é o caso, por exemplo, de uma oração, da mensagem ministrada pelo pastor ou padre, o culto, o louvor, são considerados atos religiosos, enquanto que o crucifixo, a imagem de um santo, a insígnia, dentre outros, é denominada símbolos religiosos. De modo geral, cada um tem um papel que tanto é atribuído pela religião quanto pelo próprio indivíduo, e, como tal, exerce um poder incomparável na vida de uma pessoa que busca comunhão com um ser transcendente ou divino.

Para tanto, quando perguntados sobre como essas devoções (atos, atividades, rituais) e símbolos ajudam eles a se recuperar, 1 (6,25%) destacou que era aliviando a dor; 2 (12,50%) que era se mantendo vigilante; 3 (18,75%) que era trazendo paz de espírito; 8 (50%) afirmaram que era renovando e fortalecendo a sua espiritualidade; e, 2 (12,5%) não responderam, como pode ser verificado no gráfico 19:

Gráfico 19 – Tipo de ajuda das devoções (atos, atividades e rituais) e símbolos na recuperação



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Com base os dados coletados, é possível verificar que, independentemente de qual seja a devoção ou símbolo adotado por cada dependente, cada um exerce uma função específica em sua vida. Em se tratando especificamente do processo de recuperação, nota-se que os resultados são positivos, pois exercem influência significativa, seja aliviando a dor, mantendo-os vigilantes, trazendo paz de espírito, seja renovando e fortalecendo a sua espiritualidade.

Sobre isso, Fuchs e Henning (2014, p. 03-04) fazem uma importante consideração destacando que devoções e símbolos religiosos:

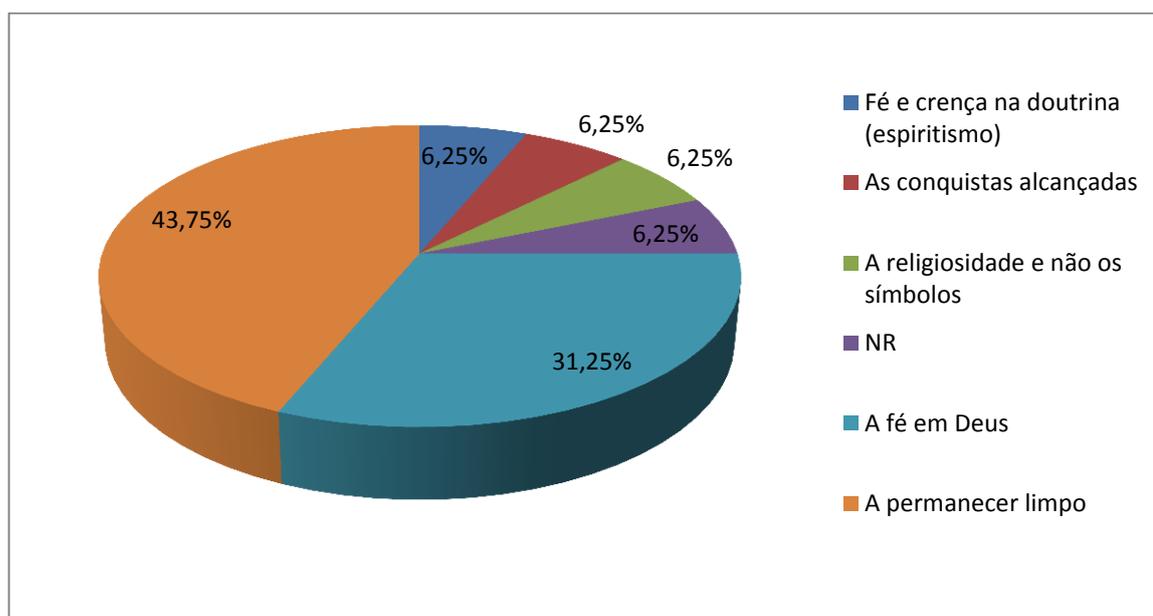
Podem gerar mudanças de personalidade, maior auto-conhecimento, diminui a tensão, a ansiedade, e fornece estabilidade emocional. Pode, também, auxiliar principalmente em ataques de pânico, transtorno de ansiedade, depressão, insônia, estresse, dores crônicas e na diminuição do uso de drogas. É por isso que pesquisas neste âmbito que mostram que a religiosidade e a espiritualidade estão relacionadas à saúde física e mental, na redução do índice de suicídio, uso/abuso de drogas e/ou álcool, na delinquência e na depressão. Da mesma forma, aumentando o bem-estar e a longevidade dos indivíduos que dela utilizam.

Ou seja, cada devoção ou símbolo religioso, além de possuir seu significado natural, pode possuir uma conotação especial, dependendo da ocasião,

da situação, do lugar, ente outros. Mas, o mais importante disso tudo, é a influência significativa que pode ter no processo de recuperação dos dependentes que tanto lutam para enfrentar este problema.

Sobre o que os motiva a praticar essas ações e utilizar esses símbolos, novamente os resultados alcançados evidenciam uma significativa influência na recuperação dos sujeitos da pesquisa, uma vez que 1 (6,25%) afirmaram que a fé e a crença na doutrina (espiritismo) é o que o motiva; 1 (6,25%) destacou que são as conquistas alcançadas; 1 (6,25%) disse que utilizava símbolos, mas não acreditava que podiam ajudar e sim sua religiosidade; 5 (31,25%) afirmou que era a sua fé em Deus; 7 (43,75%) elencaram que os ajudava a permanecerem limpos; e somente 1 (6,25%) não respondeu, conforme gráfico 20:

Gráfico 20 – Motivação que os leva a praticar ações e a utilizar símbolos



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Nota-se que os motivos são os mais variados. Mas, todos corroboram para um único sentido que é o de se livrarem das drogas, e, como tal, em virtude da magnitude de sua interferência, haja vista ter o poder de reverter situações negativas, aliviar sofrimentos, entre outros aspectos, agem de acordo com a crença de cada um.

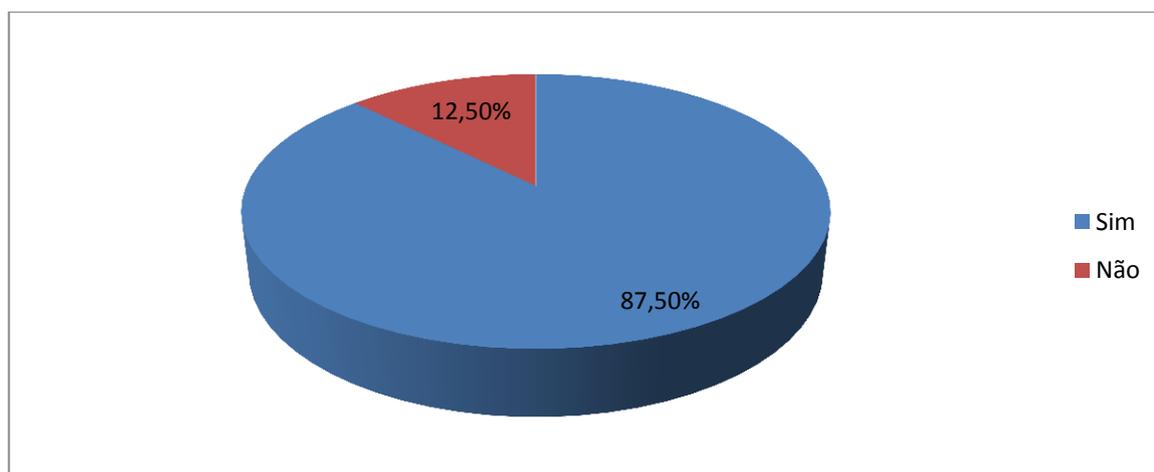
Tal resultado é importante porque vai de encontro com o que afirma Luz (2007, p. 22) de que em virtude de existem inúmeras formas de ajuda para aqueles

que buscam se libertar da dependência química, uma delas “é a religiosidade, que traz confiança e uma base concreta para que aquele possa ter novamente o controle de sua própria vida”.

Assim, com base em tudo o que se pode verificar, é significativo o efeito da religião na recuperação dos dependentes, apontando para a importância da religiosidade neste contexto, onde, de acordo com Fuchs e Henning (2014), estas devoções e símbolos podem agir quebrando o ciclo de dependência ao qual o usuário se vê preso, na medida em que a fé e a crença vivenciada proporciona esperança e ânimo, além da aquisição da autonomia e confiança perante os inúmeros desafios a serem vencidos, possibilitado um novo sentido para a vida, uma nova forma de se ver e enxergar o mundo que o cerca.

De todo modo, quando perguntados se após a prática de suas devoções (atos, práticas e rituais) os sujeitos da pesquisa se sentiam mais recuperados da dependência química, 14 (87,5%) disseram que sim e somente 2 (12,50%) destacaram que não, talvez em virtude destes serem os que não possuem religião, como pode ser visualizado no gráfico 21:

Gráfico 21 – Presença de sentimento de recuperação da dependência química após a prática de suas devoções



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Com base nos resultados evidenciados é muito interessante observar o quanto é positivo a interferência da dimensão religiosa na vida dos sujeitos da pesquisa, de forma que Sanchez e Nappo (2008, p. 269) afirmam que:

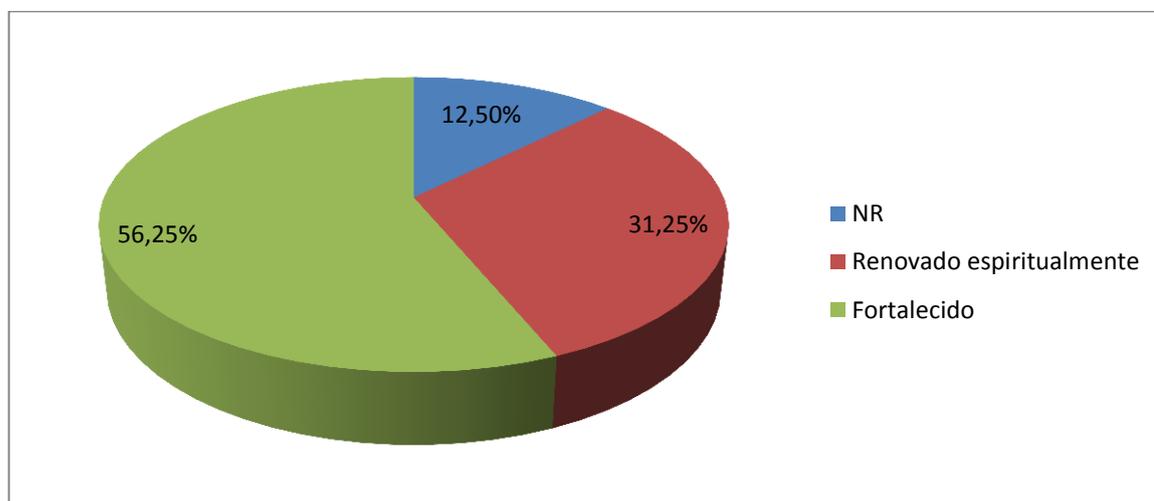
A fé promove a qualidade de vida. A adoção de referenciais da religião faz com que o fiel confie na proteção de Deus e respeite as normas e valores impostos pela religião, melhorando a qualidade de vida dos adeptos. Esse comportamento levaria ao afastamento natural das drogas, à falta de interesse impulsionada pelo medo ou apenas pela conscientização da degradação moral associada ao abuso destas substâncias. O enfrentamento das dificuldades, a partir da perspectiva espiritual apoiado na fé, acaba proporcionando afastamento natural de atitudes contrárias a moral difundida pela religião. Além disso, o fato de se contar com a ajuda irrestrita de Deus gera um amparo constante, conforto e bem estar.

Isto é possível porque vários são os efeitos da religiosidade vivenciada na vida do drogadito, uma vez que tem o poder de aliviar o sofrimento psicológico e emocional causado pelo uso abusivo das drogas, é como se dividisse a responsabilidade do “tratamento” com Deus, amenizando o peso da luta solitária.

Logo, o envolvimento com uma religião, juntamente com o envolvimento da família, da prática de atividades saudáveis, e informações concretas sobre drogas e suas consequências para a vida de uma pessoa, ajudam significativamente no processo de tratamento e recuperação de dependentes químicos.

E, por último, não menos importante que as demais questões outrora verificadas junto aos sujeitos da pesquisa, indagou-se deles como se sentiam toda vez que colocavam em prática as ações e seus símbolos religiosos, 5 (31,25%) informaram que se sentiam renovados espiritualmente; 9 (56,25%) destacaram que se sentiam fortalecido; e, 2 (12,50%) não responderam, conforme consta no gráfico 22:

Gráfico 22 – Tipo de sentimento após a prática de ações e símbolos religiosos



Fonte: E. M. de Souza, Pesquisa de campo, 2014.2.

Diante dos resultados evidenciados, é notória a presença de sentimentos positivos após a prática religiosa, o que nos leva a concluir, mais uma vez que, a religiosidade e todos os resultados dela advindos, “funciona como fator preventivo secundário ou terciário, ajudando-os no abandono do consumo ou até na redução drástica, expondo-os a um menor prejuízo” (ABDALA *et al.*, 2010, p. 82).

Ao inculcar valores, sentimentos positivos, entre outros aspectos de igual importância, a religiosidade contribui significativamente para o alcance de bons resultados pelo dependente. No entanto, como o processo de recuperação é uma luta constante, quanto mais estes indivíduos se apegam a ela, mais tempo conseguem permanecer limpos e mais fortalecidos para a vida em sociedade.

Por isso a importância atribuída à religiosidade neste contexto, o que leva a conclusão de que os indivíduos que “frequentam regularmente um culto religioso, ou que dão relevante importância à sua crença religiosa, ou ainda que pratiquem, no cotidiano, as propostas da religião professada” (SANCHEZ; NAPPO, 2008, p. 269), apresentam menores índices de consumo de drogas lícitas e ilícitas.

Neste contexto, acredita-se que as ações de tratamento, recuperação, reinserção social e ocupacional que envolvem práticas religiosas são capazes de romper com o ciclo de consumo, ou mesmo proteger as pessoas para que não entrem neste mundo.

E, por entender que o processo de tratamento, recuperação, reinserção social e ocupacional não é nada fácil, principalmente para o indivíduo que faz parte deste processo e seus familiares, entende-se que deve ser garantido a estes indivíduos o apoio necessário no enfrentamento à dependência química que tanto prejudica o seu bem estar físico, mental e psicossocial, e, portanto, nos revela o quanto à dimensão religiosa pode contribuir na redução dos danos sociais e à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi importante porque possibilitou identificar a importância da dimensão religiosa (fé e crença) na recuperação de dependentes químicos no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima. Para tal, fez-se necessário, identificar a interferência da dimensão religiosa na existência humana; verificar os principais indicadores de como a dimensão religiosa (fé e crença) pode auxiliar os dependentes químicos a minimizarem ou até mesmo abandonarem tal dependência; e, identificar o que motiva os dependentes químicos em recuperação a permanecerem afastados das drogas.

Assim, no que se refere à interferência da dimensão religiosa na existência humana identificou-se que, em virtude da religião se configurar como uma das dimensões da vida, esta configura-se numa manifestação tipicamente humana, pois é característica marcante no homem, sendo assim, acredita-se que é por meio da religião, religiosidade e/ou espiritualidade, que se pode manter um contato com Deus, pois mais do que um sistema de crenças, é uma espécie particular do agir coletivo e, repleta de símbolos, permite interpretar a vida, construir uma nova identidade e dominar o próprio ambiente, tanto individual como coletivamente. E, como é algo que faz parte da vida humana vivenciada e internalizada como uma fonte segura pode sim, permitir ao indivíduo alcançar resultados positivos nas mais diferentes áreas de sua vida.

No que diz respeito aos principais indicadores de como a dimensão religiosa (fé e crença) pode auxiliar os dependentes químicos a minimizarem ou até mesmo abandonarem tal dependência verificou-se que vários são os efeitos da religiosidade vivenciada na vida do drogadito, pois diversos estudos comprovam que o envolvimento com uma religião, onde o tratamento e a recuperação se baseiam em atos e símbolos religiosos, são alternativas viáveis tendo em vista possibilitar a reconstrução de sua personalidade, de sua confiança, de sua autoafirmação, além de serem necessários para tranquilizar o interior, amenizando a dor, o sofrimento, a angústia vivenciada e que tanto aflige a sua alma. É a partir daí que o drogadito acaba se apegando, muitas das vezes, a uma religião que o auxilie neste processo de cura integral, mais condizentes com a sua nova vida, o que faz concluir que atos e símbolos religiosos são fundamentalmente essenciais neste processo.

Em se tratando dos motivos que incentivam os dependentes químicos em recuperação a permanecerem afastados das drogas da caracterização dos sujeitos da pesquisa, constatou-se que independentemente de qual seja a religião dos sujeitos da pesquisa, todos acreditam em Deus, e, portanto, a grande maioria revela ter uma religião, cuja denominação religiosa varia da umbanda, espiritismo, evangélicos e católicos, o qual a maioria afirmou frequentar a religião adotada de modo regular, quase nunca ou de vez em quando, pois creem que a religião ajuda na recuperação da dependência química de várias maneiras. Sobre o que os motiva a praticar essas ações e utilizar esses símbolos, constatou-se que era a fé e a crença na doutrina (espiritismo), as conquistas alcançadas, a sua fé em Deus, pois eles têm a convicção de que após a prática de suas devoções (atos, práticas e rituais) estão mais recuperados da dependência química, em virtude de se sentirem renovados espiritualmente e fortalecidos frente às ameaças da droga no dia a dia.

Sobre a importância da dimensão religiosa (fé e crença) na recuperação de dependentes químicos no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima, pôde-se concluir que a maioria dos sujeitos da pesquisa acredita que devoções (atos) e símbolos religiosos ajudam em sua recuperação, de diferentes maneiras, seja por meio da obtenção de refúgio, da aquisição de conhecimento espiritual, seja na crença de que um poder maior lhes mantém limpo e forte, principalmente para se manter longe das tentações das drogas, e, por isso, praticam devoções e utilizam símbolos religiosos para se recuperar, entre os quais podem ser citados, o crucifixo, o livros dos espíritos, a Bíblia, orações, hinos, além da crença e devoção a Deus, haja vista lhes ajudarem de diversas formas, como é o caso, por exemplo, do alívio da dor infligida pelas drogas, mantendo-os vigilantes, trazendo paz de espírito, renovando e fortalecendo a sua espiritualidade.

A pesquisa em questão propiciou, num contexto amplo, perceber que o estudo de situações sociais impostas à sociedade em geral, por fatores, muito das vezes, conseqüentes do próprio contexto socioeconômico do meio social que fazem parte, como é o caso da dependência química, necessitam ser cada vez mais explorados.

Num contexto específico, o aprofundamento do conhecimento acerca desses fatores propiciou importantes contribuições acadêmicas e científicas, levando a concluir a importância que se tem de fomentar a realização de pesquisas tendo em

vista possibilitar o aprimoramento dos futuros profissionais formados para atender as necessidades da sociedade.

Assim, conclui-se que esta pesquisa foi de grande relevância, pois conseguiu responder tanto ao problema levantado quanto alcançar os objetivos propostos no decorrer deste estudo e, portanto, sugere-se a realização de novos estudos relacionados ao tema em questão, dada a sua relevância no contexto social, pois é fato que a dimensão religiosa influencia significativamente o processo de recuperação dos dependentes químicos, no qual a manutenção do estado de a sobriedade está baseada na espiritualidade que é atingida em parceria os princípios e ensinamentos apreendidos por meio da religião adotada que os ajuda a evitar comportamentos que tendem a comprometer seu bem estar físico, mental e espiritual. Ou seja, a religiosidade é uma das responsáveis por inculcar nestes indivíduos os valores necessários ao respeito e preservação da vida, de modo que a crença em Deus ou em algo superior estão diretamente associados a não utilização das drogas.

REFERÊNCIAS

a)LIVROS:

BESSA, M. A.; BOARATI, M. A.; SCIVOLETTO, S. **Crianças e adolescentes**. In.: DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. **Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre, RS: Artmed ed. S.A., 2011.

BEZERRA, K. **História geral das religiões**. Rio de Janeiro, 2009, pp. 01-22.

BOWKER, J. **Para entender as Religiões**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CHAUÍ, M. **Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16)

COMPARATO, F. K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 7. ed. rev. e atualizada, São Paulo: Saraiva, 2010.

DALGALARRONDO, P. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artenual, 2008.

FRANKL, V. E. **Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl**. Trad. de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990. (Coleção Logoterapia)

_____. **A presença ignorada de Deus**. Trad. de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo, Editora Sinodal; Petrópolis, Editora Vozes, 1992. (Coleção Logoterapia)

_____. **Analisi esistenziale**. Vago di Lavagno (Vr): Mocelliana, 2001.

_____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005. (11. Edição)

FURASTÉ, P. A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das Normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre: s.n., 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro – RJ: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GUILOUSKI, B.; COSTA, D. R. D. da; SCHÖGL, E. **Fenômeno religioso nas tradições religiosas: tradições religiosas indígenas e afro-brasileiras**. ASSINTEC/SME de Curitiba, 2007.

JUNG, C. G. *et al.* **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LIBÓRIO, L. A. **As raízes da Psicologia da Religião no Ocidente**. 1. ed. Recife: FASA, 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NUNES, M. J. R. **A sociologia da religião**. In: USARSKI, F. (Org.) **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas. 2007. p. 99-119.

OLIVEIRA, M. de. **Vivendo as Mario Maravilhas de Deus**. 1. ed. Secretaria Geral de Comunicação. Igreja do Evangelho Quadrangular – IEQ. Conselho Nacional de Diretores, São Paulo, SP, 2011.

RAMPAZZO, L. **Antropologia, religiões e valores cristãos**. 3. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R (Orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SHERMER, M. **Cérebro & Crença**. São Paulo: JSN Editora, 2012.

SCHMIDT, B. E. A antropologia da religião. In: USARSKI, F. (Org.) **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas. 2007. p. 55-95.

VALLE, E. A psicologia da religião. In: USARSKI, F. (Org.) **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 123-161.

VILHENA, M. A. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso)

WOLLE, C. de C.; ZILBERMAN, M. L. **Mulheres**. In.: DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. **Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre, RS: Artmed ed. S.A., 2011.

b) REVISTAS

ABDALA, G. A. et al. A Religiosidade/Espiritualidade como Influência Positiva na Abstinência, Redução e/ou Abandono do Uso de Drogas. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, março, 2010, pp. 77-98.

ALVES, J. de S.; JUNGES, J. R.; LÓPEZ, L. C. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: 2010; 34 (4): 430-436.

AQUINO, T. A. V. de *et al.* Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2009, 29 (2), 228-243.

COELHO JÚNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. Universidade Federal de Minas Gerais, **Psicol. USP**, vol. 12, n. 2, São Paulo, 2001, p. 01-06.

FARIA, J. B. de; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e Enfrentamento em Contextos de Saúde e Doença: Revisão de Literatura. Universidade de Brasília. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18 (3), pp. 381-389.

GOBATTO, C. A; ARAUJO; T. C. C. F. Coping Religioso-espiritual: reflexões e perspectivas para a atuação do psicólogo em oncologia. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v.13, n.1; jun.2010.

GRUEN, W. Ciências da Religião numa sociedade multicultural. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 15-26, 1º sem. 2005.

HENNING, M. C.; MORÉ, C. L. O. O. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, dezembro, 2009, pp. 84-114.

MONTEIRO, C. F. de S. *et al.* Perfil sociodemográfico e adesão ao tratamento de dependentes de álcool em CAPS-AD do Piauí. **Esc Anna Nery (impr.)**, 2011, jan-mar, 15 (1): 90-95.

MONTEIRO, R. M. P. A 'carreira moral' de jovens internos em instituições de recuperação para dependentes químicos. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Vol. 5, n. 1, Jan./Fev./Mar., 2012, pp. 131-155.

MURAKAMI, R; CAMPOS, C. G. J. Religião e Saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, vol.65, n.2, Abr. 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, A. *et al.* Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke – DUREL. **Rev. Psiq. Clín**, 35 (1); 31-32, 2008.

PAINI, L. D.; CASTELETTO, H. S.; FONSECA, G. Análise do uso de drogas nas escolas públicas: como os amigos influenciam no contato e disseminação das drogas. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v. 8, n. 8, p. 28 – 44, nov., 2010.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Rev. Psiq. Clín**. 34, supl 1; 126-135, 2007.

PERES, J. F. P. *et al.* Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Rev. Psiq. Clín**. 34, supl 1; 136-145, 2007.

REIS, F. C. dos; SILVA, A. A. Adolescência: consumo de álcool e outras drogas. **Revista Enfermagem Integrada**, Ipatinga: Unileste – MG, V. 2, N. 1, Jul./Ago. 2009, pp. 112-125.

RIBEIRO, J. C. Os Universitários e a transcendência – Visão geral, visão local. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, Nº 2, 2004, pp. 79-119.

RIBEIRO, E. S. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos semióticos**, semestral, vol. 6, n. 1, junho de 2010, pp. 46-53.

RIGOTTO, S. D.; GOMES, W. B. Contextos de abstinência e recaída na recuperação da dependência química. Universidade do Rio Grande do Sul. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jan-Abr, 2002, vol. 18, n. 1, pp. 95-106.

ROCHA, M. L. A. da; GUIMARÃES, M. B. L; CUNHA, M. B. da. O processo de recuperação do uso indevido de drogas em igrejas pentecostais Assembleia de Deus. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v. 16, n. 40, p. 177-190, jan./mar., 2012.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; NAPPO, S. A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Rev. Psiq. Clin.** 34, supl. 1; 73-81, 2007.

_____. Intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas. **Rev. Saúde Pública**, 2008, 42 (2): 265-72.

SCHEFFER, M.; PASA, G. G.; ALMEIDA, R. M. M. de. Dependência de álcool, cocaína e crack e transtornos psiquiátricos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jul-Set, 2010, Vol. 26, n. 3, pp. 533-541.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1): 29-41, 2007.

SILVA, E. F. *et al.* Caracterização do consumo de drogas ilícitas entre escolares do ensino médio do município de São José do Rio Preto, SP, Brasil. **Arq Ciênc Saúde**, 2007, jul-set, 14 (3): 135-9.

TRAVASSOS, L. E. P. *et al.* A gruta de São Cosme e Damião e a Umbanda, Cordisburgo, Minas Gerais. Campinas, SeTur/SBE. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, 1(2), 2008, pp. 165-172.

c) SITES:

ALMEIDA, A. M. de *et al.* (2007). **Núcleo de estudos de problemas espirituais e religiosos (Neper)**. Disponível em: <www.hcnet.usp.br>

ARAÚJO, R. B. **Trabalho e transcendência [manuscrito]: uma análise sobre o processo de auto-realização**. Faculdade Visconde de Cairu. Salvador – BA, 2007.

BARRICELLI, I. de L. F. de O. B.; SAKUMOTO, I. K. Y. **Influência da orientação religiosa na qualidade de vida de idosos ativos.** Centro Universitário UNICAPITAL – Centro de Estudos Firval. São José dos Campos, 2011.

BECK JÚNIOR, A. **Dependência do crack: repercussões para o usuário e sua família.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Porto Alegre, 2010.

BERTONI, L. M. **Reflexões sobre a História do Alcoolismo.** Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, SP, 2004.

BRITO, F. G. G.; OLIVEIRA, S. C. G. S. S. A interferência da benzedura no processo terapêutico. In.: OLIVEIRA, I. D. de; REIMER, I. R.; SOUZA, S. D. de (Orgs.). **Religião, transformações culturais e globalização.** IV Congresso Internacional em Ciências da Religião, PUC-GOÍÁS – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

CARVALHO, J. C. de. **Uma história política da criminalização das drogas no Brasil; A construção de uma política nacional.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. VI Semana de História e III Seminário Nacional de História: Política, cultura e sociedade. 17 a 21 de outubro de 2011, pp. 1-17.

DIAS, G. A. **Práticas de cura e expressões identitárias em casas de culto afro-brasileiras.** II Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas: espaços religiosos, formas de expressão e linguagem. Universidade Federal de Sergipe, 2006.

FELDENS, P. F. **Preconceito religioso: um desafio à liberdade religiosa, inclusive expressiva.** Ulbra, Canoas, 2008, pp. 1-17.

FUCHS, G. C.; HENNING, M. C. **A influência da espiritualidade na recuperação de dependentes químicos.** Universidade do Contestado, Campus Mafra – SC, 2014, pp. 01-19.

GARRET, A. F. A. **A influência da religião/espiritualidade na saúde: apoio social e estratégias de coping como variáveis mediadoras.** Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia, 2010.

LUZ, M. M. C. **A religiosidade vivenciada na recuperação de dependentes químicos.** PUC: Campinas, 2007.

MELO, E. **Roraima assina Pacto de Enfrentamento ao uso de Drogas.** Portal Amazônia, 2014.

MELO, J. J. P.; SOUZA, P. R. de. **A influência da religião na organização da sociedade grega no processo de transição do gênos para pólis.** 2003, pp. 26-41.

NEVES, E. A. S.; SEGATTO, M. L. **Drogas lícitas e ilícitas: uma temática contemporânea.** Faculdade Católica de Uberlândia, 2011.

NOGUEIRA, J. G. **A importância da família na problemática da drogadição com adolescentes sob o olhar da análise do comportamento.** Bebedouro: Fafibe, 2009.

OLIVEIRA, F. S. de. **Entre a medicina e a religião: itinerários terapêuticos no grupo dependentes de Deus.** Universidade de Brasília – UNB. Faculdade de Ceilândia – FCE, Brasília/DF, 2013.

OLIVEIRA, J. L. M. de. **Análises antropológicas do fenômeno religioso.** Universidade Católica de Brasília: Brasília, 2014, pp. 01-26.

PAIVA, F. S.; RODRIGUES, M. C. **Habilidades de vida: uma estratégia preventiva ao consumo de substâncias psicoativas no contexto educativo.** Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, 2008.

PIRES, L. M. *et al.* **O uso de drogas na adolescência: fator vulnerável para aquisição de doenças de transmissão sexual.** 2012, pp. 1-15.

SANCHEZ, Z. V. D. M. **As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas.** São Paulo, 2006. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina.

SILVEIRA, R. M. G. *et al.* **Diversidade religiosa e direitos humanos.** 2006, p. 01-16. Disponível em: <www.redhbrasil.net>.

VALÉRIO, B. D. **O Ensino Religioso na escola: uma questão complexa.** Universidade de Pernambuco – UPE. Arcoverde – PE, 2008.

VITT, S. J. dos S. **A espiritualidade e a religiosidade na recuperação de dependentes químicos.** Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2009.

ANEXOS

ANEXO N° 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para maiores de idade;

ANEXO N° 2 – Imagem do Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima.



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**A dimensão religiosa e sua influência na recuperação de dependentes químicos: estudo sobre a dependência química no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima**” que tem como objetivo identificar a importância da dimensão religiosa (fé e crença) na recuperação de dependentes químicos no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA), em Boa Vista, Roraima. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Entretanto, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário misto de 15 questões. As informações obtidas por meio desse questionário serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Após o questionário, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o Projeto de Pesquisa de sua participação agora ou a qualquer momento.

Dados do pesquisador principal (orientador)

Nome: Luiz Alencar Libório
Telefone: 81-9989-4667

Nome: Eldon Mendes de Souza (mestrando)
Telefone: 95-98115-0533

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP que funciona na Coordenação Geral de Pesquisa, da PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC, da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisaprac@unicap.br

Boa Vista, _____ de _____ de _____

Sujeito da pesquisa *

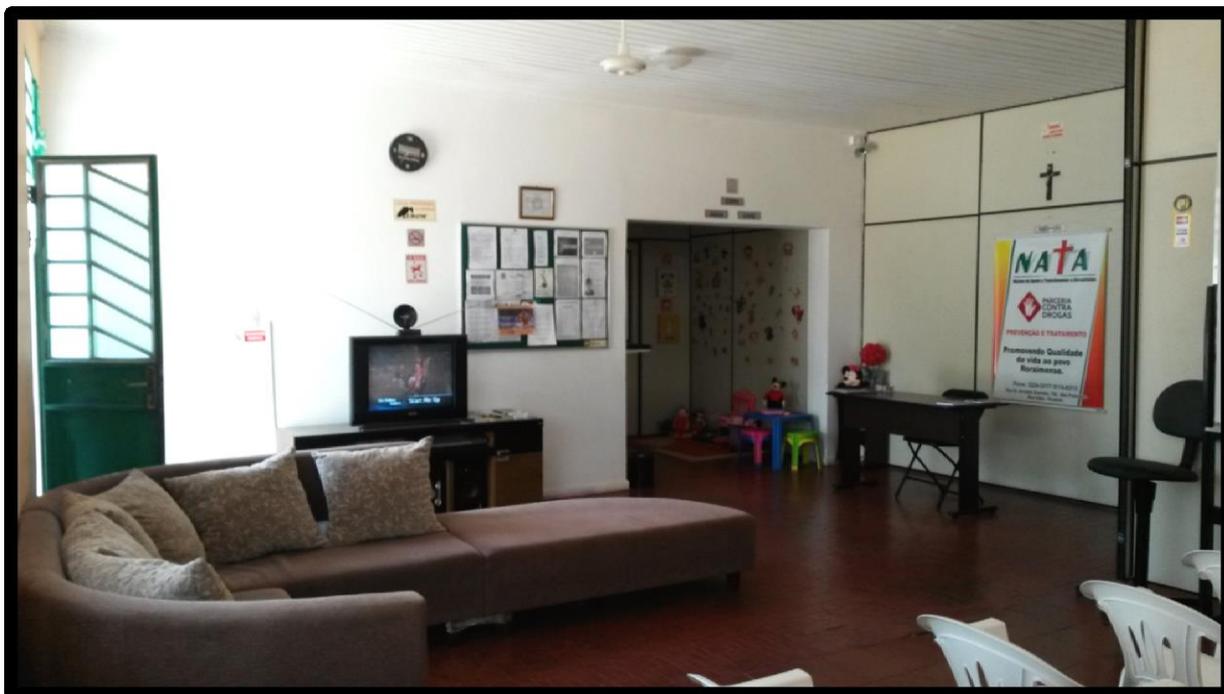
Imagem da frente do Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima



Parte interna do NATA



Parte interna do NATA



APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário misto.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ACADÊMICO: ELDON MENDES DE SOUZA

**QUESTIONÁRIO MISTO: INSTRUMENTO DE PESQUISA DIRECIONADO AOS
DEPENDENTES QUÍMICOS EM RECUPERAÇÃO NO NÚCLEO DE APOIO A
TOXICÔMANOS E ALCOOLISTAS (NATA) EM BOA VISTA, RORAIMA.**

Este questionário é direcionado aos dependentes químicos em recuperação no Núcleo de Apoio a Toxicômanos e Alcoolistas (NATA) em Boa Vista, Roraima, cujo objetivo principal é coletar dados acerca da influência da dimensão religiosa na recuperação destes sujeitos público alvo da pesquisa.

O questionário visa essencialmente atender os requisitos da pesquisa de campo do trabalho dissertativo em desenvolvimento para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco. Deste modo, as questões que compõem esse questionário terão aplicação meramente acadêmica, onde será preservada a anonimato dos respondentes.

ETAPA 1 – CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO ALVO DE PESQUISA

Atributo	Respostas
Idade	_____
Gênero	() Masculino () Feminino
Estado civil	() Casado(a) () Solteiro(a) () Outros _____
Escolaridade	() Analfabeto () Fundamental () Médio () Superior
Classe social	() Baixa () Média () Alta
Ocupação	() Trabalho remunerado com CTPS () Autônomo () Servidor público () Empresário () Não trabalho

Tempo de dependência química	
------------------------------	--

ETAPA 2 – RELIGIÃO E RECUPERAÇÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

1)Você acredita em Deus?

Sim () Não () NR ()

2)Você tem uma Religião (Igreja)?

Sim () Não () NR ()

3)Se SIM, Qual? _____

4)Você a frequenta?

Sim () Não () NR ()

5)Se SIM, com que frequência você a frequenta?

Regularmente () De vez em quando () Quase nunca vai ()

6)Você acha que sua Religião ajuda na sua recuperação química?

Sim () Não () NR ()

7)Se SIM, Como?

8)Você acredita que devoções (atos) e símbolos religiosos ajudam em sua recuperação?

Sim () Não () NR ()

9)Se SIM, Como?

10)Você pratica devoções e utiliza símbolos religiosos para se recuperar?

Sim () Não () NR ()

11)Se SIM: Quais devoções (atividades) e que símbolos utiliza?

Devoções:

Símbolos:

12)Como essas devoções (atos, atividades, rituais) e símbolos ajudam você a se recuperar?

13)O que motiva você a praticar essas ações e utilizar esses símbolos?

14)Após praticar isso, você se sente mais recuperado da dependência química?

Sim () Não () NR ()

15)Se SIM, como você se sente?
